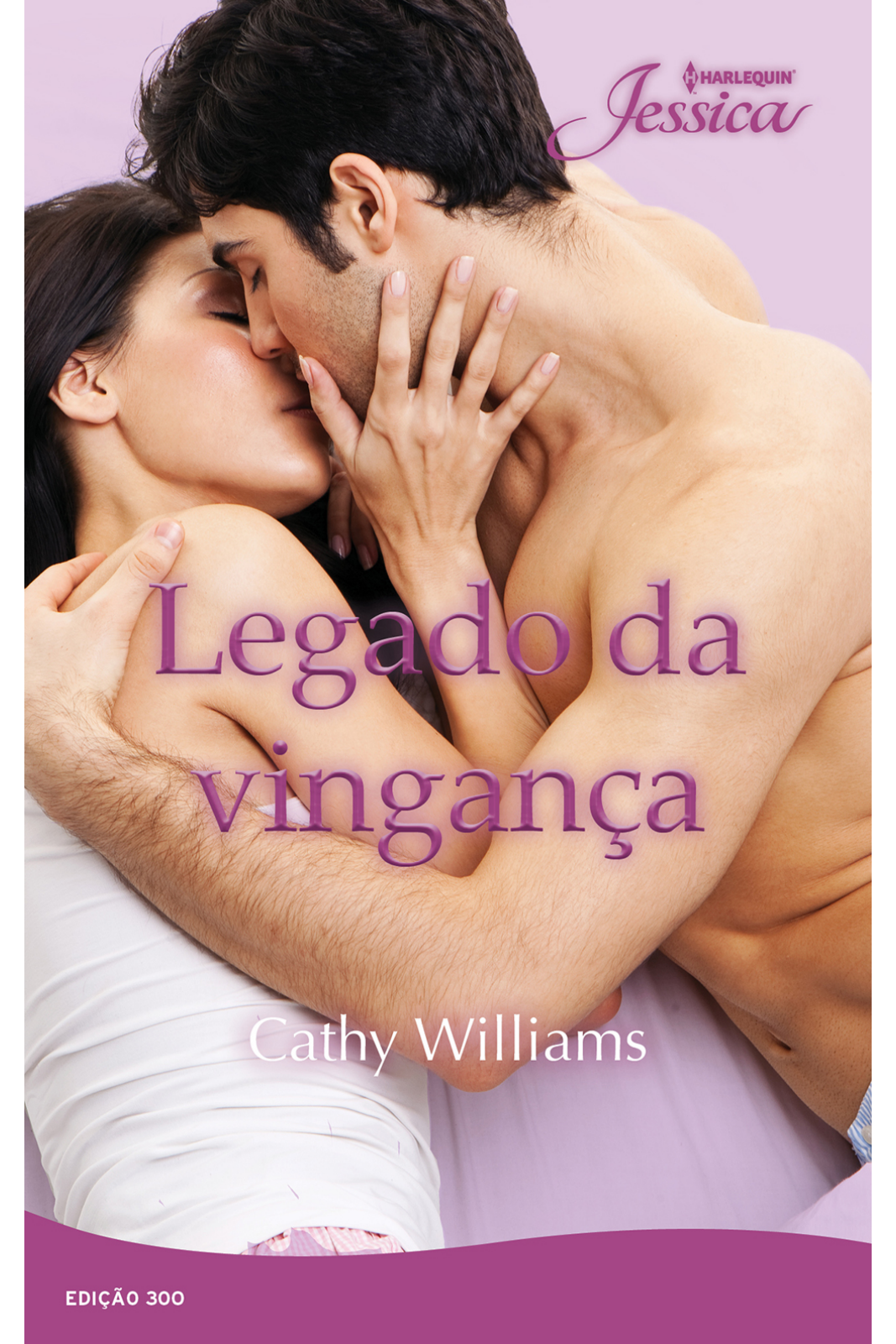


A romantic couple embracing. The man is shirtless and has his arms around the woman. The woman is wearing a white top and has her eyes closed, leaning into the man. The background is a soft purple.

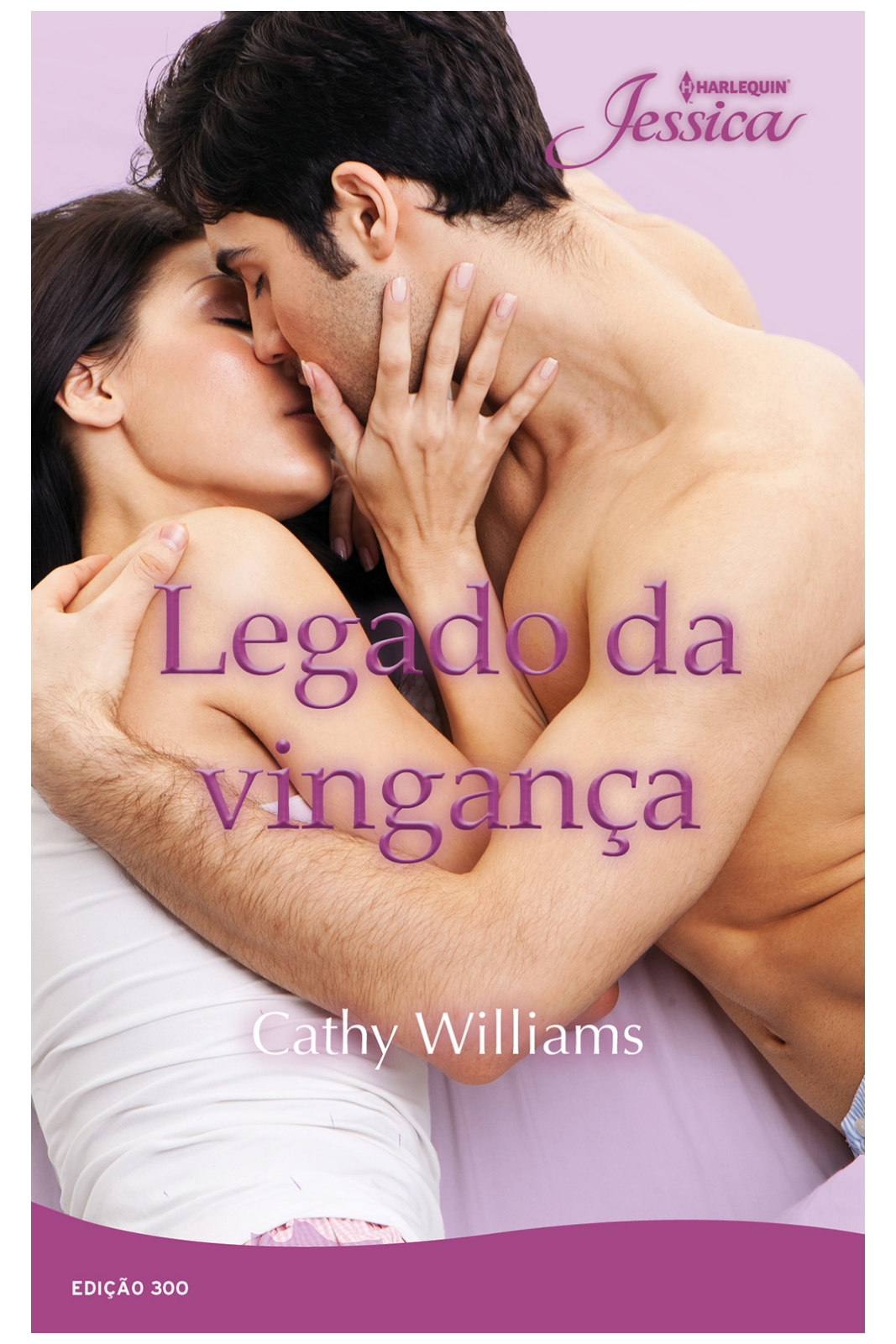
 HARLEQUIN®
Jessica

Legado da vingança

Cathy Williams

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



HARLEQUIN
Jessica

Legado da vingança

Cathy Williams

EDIÇÃO 300

Sophie Watts fica desesperada quando bate com seu carro na luxuosa Maserati do bilionário Matias Rivero. Para piorar tudo, a proposta que ele faz para que ela possa quitar a dívida é que seja a chef de uma festa glamourosa em sua mansão!

Ter Sophie em suas mãos é uma oportunidade única para Matias, que precisa descobrir tudo o que pode sobre o pai dela — o homem que destruiu sua família. Ele a seduzirá para descobrir a verdade e planejar a melhor vingança... Mas o que ele não esperava é que seu plano teria uma gravidez como consequência!



Cathy Williams

LEGADO DA VINGANÇA

Tradução
Fabia Vitiello



2019

CAPÍTULO 1

— ELE TEM UMA filha.

Sob o impacto daquela revelação, Matias Rivero encarou o amigo e funcionário, Art Delgado. Como Matias, Art estava com 32 anos. Tinham frequentado a escola juntos e formado laços improváveis de amizade, com Matias no papel de protetor, sempre de olho no amigo. Pequeno, asmático e usando óculos, Art tinha sido desde sempre um alvo fácil para os valentões, até a entrada de Matias para a turma, que, feroz como um tubarão, tomara as providências para que ninguém voltasse a incomodar o garoto que tinha passado todos os dias dos dois anos anteriores temendo ser surrado pelos colegas.

Agora, tantos anos depois, Matias era o chefe de Art e, por sua vez, Art era seu empregado mais leal. Não havia outra pessoa em quem Matias confiasse tanto. Fez um gesto para que Art se sentasse e se inclinou para pegar o celular que ele lhe oferecia.

Examinou as três fotografias que mostravam o vulto de alguém pequeno e curvilíneo deixando a mansão de Carney em um carro tão velho que parecia prestes a ir direito para o ferro velho.

Matias se perguntou por que ela não estava usando um carro mais adequado à filha de um homem que tinha passado a vida focado em fazer da ascensão social sua prioridade.

Contudo, mais do que isso, Matias se indagou quem era aquela mulher e por que nunca tinha ouvido falar dela.

— Como é possível que eu só esteja descobrindo agora que o homem tem uma filha? — murmurou Matias, devolvendo o celular para o amigo e recostando-se à cadeira. — Na verdade, como você tem certeza de que ela é filha dele?

Passava um pouco depois das 19h e o escritório estava vazio. Ainda estavam no verão, era sexta-feira e as pessoas tinham coisas melhores para fazer do que trabalhar. Não havia nada urgente para ser resolvido. Sua última amante tinha sido dispensada algumas semanas atrás. No momento, Matias tinha todo o

tempo do mundo para se concentrar em seus planos.

— Porque ela me confessou que era — Art ajeitou os óculos de armação de metal e encarou o amigo com alguma preocupação. — Mas não acho que isso vá fazer alguma diferença, Matias. Certo? — proferiu ele, parecendo desconfortável.

Matias empurrou a cadeira para trás e se levantou. Sentado, era um homem formidável. Mas de pé era impressionante. O corpo era uma sólida construção de músculos bem trabalhados, com mais de 1,90m de altura. Cabelo e olhos negros, resultado do encontro de um pai argentino e uma mãe irlandesa, Matias tinha sorte no quesito genética. O rosto anguloso exibia traços marcantes. No momento, franzia a testa, pensativo, enquanto caminhava na direção da enorme janela de vidro que o separava das ruas movimentadas de Londres, bem no coração da cidade.

Daquela altura, os vultos abaixo dele pareciam palitos de fósforo e os carros, brinquedos.

Matias ignorou a última parte do comentário do amigo e interrogou:

— O que quer dizer com “ela me confessou que era”?

Ora, se fosse o caso, eu saberia da existência dela. Ele era casado e não teve filhos, pensou Matias. Na realidade, não estava interessado nos detalhes pessoais da vida de James Carney.

Por que se importaria com o fato de ele ter ou não filhos?

Por anos, desde que conseguia se lembrar, Matias tinha se concentrado em arruinar a vida daquele homem. Queria tomar de Carney a empresa que jamais deveria ter passado para as mãos dele. Uma empresa fundada sobre mentiras, traições e o roubo da invenção do pai de Matias.

Ganhar dinheiro e tornar-se um homem poderoso eram condições tão fundamentais para que Matias pudesse almejar tomar para si a empresa de Carney, que tinha se tornado impossível separá-las. A caminhada de Matias em direção à riqueza também foi uma jornada para satisfazer sua sede de vingança. Tinha cursado uma faculdade de primeira linha e, depois de formado, trabalhara em um banco de investimentos por dois anos, ganhando o dinheiro que precisava para seguir com o plano. Foi assim que Matias construiu uma fortuna razoável e conseguiu uma agenda de telefones cheia de nomes importantes e conexões valiosas. E, então, sem qualquer peso na consciência, deu início à sua escalada até o topo, através de fusões e aquisições de empresas, tornando-se cada vez mais rico e poderoso.

Ao longo daqueles anos, foi paciente e não perdeu de vista a empresa de Carney.

Nos últimos anos, Matias estava circulando em torno da empresa, um predador esperando exatamente o momento certo. Será que devia começar o processo de compra de ações para então inundar o mercado com elas,

mergulhando a empresa em um colapso prematuro? Deveria aguardar que a saúde financeira da empresa se deteriorasse de forma irremediável para dar início a uma aquisição hostil? Decisões, decisões.

Matias tinha pensado em vingança por tanto tempo que quase não havia pressa agora, mas a hora da conclusão de seu plano se aproximava. As cartas que tinha recuperado da mãe, antes de ela ser internada três semanas antes, mostraram a Matias a direção a seguir.

— Então? — inquiriu ele, voltando para sua cadeira, sentindo-se subitamente inquieto, ansioso para começar logo a vingança. — Você teve uma conversa amigável com ela? Como concluiu isso? Estou curioso.

— Pura coincidência — replicou Art. — Estava prestes a entrar na propriedade de Carney, quando ela, saindo dali, veio em minha direção em alta velocidade, derrapou e enfiou o carro dela no seu.

— Ela bateu no meu carro? Qual deles?

— A Maserati — respondeu Art. — Um amassado feio, mas o carro dela deu perda total.

— Então ela bateu na minha Maserati, confidenciou a você quem era e depois... O que houve?

— Você parece desconfiado, Matias, mas foi isso mesmo que aconteceu. Questionei se aquela era a residência de Carney, ela assegurou que sim, que o pai morava ali e que tinha acabado de vê-lo. Avisou que ele estava de mau humor e que poderia ser uma boa ideia repensar quaisquer planos que eu tivesse com ele.

— Então existe uma filha — Matias estava pensativo. — Interessante.

— Uma boa garota, Matias, ou assim pareceu.

— Impossível. Carney é um lixo. É impossível que ele tenha gerado qualquer coisa minimamente *boa*. — Art tinha uma confiança instintiva na bondade da natureza humana que ele, Matias, não tinha.

Ele pensou no pai, que conhecera James Carney na universidade. Tomas Rivero tinha sido um homem brilhante, com um dom para coisas ligadas à matemática. Ele também carecia de perspicácia para os negócios quando, aos 24 anos, inventara um programa de computador que facilitou a análise experimental de medicamentos. Era uma presa fácil diante de um homem que foi muito rápido em verificar o que programa poderia fazer e o dinheiro que poderia render.

James Carney era um jovem rico, com um séquito de seguidores e visão para o que importava. Tinha se tornado amigo de Tomas e, quando chegou a hora certa, conseguiu fazer com que Rivero assinasse os documentos que lhe garantiriam os royalties e dividendos do programa.

Em retribuição, Tomas tinha sido deixado de lado, esquecido em um emprego de quinta categoria, um cargo no negócio familiar, já em dificuldades,

que Carney havia herdado do pai. O pai de Matias nunca conseguiu se recuperar da traição.

Tomas tinha morrido havia mais de uma década e Rose Rivero nunca tomara qualquer providência para lutar pelo que pertencia ao marido.

Para Rose, o passado devia ser deixado para trás. Não era assim que Matias via as coisas, pois se lembrava da tristeza e da humilhação que o pai carregava.

Até onde Matias sabia, o pai nunca havia se recuperado por completo do roubo de Carney. Tinha ocupado um cargo lamentável na empresa até se transferir para outra, mas começou a ter problemas de saúde na mesma época, e Rose Rivero precisou trabalhar para ajudar a pagar as contas.

A mãe o havia advertido sobre vingança, mas ele tinha fúria suficiente para se vingar pelos dois.

No caminho para o sucesso, talvez tivesse se distraído um pouco de seu objetivo. Até encontrar aquelas cartas.

— Ela deve ter lhe contado seus dados para a papelada do seguro do carro, Art. Qual é o nome dela?

— Vou lhe enviar um e-mail com os detalhes. Não tive a chance de dar uma olhada, mas tirei uma fotografia do documento.

— Faça isso agora, Art. E pode deixar que eu mesmo lido com ela.

— Por quê? — Art era a única pessoa que ousaria fazer uma pergunta tão direta. Sobre tudo uma indagação em um tom de advertência.

— Vamos dizer que desejo conhecê-la melhor. Conhecimento é poder, Art, e agora me arrependo de não ter cavado um pouco mais fundo a vida particular de Carney. Mas não fique tão preocupado! Não sou o Lobo Mau. Não tenho o hábito de devorar jovens inocentes. Então, se ela é tão *boa* quanto você diz, não será prejudicada.

— Sua mãe não iria gostar disso.

— Minha mãe é boa até demais. — Por alguns segundos, Matias pensou em Rose Rivero, que estava se recuperando de um derrame quase fatal em um dos melhores hospitais de Londres. Se o pai nunca se recuperou da traição de Carney, a mãe nunca se recuperou da morte prematura do marido. Se pensasse bem, Carney não apenas era responsável pela penúria de sua família, como também por todo o estresse que matou seu pai, e pela saúde frágil e infelicidade que haviam assombrado a vida de sua mãe. Aquela vingança vinha sendo preparada havia muito tempo. Sem que Carney soubesse, um enorme caminhão descontrolado seguia bem rápido em sua direção.

SOPHIE WATTS observou a torre de vidro que se elevava à sua frente e estremeceu.

O homem amável, cujo carro ela *amassara* por acidente havia três dias, e que lhe dera seu número, tinha sido muito atencioso ao receber seu

telefonema. Ele lhe pediu que Sophie fosse até lá para que discutissem questões relativas ao seguro.

Infelizmente, o edifício à sua frente não parecia o tipo de lugar amigável, em que pessoas alegres e acolhedoras trabalhavam, lidando com situações espinhosas de um modo cordial e simpático. Sophie segurou a bolsa enorme com firmeza, sem tirar os olhos do prédio. A cabeça lhe alertava que ela não tinha opção a não ser continuar seguindo, enquanto os pés imploravam para que desse meia-volta em direção à sua casa em East London, onde ela tocava seu bufê.

Sophie não pertencia àquele lugar, e as roupas que tinha escolhido com cuidado para encontrar Art Delgado agora pareciam ridículas.

As jovens mulheres que passavam por ela, com suas pastas de couro e os sapatos de salto alto, usavam trajes pretos e estilosos. Caminhavam com propósito na direção da feroz torre de vidro.

Uma garota baixinha e gorducha, com cabelo rebelde, usando um vestido florido e sandálias, não pertencia àquele lugar.

Sophie se obrigou a seguir, com os olhos firmes à frente. *Para começar*, tinha sido um erro ir até lá. Mas era tarde demais para arrependimentos.

Dentro do prédio, o saguão era uma mistura cruel e maravilhosa de mármore, vidro e metal.

Havia jogos de sofás espalhados aqui e ali, em formação circular. Pareciam bonitos e bem desconfortáveis. Ficava claro que a administração não encorajava as pessoas a permanecer muito tempo ali. Diante dela, junto a um balcão, recepcionistas bastante ocupadas davam informações, enquanto filas de abelhas operárias bem-vestidas seguiam na direção dos elevadores.

Sophie sentiu uma pontada de saudade de sua cozinha, onde ela e Julie, sua sócia, conversavam, assavam, cozinhavam e faziam grandes planos para a padaria de luxo que abririam juntas um dia.

Os nervos em frangalhos a fizeram perder as informações que uma das recepcionistas acabara de lhe passar.

— Não conheço um senhor... River — pronunciou ela com educação.

— *Rivero*.

— Bem, de qualquer maneira, estou aqui para ver o sr. Delgado.

— Bem, mas sua reunião foi marcada com o sr. Rivero. — A recepcionista virou a tela do computador na direção de Sophie. — Você precisa assinar. Em qualquer parte da tela está bom e apenas use o dedo. A secretária do sr. Rivero estará esperando por você no décimo andar. Aqui está o crachá. Certifique-se de não o tirar, ou será escoltada para fora do edifício no mesmo instante.

Confusa, Sophie fez como a moça havia mandado e subiu até o décimo andar.

Quem era o sr. Rivero? Ela teve o prazer de explicar sua situação peculiar

para o gentil sr. Delgado. O que poderia ter a discutir com um completo estranho? Tensa e ofegante, Sophie desceu do elevador e foi pega pela mão por uma senhora de meia-idade muito alta, cuja expressão de simpatia não serviu para acalmar seus nervos.

Depositada como um pacote indesejado junto à porta de uma sala de tirar o fôlego, Sophie olhou ao redor por alguns segundos, com os olhos arregalados. Devagar, deu-se conta do homem que estava sentado atrás da mesa. Era o mais estonteante e lindo exemplar masculino que já tinha visto em toda a sua vida.

A respiração desacelerou e, mesmo que ela soubesse para quem estava olhando, não conseguia se obrigar a reagir. O cabelo dele era preto e lustroso, os olhos eram de um marrom profundo e denso, como o mais fino dos chocolates, as feições eram belíssimas e esculpidas com perfeição. Exalava o tipo de sensualidade que levava as mulheres a olharem para ele de novo e mais uma vez.

O silêncio se prolongou entre ambos e então ela percebeu que estava bancando a tola.

— Senhorita Watts — disse Matias, quebrando o silêncio —, pretende entrar em minha sala para que tenhamos nossa reunião? — Ele não se levantou para apertar a mão dela. Não sorriu. Não fez gesto algum que a deixasse mais à vontade. Em vez disso, indicou uma cadeira diante de sua mesa. — Sente-se.

Sophie se adiantou, sem saber se devia cumprimentá-lo, mas a expressão dele era tão ameaçadora que ela decidiu não fazer isso, afundando-se na cadeira de couro. Quase imediatamente, começou a recitar o pequeno discurso que tinha ensaiado mais cedo.

— Eu de fato sinto muito sobre o carro, senhor... Rivero. Honestamente, não fazia ideia de que seu amigo estava prestes a entrar na propriedade. Admito que talvez estivesse dirigindo um pouco mais rápido que de costume, mas quero esclarecer que *não foi intencional*. — O que ela poderia ter dito, mas não o fez, foi que sua visão estava borrada porque estava fazendo seu melhor para não chorar depois de um encontro desconfortável e tempestuoso com James Carney.

ATENTO, MATIAS a observava, os olhos escuros fixos no rosto dela, corado e surpreendentemente bonito. Ele preferia modelos, com corpos alongados e angulosos e rostos impactantes e fotogênicos, mas havia algo sedutor naquela mulher sentada diante dele. Alguma coisa na suavidade do seu rosto, no tom pálido de seu cabelo rebelde e na claridade perfeita dos seus olhos cor de água-marinha, prendia a atenção dele. Matias supôs que o interesse por ela se devesse ao fato de Sophie estar ligada a James Carney.

No minuto em que descobrira sobre a existência dela, reconheceu o presente que tinha caído em seu colo.

Lembrou-se das cartas que tinha descoberto e trincou os dentes. Aquele olhar suave, aberto e inocente não iria enganá-lo. Ele não sabia como era o relacionamento dela com Carney, mas descobriria, tão certo quanto descortinaria quaisquer outros segredos que o homem pudesse estar escondendo.

— Funcionário — Anunciou isso apenas para o caso de ela pensar que teria favores especiais porque Art tinha uma ligação pessoal com ele.

— Desculpe-me?

— Art Delgado é meu funcionário. Ele estava dirigindo minha Maserati. Senhorita Watts, faz alguma ideia do quanto custa um carro desses?

— Não, não faço — retorquiu Sophie, quase incapaz de articular. Aquele homem estava exercendo um efeito bem peculiar sobre ela. Era como se a presença dele tivesse extraído o oxigênio do ar, tornando difícil sua respiração.

— Nesse caso, deixe-me esclarecer. — Ele mencionou em seguida uma quantia tão inacreditável que a fez engasgar. — E me foi dito que você não tem seguro.

— Não sabia disso... — argumentou Sophie, em voz baixa. — Em geral, sou boa em lidar com o lado burocrático da vida, mas as coisas têm estado um pouco agitadas nos últimos tempos. Cancelei meu antigo seguro e tinha planejado renovar com alguma companhia mais em conta, mas...

Matias ergueu a mão de modo arrogante e a interrompeu.

— Não estou interessado. Para encurtar a conversa, o dano ao meu carro custará alguns milhares de libras — comunicou com frieza.

O queixo de Sophie caiu.

— Milhares? — interrogou ela.

— Sim. Temo que esse não seja um caso simples. Toda a lateral esquerda do veículo terá que ser trocada. Carros desse nível têm uma manutenção bem cara.

— Eu... Eu não fazia ideia. Não tenho tanto dinheiro. Quando falei com seu amigo... Desculpe-me, seu funcionário, o sr. Delgado, pelo telefone, ele comentou que poderíamos pensar em alguma coisa.

— Bem, acontece que “pensar em alguma coisa” não é da alçada dele. — Matias tinha certeza de que seu velho amigo ergueria a sobrancelha com uma expressão sarcástica se ouvisse aquela declaração sem cabimento.

— Eu poderia lhe pagar aos poucos. Tenho um pequeno bufê com uma amiga. Começamos há apenas um ano e meio. Antes disso, éramos professoras do ensino fundamental. Foi preciso uma boa quantia de empréstimos para colocar tudo em ordem e adequar minha cozinha aos padrões e, bem... Não temos muito dinheiro em caixa.

— Em outras palavras, você está falida.

— Estamos trabalhando duro para fazer nosso negócio dar certo, sr. Rivero!

E eu tenho certeza de que podemos chegar a um acordo no que se refere a um parcelamento do pagamento do reparo do seu carro.

— Descobri que você é filha de James Carney. — Ele abaixou os olhos e então afastou a cadeira, levantou-se e caminhou para junto da janela.

Observá-lo deixou Sophie siderada. O modo como ele se movia, a flexão inconsciente da sua musculatura sob o terno caro, o corpo esguio, a aura de força que o envolvia... tudo era fascinante. Matias se virou para encará-la e ela precisou se esforçar muito para não desviar o olhar.

— E então? — inquiriu Matias. — Art estava a caminho de fazer uma visita de negócios a James Carney, quando você saiu em alta velocidade da propriedade, como um morcego fugindo do inferno, e bateu no meu carro. Não fazia ideia de que o homem ainda tivesse uma família. — Matias a observava com muito cuidado enquanto falava e ficou meio surpreso por ela não questionar que diabo ele tinha a ver com a vida particular de Carney.

Sophie estava sem palavras. Tinha ficado abalada com o acidente, chateada depois da visita ao pai, e Art Delgado era tão diferente daquele sujeito de olhar duro que a avaliava...

— Não que eu esteja preocupado com a vida particular dele, mas pensei que Carney fosse viúvo.

— Ele é.

— Então me diga onde você se encaixa nessa história — demandou Matias. — A menos, é claro, que você tenha contado uma mentirinha para meu empregado. Teve vergonha de lhe contar a verdade?

— Como?

— Que tem um caso com um homem mais velho?

— Como ousa? Isso é nojento!

— Estou tentando entender. Se não é amante dele, o homem deve ter tido uma amante enquanto era casado. Estou certo? Você é filha da mulher que Carney amava, fruto de um relacionamento extraconjugal?

Sophie deu uma risada amarga, pois nada poderia estar mais longe da verdade. Amor nunca fizera parte daquilo. Antes de sua morte prematura, a mãe, Angela Watts, tinha sido uma aspirante a atriz que teve o azar de ser parecida com Marilyn Monroe, e que cometera o erro fatal de jogar sua rede longe demais. James Carney, jovem, rico e arrogante, a havia conhecido em um clube, mas não tinha a intenção de ter um relacionamento sério com alguém que considerava uma aventureira. Esses detalhes foram contados para Sophie assim que ela teve idade o bastante para entendê-los. Ele tinha se divertido com Angela, e ela, como uma tola, pensou que poderia prendê-lo com uma gravidez. James, porém, manteve-se firme, casando-se depois com uma mulher que considerou ser de classe e posição sociais adequadas.

— Ele conheceu minha mãe antes de se casar, não que isso tenha alguma

coisa a ver com... Bem, *qualquer coisa*, sr. Rivero. Eu agradeço se fizemos um plano de pagamento da dívida. Assinarei o documento aqui e agora, e tem minha palavra de que receberá cada centavo que lhe devo. Se for isso o que deseja.

Matias riu.

— Isso é muito gentil de sua parte, mas, acredite ou não, não me tornei um homem de negócios de sucesso depositando minha fé no impossível. Não tenho ideia de quanto deve ao banco, mas suspeito que seja provável que mal consiga pagar suas contas. Estou certo?

Ele inclinou a cabeça para um lado e Sophie o encarou com aversão. Ele poderia ser uma tentação de tão lindo, mas ela nunca tinha conhecido alguém que odiasse assim, logo de cara. Sophie não era estúpida. O sr. Rivero, pelo que parecia, tinha todo o dinheiro do mundo, mas não seria compreensivo quando se tratava de recuperar cada centavo. Ela sabia que ele não daria a mínima se isso levasse seu pequeno negócio à falência.

— Poderíamos fazer um plano de pagamento — disse ele —, mas estarei morto antes que a última parcela seja paga. — Sophie tinha o rosto mais transparente do mundo, pensou Matias, e parecia tão pura quanto a neve.

Talvez não fosse feita do mesmo barro que seu pai. Com certeza, ela não tinha sido exposta ao exemplo dele no cotidiano sendo fruto de um caso da juventude. Matias estava surpreso, de verdade, por ela não ter qualquer contato com o homem e se perguntou como aquele relacionamento funcionava no tempo em que a esposa de Carney ainda estava viva.

Que outros segredos o homem escondia? Matias sabia que a empresa estava cheia de problemas financeiros, mas havia rumores sobre conduta imprópria e falta de ética. Algumas vezes, esqueletos eram difíceis de achar, por mais que a pessoa cavasse, e Carney era um homem esperto o bastante para cobrir os rastros. Não seria maravilhoso se todos os seus segredos sombrios fossem expostos?

Poderia essa garota inexperiente abrir mais portas? Um ataque em todas as frentes sem dúvida valia a pena ser considerado. As cartas que tinha encontrado faziam daquele um assunto pessoal.

— Você pode pedir dinheiro ao seu papai, não?

— Não! — Foi a vez de Sophie se levantar. Os lábios cheios estavam cerrados, formando uma linha fina e obstinada. — Não quero meu pai envolvido nisso. Leve-me à falência, se é o que deseja. — Ela apanhou a bolsa, tirou de lá um de seus cartões profissionais, lembrando-se do otimismo que Julie e ela sentiram quando mandaram imprimir-los. — Aqui está meu cartão. Verifique as instalações, se quiser. É apenas minha cozinha, mas o equipamento deve valer alguma coisa. Tenho alguns trabalhos grandes agendados, então, se for paciente, vou fazê-los e o pagarei. Quanto ao resto...

Vou vender minha casa e isso deve cobrir o resto da dívida, depois da hipoteca ser paga.

Matias a encarou, cada ângulo de seu corpo impressionante indicando que aquele era um homem tranquilo, que não se deixara levar pela explosão emocional dela.

Os olhos escuros vagaram pelo corpo de Sophie. Ela tentara um penteado mais formal, mas, em algum ponto, o cabelo se rebelara, se soltara, e mechas louras lhe emolduravam o rosto. Os olhos, de um curioso tom de turquesa, estavam arregalados e eram cercados por cílios espessos e escuros, o que contrastava com a cor do cabelo. E o corpo...

Ele se revirou na cadeira, espantado, até mesmo incomodado por perceber que Sophie tinha curvas nos lugares certos e seios fartos que, de modo indisfarçável, se anunciavam sob o pavoroso vestido florido que usava.

Sophie carecia de sofisticação e estava claro que não possuía nenhuma gota de estilo, então, Matias se indagou, com alguma irritação, o que nela havia capturado sua atenção?

— Você está exagerando — contestou ele, enquanto ela permanecia em pé. Os olhos azuis denunciavam preocupação, raiva e angústia.

— O senhor acabou de me dizer que não tem vontade de chegar a nenhum tipo de acordo comigo em relação ao dinheiro. Eu lhe devo pelo que causei ao seu carro idiota! — Normalmente afável, Sophie ficou chocada com a estridência em seu tom de voz e pelo fato de que *estava gritando com ele*. — Não posso ir até meu banco e retirar a quantia que eu precisaria para reparar o dano. Então, *é claro que estou chateada*.

— Sente-se.

— Não. Eu vou embora. O senhor pode me contatar através do número que está no meu cartão. Preciso conversar sobre isso com Julie; não sei o que ela vai dizer. Ela usou a maior parte de suas economias para tentar fazer nosso negócio dar certo, assim como eu, então terei que encontrar dinheiro para pagá-la também e me certificar de que ela não precisa pagar pelo meu erro. — A voz estava falhando e Sophie olhou para o vazio, na tentativa de se impedir de chorar.

Matias esmagou qualquer sentimento de culpa que pudesse tomá-lo. Por que deveria se sentir culpado? Estava olhando para uma mulher cujo pai tinha destruído sua família. Não devia, portanto, sentir-se culpado. Afinal, valia tudo no amor e na guerra, não era esse o ditado?

— Você poderia fazer isso — proferiu ele em voz baixa —, ou poderia sentar-se e ouvir a proposta que tenho para fazer.

CAPÍTULO 2

— **P**EGUE LEVE com a garota — aconselhara Art ao amigo no dia anterior. — Você não deve tratá-la mal só porque Carney é o pai dela.

Matias resolveu não discutir com o amigo. Sabia que filho de peixe, peixinho é, e sorrisos e piscadelas, as artimanhas que acreditava terem sido empregadas para enganar Art, não eram atestado de uma alma pura.

Agora, no entanto, estava questionando a ideia que fizera de Sophie antes de conhecê-la. Era raro, se é que já acontecera, que Matias errasse quando se tratava de julgar as pessoas, mas, dessa vez, Art poderia ter acertado. Matias não achava que ela gastava todo o seu tempo livre ajudando os pobres e desafortunados, ou que fosse totalmente estranha a qualquer tipo de maldade. O que ele *tinha certeza* era de que sua vingança seria mais produtiva se a conhecesse melhor.

Sophie era a peça inesperada de um quebra-cabeça que Matias pensara ter acabado. Agora, teria que encaixá-la em algum lugar.

Tinha esperado anos por uma chance de vingança. Esperar mais algumas semanas não iria matá-lo, e isso poderia até colocá-lo em uma posição de mais poder.

Ele observou o rosto ansioso dela e sorriu sem pressa.

— Não há necessidade de parecer tão preocupada. Não sou um homem que castiga as pessoas, srta. Watts... *É* senhorita, não é?

Sophie assentiu e tocou o dedo anelar, sem qualquer adorno. Houve um tempo em que tinha um namorado. Houve um tempo em que sonhara com um casamento, filhos e um final feliz, mas a realidade tinha planos diferentes para ela.

— Tem namorado? — Matias não deixou de perceber o gesto inconsciente dela. Nenhum anel em seu dedo. Havia existido um? Algum dia? Divorciada? Ela parecia muito jovem, mas quem sabe? Não era do seu feitio, mas era aconselhável conhecer sua presa.

— Não sei o que isso tem a ver com a questão de seu carro, senhor... Rivers...

— *Rivero* — Matias franziu a testa, porque não era frequente que alguém esquecesse seu nome. Na verdade, nunca tinha acontecido. — Indo direto ao ponto, tem a ver, sim. Você me deve dinheiro, mas se o que está me contando é verdade, então parece que tenho pouca ou nenhuma esperança de receber o que me deve.

— Por que eu não estaria lhe dizendo a verdade?

Matias ponderou se devia dizer-lhe que, decerto, o pai dela não estava feliz em ver sua filha trabalhando diante de um forno quente, cozinhando para outras pessoas. Pelo que ele sabia sobre Carney, manter as aparências era uma coisa que consumia todo o seu tempo e, com certeza, sua prole fazia parte do mesmo jogo.

Apesar de acreditar nisso, Matias não tinha a intenção de revelar o que pensava. De qualquer forma, seria uma questão de segundos checar a história dela, e ele tinha certeza de que Sophie estava falando a verdade. O carro dela não sugeria alguém com uma conta bancária invejável e sua desatenção com a questão do seguro reforçava essa impressão.

Ele deu de ombros.

— Talvez imagine que, alegando pobreza, irá me comover de alguma forma.

— Isso nunca passou pela minha cabeça — afirmou Sophie com honestidade. — Não consigo pensar que alguém seria louco o bastante para tentar apelar para sua humanidade.

— Como é? — Distraído por um momento, Matias a encarou sem acreditar no que ouvia. Ela se atrevera a *criticá-lo*?

Sophie não recuou. Detestava discussões e evitava confrontos como se fossem uma praga, mas era uma pessoa franca e podia ser muito teimosa. *Precisava* ser, já que teve que ocupar o lugar da mãe quando ela morreu e ir atrás do que achava que James Carney lhe devia.

Não tinha ideia de aonde Matias queria chegar. Ele tinha mencionado uma solução para o problema, mas não relatara, na realidade, qual seria essa solução.

— Se o senhor fosse uma pessoa melhor — comentou ela —, tentaria entender minha situação. É provável que não tenha ideia do que é se esforçar, porque se tivesse, seria capaz de se colocar no meu lugar e encontraria uma solução para o problema. Se me der uma chance, vou pagar o que devo.

— Essa é sua ideia de me amolecer? — interrogou Matias com frieza. — Porque se for, está seguindo na direção errada.

— O senhor assegurou que tinha uma proposta para mim — frisou ela, lembrando-o, agarrando aquele colete salva-vidas. Talvez, se pensasse só em si mesma, poderia ter recuado, mas havia outras pessoas em quem pensar.

Matias sentiu-se vivo ao ouvir aquele desafio inesperado. Sua vida era previsível. Tinha atingido o topo ainda no começo dos 30. As pessoas o

adoravam, procuravam seus conselhos, faziam o possível para agradá-lo. E, apesar de todo o dinheiro e poder, Matias se sentia desapontado ao perceber que havia alguma coisa faltando em sua vida, alguma coisa que nem mesmo as chamas brilhantes da vingança tinham sido capazes de lhe dar.

No que dizia respeito à sua vida profissional, quando pensava no jovem faminto que tinha sido um dia, sentia-se como se estivesse olhando para um estranho. E na vida pessoal, saber que poderia ter qualquer mulher tinha lhe roubado a emoção da conquista. Agora, pela primeira vez em anos, estava enfrentando um desafio que exigiria tudo dele. Gostava daquela sensação.

— Em duas semanas — Matias voltou para sua mesa e se sentou —, devo dar uma festa durante o fim de semana, em uma das minhas casas. Receberei cerca de oitenta pessoas, e meus amigos esperam refeições de certo padrão. Eu fornecerei os ingredientes. Você cuidará de todo o resto. Naturalmente, não será paga pelo serviço. Surpreenda-me e continuaremos daí. Não tenho a intenção de exercer meu direito de pedir sua falência porque, para começar, dirigir sem seguro é contra a lei. Se eu fosse agir de acordo com a lei, você seria presa.

— Em outras palavras, serei mantida sob seu controle até que considere a dívida paga.

Matias inclinou a cabeça para o lado e sorriu com frieza.

— Esse é um modo de colocar a situação... — Com aquele arranjo, poderia descobrir mais sobre ela e, portanto, mais sobre o pai dela. — E, quando pensar nas alternativas — argumentou Matias —, vai se dar conta de que esse é um bom acordo. — Você talvez até possa... — ele lhe devolveu o cartão —, distribuir alguns desses, de maneira discreta, durante o fim de semana.

— Posso levar minha sócia?

— Acho que não. Vou garantir que receba toda a ajuda que possa vir a precisar, mas você estará sozinha. — Ele olhou para o relógio, mas não se levantou, esperando que Sophie deduzisse que a reunião tinha acabado. Ela se levantou e o encarou.

Como poderia alguém tão bonito exalar tanta frieza?

— Vamos assinar um contrato?

— Não confia em mim?

Sophie desviou o olhar e pensou em seu pai. Nunca aprendera a confiar.

— Não confio em muitas pessoas — retrucou ela, sem se exaltar, e Matias ficou curioso.

— Não? — inquiriu. — Eu também não confio em muitas pessoas, mas como você apontou, não sou uma boa pessoa. Espero que você seja. Estou certo?

— Descobri que é inevitável que as pessoas nos decepcionem — retorquiu Sophie, sentindo dor. Ah, Deus, o que a induzira a declarar aquilo? — Então,

esse arranjo funcionaria melhor se eu tivesse alguma coisa por escrito enquanto estou...

— Pedirei para minha secretária rascunhar alguma coisa. — Agindo com formalidade, Matias se levantou, deixando claro que o tempo dela havia terminado. — Fique tranquila, não será obrigada a se tornar minha escrava por dívidas.

Os olhos escuros se fixaram nela, enquanto Sophie se levantava. Ela dava a impressão de ser alguém cujos olhos estavam sempre tristes e Matias entendeu como Art tinha sido afetado pela fragilidade dela. Mas ele não era tão fácil de enganar. Tinha visto o fogo queimando sob a superfície. Ela corava como uma virgem, mas aqueles olhos de água-marinha eram envolventes como o canto de uma sereia. Mal podia esperar para chegar ao fundo dela e descobrir como Sophie poderia contribuir na arquitetura de sua vingança.

— MAS ACHO que deve haver *outro modo* de resolver essa situação! Vou ficar por minha conta por *muitos dias* e não sei se consigo lidar sozinha com a festa dos Ross!

Sophie se solidarizava de Julie e olhava a amiga com compaixão. Era tudo o que poderia oferecer. Tinha que cumprir sua parte no acordo que assinara com o diabo.

— Mas, olhando pelo lado bom — disse, com um tom de voz animado —, pense em todos os contatos que vou fazer! — Sentiu-se compelida a repetir, porque o que era justo, era justo. — E ele poderia ter tirado tudo de nós para pagar o prejuízo do carro. Não fazia ideia de que *um carro* pudesse custar tanto para ser consertado! Isso é uma loucura.

Matias ia mandar um carro para buscá-la e Sophie olhou para o relógio com uma sensação de morte iminente. Quinze dias antes, a secretária dele tinha lhe enviado um e-mail com uma lista extensa de coisas que ela “deveria levar, deveria saber e deveria estar preparada para cumprir”.

Não haveria como se desviar do cardápio e Sophie precisava se certificar de que cada refeição fosse preparada segundo o padrão mais alto possível.

Foi informada sobre quantos ajudantes teria e como eles deveriam se comportar. Lendo as entrelinhas, a ordem era simples: *não confraternizar com os convidados*.

Foi informada do código de vestimenta para todos os membros da equipe, incluindo ela mesma. Nada de calça jeans, nada de roupa casual.

Sophie tinha passado as últimas duas noites acordada, preocupando-se com o que aconteceria se falhasse. Matias Rivero não era, pensou, insensível o bastante para arrancar tudo o que tinha sem quaisquer escrúpulos, mas pretendia reaver seu dinheiro de um modo ou de outro.

Aquele era o maior trabalho que Sophie já tinha enfrentado e também o de

mais alto padrão, o que a apavorava.

Quando o carro chegou, respirou fundo e apanhou sua mala.

Haveria um uniforme esperando por ela na casa de campo, em Lake District. Seguindo à risca as instruções sobre não usar roupa casual, Sophie tinha vestido uma desconfortável saia acinzentada e uma blusa branca. Um pouco depois das 10h, com o sol alto no céu, a roupa já estava fazendo com que ela transpirasse.

Sophie apegou-se à tênue esperança de que, talvez, passasse todo o seu tempo na cozinha. Com alguma sorte, não veria Matias ou seus convidados. Era uma excelente cozinheira e mais do que capaz de executar o cardápio que lhe enviassem. Se não tivesse que interagir com os outros, ficaria bem.

Quando o carro, depois de uma viagem confortável, atravessou os imponentes portões de ferro da propriedade e seguiu por um caminho arborizado de ambos os lados, ela foi tomada por uma terrível sensação de pânico.

A casa ficava no topo de uma colina. Sophie esperava algo tradicional, talvez uma mansão vitoriana com chaminés e tijolos vermelhos desbotados. Mas a maravilha moderna que a recebeu a fez suspirar de contentamento. O arquiteto havia projetado a casa para ser uma extensão orgânica da colina e ela parecia estar incrustada ali, com o vidro e o chumbo de sua estrutura se projetando naturalmente desde a rocha e as folhagens, como se brotasse do chão como as árvores que a cercavam.

Depois de contornarem um pequeno lago, aproximaram-se da casa passando por um jardim perfeito para acomodar os convidados. No pátio, apenas três carros. Aquela visão a fez estremecer. Em meio a uma multidão, conseguiria desaparecer, mas em uma casa vazia seria mais difícil. Ter consciência daquilo a perturbava, porque Matias a fazia sentir-se, de alguma forma, inquieta, autoconsciente demais para ficar confortável consigo mesma. Sua bagagem foi tirada do carro e Sophie foi levada por dentro daquela casa maravilhosa em direção à cozinha por uma gentil mulher de meia-idade, que se apresentou como Debbie.

Percorreram um corredor fresco e silencioso, de mármore branco, com quadros abstratos nas paredes. Quando afinal tirou sua atenção da casa, foi para notar que Debbie tinha se retirado discretamente e que, bem à sua frente, estava Matias, esperando por ela contra a porta da cozinha.

— Olá, enfim.

— Ah... Olá. Achei que a casa estivesse cheia de gente.

— Os primeiros hóspedes não chegarão até amanhã. Quer se familiarizar com a cozinha?

Ele abriu a porta e Sophie viu uma cozinha do tamanho de um campo de futebol, equipada com o que havia de melhor.

— Meu Deus... Bem, quer me mostrar onde estão as coisas por aqui? — Matias olhou vagamente ao redor e as sobranceiras de Sophie se ergueram. — Não conhece essa cozinha, conhece?

— Não sou um chef. Além disso, sou um grande adepto da teoria de que se alguém pode fazer algo melhor do que você, é melhor contratá-lo.

Sophie riu e, surpresa com isso, corou. O coração dela batia rápido e ela estava confusa outra vez, porque podia sentir o impulso da atração que desafiava toda a lógica.

Aquele era um homem arrogante, cruel e tinha o tipo de autoconfiança que vinha da certeza de que podia agir como quisesse sem consequências. Tinha poder, dinheiro, boa aparência, uma combinação mortal que poderia ser atrativa para outras mulheres, mas não para ela.

Sophie sabia que Matias era apenas uma versão do tipo de homem por quem a mãe dela sempre se sentira atraída. Homens vaidosos, egoístas e inapropriados que ficavam felizes em passar algumas horas agradáveis com ela para depois largá-la. Sophie tinha amado demais a mãe, mas reconhecia suas muitas falhas e jurou para si mesma que, quando se tratasse de homens, faria escolhas corretas. Não seria igual a mãe.

Mas então... por que achava tão difícil tirar os olhos de Matias? Por que a presença dele naquela cozinha a perturbava, aquele homem ágil, misterioso e perigosamente sexy?

— Por que não dá uma olhada por aí?

Matias a observou enquanto ela andava pela cozinha. Sophie tinha curvas nos lugares certos. A foto embaçada que viu no celular de Art não fazia justiça a ela. Os olhos dele flutuaram do rosto dela para os seios que pressionavam os botões da blusa de mangas curtas. Ela estava mexendo nos armários, checando o estoque, presumiu, e a blusa se ergueu para revelar um pedaço da pele pálida e macia em sua cintura. Aquela visão fez o corpo dele despertar com muito mais entusiasmo do que Matias teria esperado.

— Tudo parece novinho em folha. Quantas vezes essa cozinha foi usada?

— Não muitas — admitiu Matias, ajustando sua posição para controlar o corpo desobediente.

O cabelo dela era de um tom extraordinário de loiro, e ele podia dizer que era natural. Bonito e rebelde. Além disso, Sophie tinha o rosto em formato de coração, o que lhe dava a aparência de um anjo. Um anjinho sexy.

— No verão, tento aparecer aqui pelo menos em um fim de semana. Mas dias livres nem sempre são uma opção para mim.

— Por que é viciado em trabalho?

— Descobri que trabalho é a única coisa da qual você pode depender — anunciou Matias. — E foi graças ao trabalho que conheci seu pai.

Sophie se virou para encará-lo.

— Conhece meu pai? Você o *conhece* de verdade?

— Não posso dizer que o conheci pessoalmente, mas *ouvi falar* sobre ele. Na verdade, estava pensando em propor um negócio ao seu pai, e é por isso que Art estava indo procurá-lo. — Em outras palavras, ele tinha mandado Art para fazer o trabalho preliminar de avisar Carney que seu tempo estava chegando ao fim. Ele, Matias, entraria em cena apenas quando a rede estivesse pronta para ser puxada.

— Pobre Art.

— Por que você diz isso?

— Não acho que ele teria conseguido muita coisa de James, ainda que tivesse conseguido entrar na casa.

— *James?* Você chama seu pai de *James*?

— Ele prefere do que ser chamado de pai. — Sophie corou. — Creio que acha que a palavra o envelhece.

— E há também o fato de você ser filha ilegítima, não? Acho que ele se sentiria desconfortável, sendo casado, de ser chamado de pai pela filha que teve com outra mulher.

Sophie corou ainda mais. O que e o quanto deveria contar a ele? Não deveria lhe contar sobre o tipo de homem que o pai era e, o mais importante, sobre as razões que levaram à mãe a manter contato com ele.

— Tem razão. O relacionamento dele com minha mãe foi uma indiscrição da juventude e ele não quer ser lembrado disso.

— Ele engravidou sua mãe e se recusou a casar com ela.

A conversa que tivera com o pai, antes de deixar a casa dele bastante perturbada e de bater o carro, tinha sido muito dura. Ele lhe contara que estava falido.

— E não fique aí me encarando feito uma idiota! — gritara o pai. — Você tem sua parcela de culpa na minha situação, vindo aqui todo mês e me exigindo mais e mais dinheiro. Agora, *não me restou coisa alguma*. Você me entende? *Nada!*

Encolhendo-se contra a cornija de mármore da lareira, temendo deveras que ele a agredisse fisicamente, Sophie não respondeu. Escutou suas provocações e ameaças e, por fim, deixou a casa com muito menos do que precisava.

E se ele estivesse falando a verdade? E se ele *estivesse mesmo* indo à falência? *O que aconteceria com Eric?*

Como sempre, pensar no irmão fez o coração se apertar. Apesar de todas as decisões tolas, a mãe tinha sido feroz em proteger o filho e tinha decidido, desde o início, que não seria colocada de lado por um homem que tivera prazer em dormir com ela por quatro anos, antes de abandoná-la quando a mulher perfeita afinal apareceu em cena. A mãe lançou mão da única arma

que tinha em seu arsenal para conseguir o dinheiro que precisava para que Eric fosse cuidado em um lugar caríssimo, onde suas necessidades seriam atendidas.

Chantagem.

Como reagiriam aquelas pessoas esnobes com as quais James convivia se soubessem que ele tinha se recusado a sustentar seu filho com problemas e a família que formara de modo imprudente, pensando que lhe fariam o favor de desaparecer quando lhe conviesse? James pagava as despesas deles porque valorizava a opinião de estranhos mais que qualquer outra coisa no mundo, e não porque sentia alguma afeição pelo filho que nunca via ou pela filha que detestava apenas por ela ser uma extensão da mulher que, até onde James sabia, tinha ajudado a mandá-lo para a pobreza.

Se não havia mais dinheiro, Eric sofreria com a situação e Sophie se recusou a permitir que o irmão passasse por isso. Se Matias estava interessado em fazer um acordo com James, um acordo que poderia permitir que ele continuasse a pagar as despesas de Eric, não seria ela a prejudicar o negócio, contando-lhe sobre a pessoa horrível que James era. Se o pai continuasse a ter dinheiro, Eric estaria seguro.

— A vida é assim. — Ela deu de ombros, disfarçando o que sentia. — Não há muitos homens que teriam achado fácil apresentar uma família estranha para a esposa. — Ela respirou fundo e mencionou, brincando com a verdade, como se fosse massinha de modelar: — Mas ele sempre esteve presente para minha mãe... E agora... para mim...

Matias se questionou se estavam falando sobre a mesma pessoa.

— Então você diria que ele é alguém com quem eu deveria fazer negócio?

Com os dedos cruzados nas costas, Sophie pensou no irmão, perdido em seu mundo, na instituição onde ela o visitava pelo menos uma vez por semana, o irmão que, com certeza, teria uma vida muito diferente sem todo o cuidado que recebia, cuidado que só o dinheiro poderia comprar.

— Sim. É claro. Sem dúvida. — Ela forçou um sorriso. — Tenho certeza de que meu pai adoraria se você entrasse em contato com ele.

CAPÍTULO 3

MATIAS ABAIXOU os olhos escuros e impressionantes. Então, ou ela não fazia ideia do tipo de homem que o pai era ou sabia muito bem e tinha sido manchada com a mesma tinta de ganância, daí o entusiasmo por Matias investir seu dinheiro com James.

Ele se perguntou se, ao longo do tempo, com as finanças do pai dela indo pelo ralo mais rápido do que água escorrendo por um buraco, Sophie veria a si mesma como uma vítima acidental dos recursos limitados de James. Tinha acabado de declarar que o pai a apoiava financeiramente, bem como havia apoiado a mãe e Matias tinha lutado para conter uma gargalhada ao saber disso. Mas talvez ela estivesse falando a verdade. Talvez, o carro em péssimo estado e a quantia que ela devia ao banco fossem o resultado de retiradas menores. Ela poderia ter sido uma filha ilegítima, mas era possível que Carney tivesse, com descrição, cuidado dela, já que não tivera filhos com a mulher legítima. Uma criança fora do casamento talvez não fosse grande coisa para alguns, mas para Carney, ciente de sua posição social, um homem que detestava escândalos, aquilo podia ser mais complicado.

Por um instante, Matias se indagou se poderia se valer daquilo e envergonhar publicamente o homem, expondo a filha bastarda. Mas quase que de imediato dispensou a ideia porque parecia, de algum modo, errada. Sobre tudo, pensou, escondendo o sentimento nos olhos escuros, quando a mulher sentada diante dele parecia tão inocente. Se uma foto dela fosse divulgada, as pessoas contemplariam aquele rosto sincero e a opinião pública diria que Matias é que era o vilão. Além disso, os amigos mais próximos de Carney, decerto, já sabiam da existência de Sophie.

— Certamente vou considerar entrar em contato com ele — advertiu Matias, com um tom de voz tranquilo, observando-a com olhos de falcão. Estava convencido de que Sophie mentia, pois, de repente, parecia impossível para ela encará-lo. — Bem, você viu o cardápio? Acha que pode dar conta?

Sophie soltou um suspiro de alívio com a mudança de assunto. Odiava mentir, ainda que tivesse motivos para fazê-lo. Matias podia ser rico,

desagradável e arrogante, mas, ainda assim, não merecia ser enganado e levado a acreditar que James era um sujeito honrado. Por outro lado, se a escolha a fazer era entre a segurança e o bem-estar do irmão, e a possibilidade de Matias perder algum dinheiro, um dinheiro do qual ele sequer sentiria falta, ela escolhia o irmão.

— Com certeza. — Ela olhou para os utensílios caros, os balcões imaculados, o imenso fogão. — E ajuda sua cozinha ser tão bem equipada. Você planejou fazer muitas festas aqui quando comprou a casa, pelo que posso ver.

— Na verdade, não comprei a casa. Eu a construí. — Ele foi até o refrigerador, pegou uma garrafa de vinho branco gelado e encheu a taça dela. Pareceu bem extravagante estar consumindo álcool àquela hora da tarde, mas Sophie precisava acalmar os nervos. — E não planejei que a casa fosse usada especificamente para festas. Só gosto de espaços amplos.

— Que sorte a sua poder ter tudo isso. Julie e eu poderíamos preparar pratos incríveis se tivéssemos esse tipo de cozinha. Faço meu melhor com o que tenho, mas se o negócio realmente decolar, teremos que nos mudar para instalações maiores.

Matias queria saber se era por isso que ela o tinha encorajado a contatar James e a fazer negócios com ele. Isso significaria que o pai poderia lhe dar mais dinheiro?

Matias mantinha-se alerta, porque não era só o exemplo do pai e sua imensa ingenuidade que o assombrava. Ele mesmo tinha cometido um único e catastrófico erro de julgamento na juventude. A caminho do topo, tinha se apaixonado por uma moça que parecia ser inocente e gentil. Ela recusava presentes caros, e encorajava Matias a abraçar uma vida mais simples, preferindo cinema e pipoca a restaurantes caros e festas chiques.

Matias estava muito envolvido e a moça, então, tentou enganá-lo com uma gravidez. Ele poderia ter cometido o maior erro de sua vida e se casado com ela se não tivesse, por acidente, encontrado uma cartela usada de anticoncepcionais em sua bolsa. Matias a confrontou e a verdade apareceu.

Aquele caso tinha sido um marco em sua trajetória. Um lapso momentâneo, Matias se dera conta, era tudo que precisava para que sua vida descarrilhasse. Garantiu a si mesmo que aquilo nunca mais aconteceria. Passou a gerir a própria vida com mãos de ferro, e não mais se permitia emoções. Tirava o que precisava da vida e descartava o que não lhe era útil.

Art era a única pessoa no mundo que sabia sobre o breve, mas vergonhoso episódio. Matias evitava as montanhas-russas emocionais, tendo crescido como testemunha do modo como a natureza confiante e emotiva do pai o tinha levado até um beco sem saída, e aquele romance tinha sido o prego em seu caixão. Depois disso, havia enterrado o coração no gelo e era desse jeito

que desejava permanecer.

— Você relatou que está no negócio de bufê há um ano e meio. O que a levou a mudar de carreira?

— Nós duas gostamos de cozinhar. — Sophie percebeu que sua taça de vinho estava vazia e ele parecia ter servido mais. Ela foi se sentar junto à maravilhosa mesa da cozinha, feita de granito preto e metal. — Nossos amigos começaram a encomendar nossa comida e nos demos conta de que aquilo poderia virar um negócio.

— Isso deve ter sido um salto de fé para você. Mudar de carreira de forma tão dramática demanda coragem. — Será que Sophie tinha embarcado naquela mudança de carreira achando que James a apoiaria financeiramente?

— Talvez tenha sido. *Você* já teve que correr riscos desse tipo ou nasceu com uma colher de prata na boca? — interrogou ela.

— Você diz isso como se não tivesse experiência com uma vida de privilégios.

— Não tenho mesmo.

— Confesso que acho difícil acreditar nisso, dado o elevado padrão de vida do pai.

— Na realidade preferia não falar sobre ele.

— Você não gosta de falar sobre seu pai? Por quê? Tudo bem, deve ter sido incômodo viver nas sombras, se esse foi de fato o caso, mas é claro que se, como você diz, ele ajudou vocês, as coisas não correram tão mal. Muitos homens em uma situação semelhante teriam fugido de suas responsabilidades.

Sophie sussurrou alguma coisa inaudível que poderia ou não ter sido um comentário vago sobre o pai.

— Claro, a vida deve ser bem mais fácil para você agora. — Matias continuou falando. — Acho que a esposa dele morreu há alguns anos, então é de se imaginar que ele a colocou sob sua asa...

— Não temos esse tipo de relacionamento.

— Não? Fale-me sobre ele. O motivo pelo qual questiono é simples. Se eu for fazer negócios com ele, seria útil tentar e entender que tipo de pessoa ele é.

— Você demonstra esse tipo de interesse ostensivo por *todos* os seus... clientes? — A pergunta foi mais para desviar o assunto do que qualquer outra coisa. Sophie não fazia a mínima ideia de como as pessoas operavam no mundo dos negócios.

— Tenho planos um pouco mais elaborados para a empresa do seu pai — respondeu ele, o que não era totalmente mentira.

— É isso que você faz? Investe em empresas alheias? A verdade é que eu, honestamente, não sei como funciona esse mundo. Nunca tive muito interesse nesse tipo de coisa.

— Entendo. Então você não liga para dinheiro.

— Não o bastante para embarcar em uma carreira onde poderia ter feito fortuna. A vida teria sido muito mais fácil se eu tivesse feito isso. — Para começar, pensou ela, não teria que suportar a humilhação mensal de continuar de onde a mãe tinha parado e ir até o pai, estendendo as mãos, porque os cuidados com Eric eram caros e não havia outra escolha. — Não acho que eu seja cruel o bastante.

— Isso é uma crítica a mim? — inquiriu Matias com ironia.

Sophie estava presa entre ser sincera e agir com diplomacia. Falar sobre o pai estava fora dos limites, porque mais cedo ou mais tarde, ela tropeçaria e revelaria o tipo de homem que James era. Contar a Matias Rivero o que pensava sobre ele também não era recomendável. Se se saísse bem naquele fim de semana, parte de sua dívida para com ele seria saldada.

Abordar o lado errado dele não era uma boa ideia. Mas ele *tinha* pedido...

E alguma coisa naquele homem parecia disparar algo dentro dela que ela não sabia que tinha.

— Bem, eu *estou* aqui — replicou ela e Matias franziu a testa.

— O que você quer dizer?

— Você pretende ser recompensado pelos danos em seu carro custe o que custar. Se isso não for crueldade, não sei o que é.

— Isso não é crueldade, é o velho e bom senso comercial.

Matias pensou na pilha de cartas que tinha encontrado enfiada no fundo da cômoda da mãe. Ele nunca teria encontrado aquelas cartas se não precisasse fazer uma mala para ela, que tinha sido levada às pressas para o hospital. Tinha aberto gavetas e achado o que parecia ser a roupa apropriada e, ao fazer isso, acabou encontrando aquelas cartas presas por um elástico.

A caligrafia da mãe. Ele a reconheceu de imediato, e observou as datas nos selos. As cartas tinham sido enviadas por um período de poucas semanas, na época em que o pai estava às portas da morte.

A curiosidade tinha levado a melhor sobre ele porque todas aquelas cartas tinham sido endereçadas ao mesmo homem. James Carney.

Na verdade, ele só precisava ter aberto uma das cartas, porque todas elas continham a mesma mensagem.

Um pedido de ajuda. Um pedido de dinheiro para um tratamento experimental nos Estados Unidos, justo para o tipo de câncer raro que o pai tinha. Nenhuma daquelas cartas tinha sido aberta — tinham apenas sido reenviadas ao remetente. Era evidente que o homem que lesara a família de Matias, colhendo as recompensas financeiras que não merecia, não demonstrara o menor interesse no que a mãe dizia.

Se a filha ilegítima de Carney agora se encontrava presa no fogo cruzado, não importava. Não ia se desviar de sua missão e a mulher sentada diante dele fazia parte do grande plano. Podia apenas arrasar James no mundo dos

negócios, mas intuía que a filha dele poderia lhe contar mais. Qualquer indício de escândalo financeiro, qualquer dica de que a empresa do pai estava envolvida com fraude, seria a cereja do bolo. Não só essas revelações públicas atingiriam Carney onde mais doía, mas uma sentença longa de prisão poderia surgir em seu horizonte.

— Julie, minha sócia, não concordaria com você. — Sophie ergueu o queixo de modo desafiador. — Eu a deixei sozinha para lidar com um dos maiores contratos que temos. Estaremos encrencadas se ela não for bem-sucedida.

— Bem, não posso fazer coisa alguma a respeito — avisou-lhe Matias sem rodeios. Contra sua vontade, estava fascinado pelo modo como ela se inflamava ao falar de seu negócio. Os olhos de água-marinha brilhavam como pedras preciosas.

Sua pele era macia como cetim e ela parecia não estar usando um pingo de maquiagem. A beleza era *natural* e, se ele não fosse um sujeito cínico, ficaria muito tentado a acreditar nela apenas por ver a expressão em seu rosto, que transparecia honestidade e paixão.

— Aqui vai um conselho de graça... Nunca tenha sócios. Mas já que tem uma, me diga: você tem alguma garantia assinada que lhe permita se desvencilhar de uma sociedade prejudicial sem ser atingida?

Dois pontos de cor vermelha tingiram seu rosto e ela encarou Matias sem se preocupar em disfarçar um temperamento que poucas vezes ficava em evidência. O encarou ainda mais irritada porque ele respondeu ao seu olhar com um sorriso sexy, divertido. A pele formigava, enquanto ele sustentava o olhar, sugando o ar de dentro dela, tornando-a dolorosamente consciente de seu corpo, de modos confusos e incompreensíveis.

Os seios pareciam pesados e *cheios*, os mamilos ficaram, de súbito, sensíveis, arrepiados e muito sensíveis ao roçarem contra o tecido do sutiã, e havia um formigamento entre as pernas que a fez desejar tocar em si mesma.

Sophie ficou tão chocada que desviou o olhar, o coração estava disparado, e ela mal conseguia respirar com normalidade.

Que diabo estava acontecendo com ela? Não se interessava por homem algum desde que terminara com Alan, mas com certeza isso não a tornava suscetível a um homem feito Matias Rivero, não é? Ele reunia em si tudo o que ela não suportava, e se ele era, fisicamente, um sujeito atraente, então, sem dúvida, ela era inteligente o suficiente para ser capaz de ir além das aparências.

— Julie *não* é alguém de quem eu queira me livrar — retrucou ela, com um tom de voz que mal reconheceu.

— Se ela está entrando em pânico por você não estar lá segurando a mão dela, então é uma incompetente.

— Obrigada pelo conselho não requisitado.

Matias riu alto. Contra todas as probabilidades, estava se divertindo com a

única pessoa no planeta com quem deveria querer ter o mínimo contato. Sim, deveras estava em uma pequena missão de pesquisa, mas não tinha planejado se divertir enquanto tentava descobrir mais sobre aquela mulher e o pai dela.

— Chocaria você se eu lhe dissesse que não consigo pensar em ninguém que ousaria falar assim comigo?

— Não — refutou Sophie com total honestidade e Matias riu de novo.

— Não?

— Homens com dinheiro sempre se cercam de pessoas que os sugam e, mesmo que não façam isso, as pessoas ficam tão impressionadas pelo dinheiro que mudam quando ficam próximas de pessoas ricas. Comportam-se de modo diferente.

— Mas você é diferente delas? — interrogou Matias, com um tom de voz divertido. — Ou você é apenas alguém que pode se dar ao luxo de fazer da penúria uma escolha de carreira, porque sempre teve a certeza de que poderia voltar à segurança quando precisasse dela?

— Não espero que você acredite em mim — retorquiu Sophie. — James nos sustentou porque era obrigado. Fui grata por isso, mas nunca houve qualquer segurança para nós.

Matias a encarou com os olhos desconfiados, captando *alguma coisa*, embora não soubesse ao certo o quê.

— Por que ele era obrigado... — disse em voz baixa. — Você não está de fato ressaltando as qualidades dele com essa afirmação.

— Mas conforme você mencionou — objetou Sophie, com rapidez —, ele poderia apenas ter fugido de sua responsabilidade.

— A menos que... — Matias deixou aquelas três palavras dançarem de forma tentadora entre eles.

— A menos que o quê? — Sophie o encarou impotente e pensou que era assim que um coelho deveria se sentir sob os holofotes. Havia alguma coisa poderosa e *inexplicável* em relação a Matias. A cabeça estava inclinada para um lado e os olhos tão escuros quanto o céu da meia-noite a esquadrihavam, disparando pequenas flechas de apreensão por todo o seu corpo, como pequenas descargas elétricas.

— A menos que ele não tivesse escolha...

Sophie ficou paralisada. Se lhe contasse tudo, Matias não ia querer fazer negócios com o pai e a falência seria inevitável. E então, o que aconteceria a Eric? Mesmo assim, se não falasse nada, quem sabia onde essa conversa acabaria.

Ela permaneceu em silêncio e pensou, ansiosa, em mudar de assunto. Talvez devesse falar sobre o clima, mesmo que a expressão nos olhos escuros e ameaçadores de Matias não indicasse desejo de uma conversa amena.

— Foi isso? — interrogou ele. — Sua mãe o pressionou, ameaçando-o? É

esse o relacionamento que você tem com seu pai? É você quem o pressiona agora?

Sem palavras, Sophie só conseguia olhá-lo em absoluto silêncio.

Como ele tinha conseguido chegar a essa conclusão tão precisa? E como a conversa tinha chegado a esse ponto, para começar?

— Pensei que você poderia ter sido uma criança mimada em segredo, levando-se em conta que o casamento dele falhou em produzir um herdeiro adequado.

— Na realidade não quero falar sobre James. Sei que você tem interesse em descobrir o que puder antes de investir seu dinheiro na empresa dele, mas está mesmo questionando para a pessoa errada. Não me sinto confortável em falar dele pelas costas. — Alguma coisa que o pai tinha dito, no acesso de raiva, veio à tona em seu cérebro entorpecido. Alguma coisa sobre a *origem* do dinheiro com que ele os sustentara, um rastro de papel que deveria ter sido varrido para debaixo do tapete, mas que ameaçava atrair os olhares de águia dos auditores independentes. Ela estremeceu.

Matias queria saber se devia insistir no assunto naquele momento. Decidiu recuar. Tinha tempo, podia esperar.

Claro que alguma coisa ali estava errada e ele descobriria o que era mais cedo ou mais tarde.

Enquanto isso...

— Há alguma coisa que você precisa saber sobre o trabalho? — inquiriu ele, mudando enfim o assunto, para o alívio óbvio de Sophie. Claro que a governanta podia cuidar daquilo, mas ele queria conversar mais com ela.

Sua vida tinha se tornado muito previsível quando se tratava de mulheres. Cometera um erro na juventude e tinha aprendido com ele. Desde então, seus relacionamentos seguiam um mesmo padrão com precisão, e duravam pouco tempo.

Atração mútua, presentes caros, poucas semanas de satisfação sexual, até que ele começasse a se aborrecer e a ficar inquieto.

Sophie estava certa? As pessoas na prática se comportavam de maneira diferente na presença dos ricos e poderosos. As mulheres com quem ele namorou ficavam tão deslumbradas com o mundo de Matias que se tornavam incapazes de se relacionar com ele de maneira honesta?

Franziu a testa, desconcertado por pensamentos tão pouco usuais e resolveu voltar a atenção para a mulher diante de si.

— Você seria capaz de me ajudar, se eu tivesse indagações? — perguntou Sophie em tom de brincadeira. Ele lhe deu um sorriso tão inesperado e tão devastador que, por um instante, ela sentiu uma vertigem.

Ela piscou feito uma coruja, com a boca aberta, o rosto tingido com uma cor deliciosa. Não estava brava, nem na defensiva. E não estava no ataque. Estava

consciente. Mais uma vez, Matias sentiu aquela pontada de desejo, proibida, perigosa, mas deliciosa. Fazia algum tempo que tinha saído com uma mulher. Será que isso estava gerando essa reação emocionante e inesperada?

Decerto, havia alguma coisa inegavelmente sensual a respeito de Sophie. Ela era atraente, mas não parecia interessada em se envolver no jogo dele. Não houve olhares tímidos, piscadas vibrantes ou movimentos sugestivos. É verdade que ela estava ali sob coação, mas, apesar disso, estava fazendo um bom trabalho em mantê-lo distante. Matias a observou com um interesse crescente. Será que na cama ela daria mais informações sobre James?

Assim, a imaginação dele alçou voo e Matias pensou nela emoldurada por sua cama, o cabelo louro espalhado pelo travesseiro, a nudez pálida e voluptuosa disponível para sua diversão. Imaginou como eram os seios fartos e viu a si mesmo beijando-a.

Uma ereção, tão sólida quanto aço, fez com que se ajeitasse, desconfortável, e ele então fez todo o possível para arrastar a mente para longe daquelas imagens lascivas e maravilhosas.

— Você está certa. Se precisar de ajuda, fale com minha governanta. Não tenho o mínimo interesse em questões domésticas.

— Que privilégio poder dizer uma coisa dessas.

— No caso de você estar pensando que nasci rico, está errada.

— Nunca disse isso. — Mas o rosado em seu rosto indicava que era assim que ela pensava. Rico, arrogante e privilegiado desde o nascimento, era o que ela achava sobre ele.

— Você tem um rosto bem transparente — comentou Matias, com ironia. — Sua desaprovação sobre mim é visível. Você acha que sou um magnata arrogante e implacável, que sempre teve tudo e nunca passou por dificuldades.

Sophie não respondeu. Estava ocupada tentando fazer o corpo se comportar e olhar para além da devastadora e indesejada sensualidade de Matias.

Na tentativa de sublimar o desejo por ele, Sophie fizera o impensável, desenterrando a lembrança de seu ex, Alan Pace. Sophie nutria grandes esperanças de que estavam destinados a ficar juntos para sempre. Quando, depois de três meses de relacionamento, apresentou Alan a Eric, ele ficou surpreso.

Alan não estava preparado para lidar com um garoto com problemas e ficou horrorizado com a perspectiva de ser obrigado a fazer de Eric alguém constante em sua vida. Assustou-se ao pensar que, de alguma forma, teria também que se tornar responsável por ele. Sophie lhe explicou que aquilo era uma tolice porque Eric era muito, muito feliz onde ele estava, mas Alan não acreditou. Foi apenas uma questão de tempo até Alan começar a procurar a saída mais próxima do relacionamento.

Sophie, todavia, tinha que admitir que nem mesmo *Alan* a afetava como

Matias. Mas, pelo menos antes que o relacionamento acabasse, Alan parecia o namorado perfeito. Então, o que estava acontecendo com ela? Aquele homem que a examinava com olhos escuros e intensos, não apenas *não era* perfeito, como não a fazia sentir-se *segura e confortável*. Em segredo, Sophie ficou horrorizada por ter qualquer semelhança com a mãe que tinha passado a vida fazendo escolhas erradas e saindo com homens iguais ao que estava diante dela, homens que tinham *Perigo, um risco para a saúde* estampado na testa e letras neon.

— Não importa o que penso sobre você — refutou ela, com rapidez, porque essa era a única maneira com que pensava poder dar um fim à interação de ambos naquele momento, coisa que de fato desejava. — Estou aqui para fazer meu dever e agora, se você me der licença, posso tomar um banho? Depois disso, talvez eu pudesse conversar com a pessoa com a qual irei trabalhar, é possível? E alguém talvez pudesse me mostrar como as coisas funcionam na cozinha, para que eu possa começar a trabalhar.

Estava sendo dispensado! Matias não sabia se estava se divertindo com isso ou se deveria se sentir ultrajado. Ele se levantou, tão elegante e gracioso quanto uma pantera, e enfiou as mãos nos bolsos da calça. Sophie desviou o olhar. Sabia que o rosto estava vermelho. Estava na beira da cadeira, tensa, tão ciente da presença dele que mal conseguia respirar. Matias era tão bonito que ela precisava se esforçar para *não* olhá-lo e mesmo *não* olhar para ele a fazia estremecer.

— Uma excelente ideia — retrucou Matias, os olhos ávidos captando cada sinal de desconforto em Sophie e também a maneira que ela, de modo deliberado, estava evitando os olhos dele. Sentiu a emoção de um desafio provocando-o, e já estava indo atrás de sua presa, assombrado por deliciosos pensamentos sobre o que viria a seguir. — Espere aqui. Vou me certificar de que lhe seja mostrado o funcionamento da cozinha e depois seus aposentos. Creio que vai considerá-los satisfatórios.

E então ele sorriu, devagar, de maneira sensual. Sophie assentiu de forma brusca, mas Matias já estava se virando e deixando a cozinha.

CAPÍTULO 4

SOPHIE TINHA pensado vagamente em como seria uma festa que duraria o fim de semana inteiro. Tinha pensado que seria uma daquelas festas sofisticadas nas quais uma dúzia de pessoas circulava em roupas esvoaçantes, fumando em piteiras longas e falando baixo, de maneira contida e calma. Tinha visto coisas assim em romances de época na televisão. No geral, sempre havia uma morte infeliz em algum instante dessas reuniões.

A festa de Matias, ela soube com a chegada dos primeiros convidados, não seria assim. Das janelas da cozinha, que davam vista para os gramados nos fundos da casa e para a longa entrada de carros, onde os carros seriam estacionados, viu a chegada de um casal que poderia ter saído direto de uma revista de celebridades.

Debbie, a adorável governanta, que tinha em torno de 50 anos e que, no dia anterior, tinha mostrado as coisas para Sophie, estava de pé a seu lado, e confessou que todo mundo no vilarejo estava esperando por esta festa, prendendo a respiração porque a lista de convidados estava cheia de pessoas famosas.

Sophie confirmou isso conforme o dia avançava e as pessoas chegavam. Haveria oitenta convidados. Muitos ficariam em três dos hotéis mais sofisticados da região, onde motoristas aguardavam para levá-los embora no fim da noite e trazê-los de volta para o café da manhã e quaisquer atividades.

Sophie logo se deu conta de que aquele não era um fim de semana de diversão com os mais próximos e queridos de Matias, e sim um fim de semana que envolvia contatos comerciais e negócios. O enxame de celebridades era contrabalançado pela presença de uma variedade considerável de homens de meia-idade, muito ricos, que exalavam riqueza e poder.

Sophie entendeu que era assim que os muito ricos teciam sua rede de contatos.

Havia muita comida e champanhe. O dia anterior tinha sido mais calmo, um dia de preparação e divisão de tarefas. Mas naquele dia, Sophie esteve bastante ocupada desde as 6h da manhã.

Um *brunch* era a primeira refeição do cardápio. Um bufê elaborado foi servido, depois chá antes do jantar.

Sophie não tinha ideia do que aquelas pessoas faziam quando não estavam comendo e sequer tinha tempo para pensar sobre isso, porque estava sempre correndo, cozinhando, dando ordens, verificando pedidos, rezando para que nada saísse errado.

Não viu Matias, nem de passagem. Por que ele se aventuraria nas entranhas da cozinha, onde os serviçais tomavam conta de suas necessidades, quando tinha que se preocupar com seus convidados? Era estranho que Art, o funcionário dele, *tivesse* aparecido na cozinha e sido tão amável quanto ela se lembrava. Sophie não tinha certeza de por que Matias destacara que Art era apenas seu *funcionário*, já que estava claro agora que os dois tinham um vínculo íntimo. De maneira tola, aquilo a fez pensar que talvez ele não fosse o ogro cruel que ela pensou que era. As escolhas de amizades das pessoas, com frequência, contavam uma história sobre *elas mesmas*, não é?

Mesmo com tanto trabalho, ela se viu procurando por Matias, apenas para o caso de ele precisar dela e quando, pouco depois das 23h daquela noite, ela foi em direção a seus aposentos, estava desapontada por não tê-lo visto.

Precisava se certificar de que seu trabalho estava de acordo com o que ele esperava, para pagar parte da dívida estúpida que tinha com ele, Sophie pensou com sensatez. Tinha trabalhado duro e queria ter certeza de que não tinha sido em vão.

A última coisa de que precisava era saber que Matias não estava satisfeito, que tinha reclamações sobre ela, ou que a comida servida aos seus convidados não estava à altura deles.

Sophie não sabia como tinha sido a reação ao seu trabalho, porque não saiu daquela cozinha maravilhosa e bem equipada durante todo o dia.

Claro, pensou ela, verei Matias em algum momento! Com certeza, ele não iria apenas deixá-la trabalhar sem meter o nariz na cozinha e se certificar de que tudo estava a seu gosto.

Sophie estava irritada consigo mesma por se deixar atingir pela presença dele. Lembrou como seu corpo tinha reagido a ele com um tremor de impaciência. Matias prestara alguma atenção nela quando não havia outras pessoas por ali, mas agora que estava rodeado pelos amigos, sequer se incomodara em olhar para ela.

Com a festa chegando ao fim, Sophie aceitou o fato de que partiria sem ver Matias. Talvez a secretária dele a procurasse para informá-la sobre o valor que seria abatido de sua dívida.

ORA, SEQUER tivera tempo de dar uma olhada na casa! Não que quisesse se misturar com os convidados.

Sabia qual era seu lugar, afinal de contas, mas tinha desejado poder espiar os cômodos esplêndidos. Não teve tal sorte, porque sempre havia alguém por perto ou o som de vozes saindo de um dos quartos a alertava da presença de pessoas.

Os convidados por fim partiram na segunda-feira, em um comboio de carros luxuosos. O som de risada e conversa chegava até a cozinha. Depois da última limpeza, os empregados contratados voltaram ao vilarejo, onde eles, sem dúvida, contariam para suas famílias e amigos histórias excitantes sobre quem ou o que tinham visto. Matias tinha ido embora? Por volta das cinco da tarde, com apenas Sophie e Debbie deixadas nas instalações para terminar a arrumação, ela soube que ele tinha partido. Sem se despedir.

Por alguma razão, foi convidada a permanecer na imensa mansão até a manhã seguinte, e presumiu que haveria convidados a serem servidos no café da manhã. Mas agora entendia que deveria somente ajudar com a limpeza. Matias não esperava que ela apenas cozinhasse, mas que também ajudasse na manutenção, e ela não podia se negar a fazer isso.

— Você pega a ala direita da casa — comunicou-lhe Debbie com gentileza. — Chequei tudo e todos os hóspedes se foram. Não haverá muito que fazer, porque os quartos foram limpos todos os dias. Isso é apenas uma última olhada, para se certificar de que nada foi esquecido... E você tinha dito que queria dar uma olhada em alguns dos cômodos; aproveite. O sr. Rivero não vem aqui com frequência, mas é sempre uma alegria para nós quando ele vem, porque é uma casa e tanto.

Enfim de volta à sua calça jeans e camiseta confortáveis, Sophie decidiu fazer isso. Debbie estava certa, quase não havia arrumação a ser feita. Os cômodos já tinham sido limpos e aspirados. Admirando as telas nas paredes, ela subiu a escada de mármore e vidro, e começou a checar os quartos do primeiro andar.

A casa parecia imaculada. A mente dela estava totalmente vazia quando abriu a última porta de um longo corredor, que oferecia uma vista espetacular do lago.

A primeira coisa que Sophie percebeu foi a textura do tapete sob os pés, quase como se a casa fosse uma mistura de mármore, madeira e tapetes infinitos e macios como seda. Sem pensar, tirou as sandálias e continuou caminhando pelo quarto.

Os olhos foram da imensa cama para as paredes brancas, seguindo para os armários embutidos, feitos de material cromado e vidro e para a janela de onde se podia ver o jardim em toda a sua glória verdejante, que se estendia até as águas escuras e paradas do lago. Então, do lado esquerdo, uma porta que ela nem mesmo tinha percebido, porque estava tão habilmente escondida na pintura clara, foi aberta e ela estava olhando para Matias.

Em choque, Sophie precisou de alguns segundos para entender que ele estava seminu. Era óbvio que tinha acabado de tomar um banho. O cabelo escuro ainda pingava e uma toalha branca estava presa, de forma descuidada, ao redor da cintura. Além dessa cobertura exígua... mais nada. O peito nu, assim como as pernas.

Sophie quis desviar o olhar, mas não conseguiu. Abriu a boca e arregalou os olhos ao notar quando viu a masculinidade ampla dos ombros, a largura do peito trabalhado, a trilha de pelos escuros que sumia abaixo da toalha. Matias era todo *másculo*, uma masculinidade intensa que lhe tirava o fôlego.

Ela sabia que estava encarando e não conseguia fazer nada a respeito disso. Quando, afinal, olhou-o nos olhos, viu que ele também a encarava, com uma das sobrancelhas arqueadas.

— Terminou a inspeção?

Matias tinha chegado a uma conclusão bem clara sobre ela nos últimos dias. Percebera que o que tinha encarado como um desafio interessante, que poderia levar muitas situações agradáveis com Sophie era, na verdade, um plano mal pensado e gerado por um lapso temporário em seu autocontrole.

Ela era sim muito atraente e ele poderia muito bem ser capaz de racionalizar sua resposta visceral a ela, mas levá-la para a cama era uma péssima ideia. Sim, as conversas que teriam na cama talvez lhe trouxessem mais segredos sobre Carney, mas não havia sentido em bancar o tolo ou o homem das cavernas, obedecendo àquele desejo enlouquecido que sentia por ela. Sophie tinha lançado algum feitiço sobre ele que o fez perder seu formidável autocontrole e nada justificaria isso. Não, nem um segredo terrível sobre Carney.

Então, tinha se mantido distante. Considerou, inclusive, dormir com uma das mulheres solteiras que estiveram na festa, uma modelo que ele tinha conhecido brevemente havia muitos meses, mas, no fim, mudara de ideia.

Sophie tinha, de um modo teimoso, se enredado na cabeça dele feito um irritante carrapicho e ele descobriu que não desejava mais ninguém.

E agora, ali estava ela. Os olhos escuros vagaram por seu rosto corado e depois fizeram um rápido passeio pelo seu corpo. Era óbvio que aquelas eram as roupas nas quais ela se sentia mais confortável e que a deixavam muito sexy. A calça jeans surrada lhe modelava as curvas como uma segunda pele e a camiseta revelava os seios em toda a sua gloriosa fartura. A pontada aguda de sua libido demoliu cada fragmento de bom senso. Matias não tinha ideia de como seria agir sem seus limites impostos. Mas estava descobrindo agora, enquanto a olhava e se rendia a uma onda de luxúria que não poderia ser forçada a desaparecer.

A emoção do desafio esperando para ser sentida parecia não ceder, por mais que ele tentasse.

Ele foi até a porta do quarto e, com calma, fechou-a. Sophie virou a cabeça

alarmada.

— O que você está fazendo? — indagou ela, sem conseguir sair do lugar.

— Estou fechando a porta — replicou Matias, com tranquilidade. — No caso de você não ter percebido, não estou bem vestido para receber visitas.

— Eu estava prestes a sair... — Sophie deu alguns passos hesitantes, mas isso era trabalhoso, como nadar contra a corrente. — Não fazia ideia de que você ainda estava aqui.

— Onde mais eu estaria?

— Pensei que você tivesse partido como todos os outros hóspedes.

— E não conversar com você sobre seu desempenho?

— Fiz alguma coisa errada? — interrogou Sophie depressa, vermelha feito um pimentão, dividida entre sair correndo e ficar para ouvir quaisquer críticas a seu trabalho que ele pudesse ter. Matias não respondeu. Ele se virou e foi em direção ao armário e Sophie foi tomada por ondas de nervosismo.

— Eu preferiria conversar com você em algum outro lugar — disse ela. — Se soubesse que você estava aqui, nunca teria entrado.

— Eu a deixo desconfortável — proferiu Matias, sem qualquer emoção, virando-se para encará-la, ao mesmo tempo que vestia uma camisa branca feito neve, sem retirar a toalha. Ele não abotoou a camisa. Deixou-a aberta sobre o peito fabuloso e a boca de Sophie ficou seca.

— Você mal está vestido — argumentou ela, sem fôlego. — É claro que me sinto *desconfortável* e, com certeza, não imagino que serei capaz de ter uma conversa sobre minhas tarefas em seu quarto! — Ela ficou ainda mais vermelha. — O que quero *dizer*... é que esse é... *não é* o lugar para uma conversa séria. Se eu falhei em alguma tarefa que você me designou, então... — Ela parou, horrorizada, quando ele enganchou um dedo na toalha.

Sophie se virou e Matias riu. Tudo bem, então a mulher o tinha, de alguma forma, reduzido a um nível de desconfiança desconhecido. Numa situação normal, ele abordava mulheres e relacionamentos com a mesma certeza direta com a qual tratava de trabalho. Ambos eram conhecidos e nenhum produzia nele outra coisa além da absoluta certeza do seu resultado.

Mas com *ela*... Sua ânsia por vingança foi diluída pelo desejo. O que teria sido bem claro tinha se tornado nebuloso. Ele estava vacilando como um adolescente infeliz entre perseguição e fuga, e tinha tentado recuperar a perda de seu premiado autocontrole apenas para descobrir que agora ele escorria por entre seus dedos.

Matias tinha atuado fora do personagem e isso o perturbava porque nunca havia acontecido.

— Você não fez nada errado — respondeu ele. — Se me der cinco minutos, eu a encontrarei lá embaixo, na cozinha, e poderemos conversar.

Ele foi em direção ao banheiro da suíte e Sophie voou escada abaixo até a

cozinha, onde precisou de alguns segundos para recuperar o autocontrole. Ela estava bebendo um copo de água quando a porta da cozinha foi aberta, e lá estava ele, maravilhoso, usando uma camisa branca, com as mangas dobradas até a altura dos cotovelos, e calça jeans preta que ressaltavam a perfeição de seu corpo.

— Tome alguma coisa um pouco mais estimulante do que água. — Ele foi direto para a grande adega e pegou uma garrafa de vinho e depois duas taças. — Você deve estar precisando disso. Eu a atirei aos leões e você brilhou. — Ele serviu vinho nas duas taças, tomou um gole, e então, olhando para ela, inclinou a cabeça, em uma espécie de brinde.

Sophie tossiu.

— Você estava esperando que eu falhasse?

— Pensei que iria se atrapalhar. Não achei que você fosse capaz de lidar com a situação com tanta eficiência. Todos adoraram a comida e fiquei impressionado com o cumprimento do cronograma.

— Obrigada. — Ela corou e tomou um gole do vinho.

— Naturalmente, os últimos dias cobriram apenas uma proporção da dívida, mas você iniciou o pagamento.

— Você entrará em contanto quando for precisar de mim novamente? Assim posso agendar meus outros compromissos. Julie se saiu bem lidando sozinha com o coquetel, mas ficou muito nervosa. Prefiro que ela não passe por isso de novo. Se eu souber quando vai precisar de mim, poderei me organizar com a preparação e me aprontar para atender a todos os compromissos de maneira satisfatória.

— Não. Temo não poder adaptar meu horário para acomodar as necessidades de sua sócia. — Matias fez uma pausa e a encarou, sentindo outra vez aquele golpe feroz de desejo e se questionando como foi tão cego ao imaginar que teria controle sobre aquilo. Claro que aquele desejo desapareceria, mas apenas quando ele a tivesse, apenas quando saciasse um desejo que não fazia sentido e que tinha surgido do nada. — Você aproveitou um pouco seu fim de semana?

— Eu estava sob grande pressão. Mas foi desafiador preparar refeições para essa quantidade de pessoas. Foi a maior festa que já fiz.

— Eu não a vi.

— Estava ocupada supervisionando a cozinha. Além disso...

— Além disso?

— O que eu teria feito na festa? Perguntado aos seus convidados se eles estavam gostando da comida?

— Você poderia ter circulado, distribuído seu cartão.

— Eu me sentiria estranha — admitiu Sophie com sinceridade. — Esse tipo de festa não é para mim. Não me encaixaria.

— Você subestima seus talentos — assegurou Matias. — Sei que você se encaixaria em um grande evento mais do que acredita.

Sophie o olhou e se inquietou se estava imaginando *alguma coisa* em sua voz, alguma coisa discreta, mas insistente, que estava enviando um arrepio ao longo de sua espinha, tornando-a dolorosamente consciente dele e de sua reação exagerada à proximidade entre ambos. Matias estaria na realidade *flertando* com ela? É claro que não.

Confusa, o encarou em silêncio, e ele devolveu o olhar, prendendo os olhos aos dela sem qualquer esforço para quebrar o contato visual. Tomou um gole de seu vinho, olhou para ela pela borda da taça e o efeito desse ato foi devastador.

Sophie estava totalmente indefesa. Não sabia o que ele estava fazendo. Não fazia nenhum sentido.

— Eu deveria subir — anunciou ela, meio que se equilibrando sobre as pernas bambas. — Claro, se você não tiver mais ordens para mim. Vou esperar sua secretária entrar em contato comigo...

Ela passou os dedos pelo cabelo emaranhado e umedeceu os lábios, porque *ele ainda estava olhando para ela com aquela expressão velada e misteriosa, que fazia coisas loucas a seu sistema nervoso.*

— E se... Se estiver tudo bem para você, pego um táxi até a estação. Tive a impressão de que haveria alguns convidados aqui até amanhã de manhã, por isso eu deveria ficar. Mas se não há mais ninguém, eu... — Ela respirou fundo e soltou o ar devagar. — Gostaria que você não me encarasse assim — demandou ela.

— Por quê?

— Porque me deixa desconfortável.

— Engraçado, mulher alguma jamais reclamou quando não fui capaz de tirar os olhos dela. Pelo contrário, em geral elas entram em apuros para garantir que estão dentro do meu campo visual, na esperança de que eu as note. Essa é a primeira vez que eu posso, de verdade, dizer que estou na presença de uma mulher para quem não consigo parar de olhar.

Chocada, Sophie não conseguiu encontrar o que dizer. As cordas vocais estavam secas. Matias era tão bonito que parecia loucura da sua parte estar falando aquele tipo de coisa para ela. Ainda mais doido era o fato de que o corpo inteiro dela estava pesado, derretendo como cera no calor do fogo.

Ela não era esse tipo de pessoa! Era equilibrada, prática e sabia quando e onde impor limites. Não que tivesse precisado fazer isso desde o rompimento com Alan. Desde então, e já fazia mais de três anos, os homens tinham sido deixados com firmeza para trás e nem uma única vez Sophie tinha se sentido tentada a colocar os pés em um encontro romântico. Nem uma vez. Então, por que seu corpo agora estava em chamas? Por que um sujeito com tanto dinheiro

e tanto charme estava dando em cima dela?

— Você não sente a química entre nós?

— Não sei do que você está falando — contestou Sophie em voz baixa e Matias arqueou as sobrancelhas em uma franca expressão de incredulidade.

— Claro que sabe. Mas entendo seu desejo de negar isso. Afinal de contas, não é bem uma coisa com a qual qualquer um de nós esteja de acordo, não é?

— Palavras mais verdadeiras não foram ditas, pensou Matias, irônico. Ele poderia jurar que apanhar um cometa rumo a Marte seria mais provável que encontrar-se naquela situação. Ele deu de ombros. — Mas aí está você. Essas coisas acontecem.

Então ele tinha fantasiado sobre Sophie e desejava fazer sexo com ela. O cérebro dela por fim começou a funcionar e a raiva cresceu em seu peito com a força de lava derretida. Ele era um homem rico e poderoso que acreditava poder tê-la num piscar de olhos. Por isso, pensou ter o direito de abordá-la sem cerimônia.

E pior, captara as vibrações dela, e agora sabia que a atração era mútua. Mas se Matias pensava que cairia em seus braços, era bom que acordasse.

— Lamento — respondeu ela com frieza —, mas não estou interessada.

Matias riu como se Sophie tivesse acabado de contar uma piada hilária.

— Diga-me que não sente a eletricidade entre nós. — Ele notou o rubor tomando conta do rosto dela. — Ah, sim. Claro. Você a está sentindo agora mesmo, nesse momento. Por que negar?

— Não vou fazer coisa alguma com você. — Ela queria sair por aquela porta, de cabeça erguida, demonstrando desprezo e com altivez. Ele poderia comprar seus serviços, mas *não poderia comprá-la*. Acontece que os pés estavam pregados no chão e ela parecia ser incapaz de se mover em qualquer direção. — Você está me confundindo com uma daquelas mulheres que se esforçam para *ficar em seu campo de visão* — retorquiu ela, a voz trêmula de raiva e mortificação —, mas não sou uma delas. Sim, estou aqui porque não há outro modo de pagar o dinheiro que lhe devo e não posso deixar que minha colega seja prejudicada, assim como eu, se você cobrar a dívida. Isso, entretanto, não lhe dá o direito de sentar-se aí e me assediar.

Enfim, os pés voltaram a obedecê-la e ela saiu pela porta.

O som da voz dele pronunciando seu nome a fez parar no mesmo instante. Tão silencioso quanto um predador em busca da presa, ele estava bem atrás dela quando Sophie se virou e tropeçou, dando alguns passos para trás com o coração batendo descompassado no peito e todos os seus sentidos em alerta, como resposta à presença autoritária de Matias.

— Você pensa mesmo — inquiriu Matias, em um tom de voz que conseguia ser comedido e condenatório ao mesmo tempo —, que seu corpo faz parte do pagamento pelo meu carro?

Sophie ficou envergonhada. Pensando por esse lado, ela conseguia ver o quanto tinha sido idiota, porque, quando se tratava de mulheres, ele decerto não precisava se valer de truques desnecessários. O sujeito poderia ter quem quisesse, quando quisesse.

E ele a queria.

Esse pensamento traiçoeiro abriu caminho na mente dela, insinuando-se contra sua vontade.

— Suponho que não — replicou ela, com raiva —, mas me sinto vulnerável aqui, em meio a essa conversa. — Ela desviou o olhar e então fixou os olhos azuis e brilhantes nos dele. — Não sou em nada parecida com aquelas mulheres que estiveram aqui nesse fim de semana...

Matias arqueou as sobancelhas.

— Não acho que você tenha percebido quem estava aqui e quem não estava.

— Eu as vi chegando e saindo pela janela da cozinha e alguns dos convidados vieram até aqui, também.

— E?

— E o quê? Elas são todas clones umas das outras. Altas, magras e glamourosas. Suponho que uma delas pode ser sua namorada.

— Não estaríamos tendo essa conversa se eu tivesse uma namorada.

— Nós nem mesmo gostamos um do outro — declarou Sophie —, e é por isso que não deveríamos estar tendo essa conversa!

— Você tem um namorado?

— E se eu tivesse? Faria alguma diferença?

— Talvez sim. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Talvez não. Por que você se compara a outras mulheres?

— Estou apenas relatando que as mulheres que você convidou são bem o tipo com quem você namora... E assim sendo, o que você veria em alguém como eu, além de *disponibilidade*? — Ela estava brincando com fogo, mas aquela conversa perigosa era estranhamente sedutora. Era o tipo de conversa que ela nunca tivera com um homem.

— Você quer que eu solete para você? — interrogou Matias. — Posso fazer isso, ainda que preferisse fazê-lo com você nua e deitada em minha cama.

De maneira vaga, Matias se lembrou da primeira vez que brincou com a ideia de levá-la para cama, pensando que poderia revelar segredos que ele usaria em seu benefício.

Parado ali, agora, com uma ereção feroz que exigia ser libertada, a única conversa que desejava ter na cama era do tipo picante.

Na verdade, só de pensar nisso, estava ficando muito louco. Ele não sabia o que havia com aquela mulher, mas ela o fazia perder o equilíbrio.

— E isso não vai acontecer — avisou-lhe Sophie, com cuidado, afastando-se, distanciando-se do raio sufocante de sua personalidade avassaladora. —

Nunca.

— Tem certeza? — Matias riu, inflamado. — Porque esse é um conceito que eu não reconheço.

— Que pena — Sophie, então, se virou e fugiu antes que ficasse ainda mais imersa naquela conversa perigosa, explosiva e *muito, muito excitante*.

Nem mesmo o luxo de seus aposentos — que ainda a fazia ofegar mesmo depois de quatro noites —, nem um banho longo e relaxante, permitiram que ela clareasse as ideias.

O rosto altivo, ameaçador, enlouquecedor de tão lindo, dançava em sua mente, excitando-a e impedindo-a de cair no sono. Quando ela afinal conseguiu adormecer, teve um sono agitado e entrecortado, até que, por fim, deitada na escuridão do quarto no meio da madrugada, decidiu que contar carneirinhos não a estava levando a lugar algum.

Percorreu o corredor o mais silenciosamente possível e foi em direção à cozinha. Além das luzes de segurança do lado de fora, a casa estava envolta em escuridão, o que deveria ser amedrontador, mas de um modo estranho, era reconfortante.

Sophie já conhecia a cozinha como a palma de sua mão e não havia necessidade de acender a luz, enquanto seguia, sem hesitar, até o refrigerador para pegar um pouco de leite. Faria uma caneca de chocolate quente. Era hora de descobrir se era verdade que chocolate quente dava sono.

Inclinando-se para apanhar o leite, não ouviu o som dos passos atrás de si e, com certeza, com apenas a luz do refrigerador acesa, não havia nenhuma sombra para alertá-la. O som da voz de Matias a assustou.

Ela se endireitou, bateu a cabeça contra a prateleira do refrigerador, derrubando vários potes e garrafas e se levantou, vermelha feito uma beterraba, para confrontar um Matias bem divertido, que a encarava com os braços cruzados.

CAPÍTULO 5

VIDRO QUEBRADO se espalhava ao seu redor. Um dos potes tinha geleia caseira de framboesa. Sophie se lembrou do quanto a achou deliciosa quando a provou com uma fatia de torrada, havia algumas manhãs, e tinham lhe dito que a sra. Porter, que morava no vilarejo, a fazia e vendia em uma das lojas locais.

Sophie não achava que a sra. Porter ficaria animada ao ver seu trabalho espalhado por todo o chão da cozinha, como bolhas gelatinosas de sangue. Juntavam-se à geleia muitos pepinos e alguns pingos de vinagre balsâmico bem caro.

— Não se mova — ordenou Matias.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Sophie, acusadora, em choque, porque estava descalça, mas também ciente da roupa que estava usando. Não tinha se vestido para ter companhia. Era uma noite de clima ameno e tinha dispensado o roupão e descido, na ponta dos pés, com a camiseta fina que usava em noites quentes e um short curto de algodão, que deixava à mostra uma quantidade indecente de suas pernas.

Indecente, isto é, se acontecesse de você estar na cozinha com o homem que assombrava seus sonhos, ajoelhado a seus pés, recolhendo com cuidado cacos de vidro.

Ele não a olhou. Parecia que sua atenção estava toda voltada para os vidros quebrados e espalhados ao seu redor. Porém, parecia que ela se enganava, pois Matias estava bem ciente dela parada ali, vestindo pouca roupa, o que fazia sua pressão subir até o teto.

— Sou o dono da casa — alegou ele com uma lógica irritante e irrefutável, enquanto continuava pegando os cacos de vidro e tentava afastar o olhar ávido das pernas fabulosas de Sophie, macias e bem torneadas na escuridão da cozinha. — Acho que isso me dá o direito de ir e vir quando eu quiser.

— Muito engraçado — declarou Sophie, sem qualquer sombra de diversão na voz.

— Estou aqui pelo mesmo motivo que você. — Ele se ajoitou e lançou um

olhar satisfeito para seus esforços de limpeza, depois ergueu o olhar para ela, encarando-a por algum tempo. — Não conseguia dormir.

— Na verdade, eu estava dormindo muito bem.

— E é por isso que você está aqui no meio da noite?

— Estava com sede.

— Fique aí. É provável que existam alguns pedaços de vidro no chão e acho que devo limpar toda essa bagunça. — Ele ficou pensativo por alguns segundos. — Não. Vamos deixar essa bagunça aí, mas falei sério sobre você não se mexer. Se algum desses cacos entrar no seu pé, você vai acabar no pronto-socorro.

— Não seja ridículo! — vociferou Sophie, mas não se moveu. Sangrar na cozinha dele não melhoraria em nada sua situação. Lidar com seu estado embaraçoso de seminudez era, decerto, a melhor opção. Só tinha que ficar ali parada, enquanto ele se ocupava de tirar os cacos de vidro do chão. Queria bater em si mesma por ser tão estúpida, mas dar de cara com Matias era a última coisa que esperava.

Enquanto isso, mal conseguia olhar para si mesma, porque tudo o que conseguia ver era a pele pálida, os seios nus sob a camiseta, e os mamilos se insinuando contra o tecido fino que os cobria.

E tudo o que conseguia era fazer comparações inúteis em sua cabeça. Comparações entre ela e as mulheres que estiveram na festa dele. Ao lado da maioria delas, Sophie era o equivalente a um bolinho falante que andava e, mesmo que nenhuma delas fosse namorada dele, ela não tinha dúvidas de que eram o tipo de mulher que ele procurava. Altas e esguias, com o cabelo liso preso em um coque, e rostos que pareciam se ressentir por terem que sorrir uma vez ou outra.

— Isso poderia levar uma eternidade — argumentou Matias, levantando-se e dando uma olhada no chão. — E não disponho desse tempo. — Deu um passo à frente e, antes que Sophie tivesse tempo de abrir a boca em protesto, ele a estava pegando no colo como se ela não pesasse nada. — Que bom que sou esperto o suficiente para descer usando sapatos — murmurou Matias, sorrindo enquanto a olhava.

— Coloque-me no chão!

— Não até que você esteja em segurança e não até que eu me certifique de que esses pés muito bonitos estão livres de qualquer caco de vidro...

— Eu saberia se tivesse pisado em um caco de vidro — assegurou ela, soluçando. Sophie estava bem ciente de que seus farrapos de roupas estavam se dobrando em todos os lugares. Um dos seios estava praticamente pulando para fora da camiseta. Ela não conseguia olhar. Não estava usando calcinha e conseguia sentir a parte mais íntima tocando o tecido do short.

E o pior de tudo era o que seu corpo desobediente estava fazendo. Instigado

pela força dos braços de Matias e pela firmeza de seu peito musculoso, os mamilos estavam excitados e endurecidos, as pontas rosadas se insinuando atrás do tecido fino da camiseta. Entre as pernas, ela estava úmida. Desperta. Desejou que Matias não tivesse percebido nada disso a caminho do quarto dela.

Sophie estreitou os olhos e não os abriu até ouvir a porta de seu quarto, que deixara entreaberta, sendo empurrada.

— Santo Deus. — Matias estava bem ciente do corpo dela, de cada pedaço suculento, macio e quente que levava nos braços. Conseguia ver o rubor rosado de seu mamilo se destacando. — Por que você fechou os olhos?

Sophie os abriu, encarou-o e então se deu conta de que não estavam no quarto dela. Ele a tinha levado para um quarto masculino, sem dúvida, desde o cromado e o vidro dos armários embutidos até a cama de aço e nogueira, sobre a qual pendia uma pintura abstrata que reconheceu de imediato. Aquele era o mesmo quarto do qual tinha fugido horas atrás.

— Seu quarto. — Ela engoliu em seco, quando suas cordas vocais se dispuseram, enfim, a trabalhar.

— Deixe-me ver seus pés.

— Por favor, Matias...

— Por favor, Matias... *o quê?* — Ele a colocou com muita gentileza sobre sua cama, como se ela fosse uma peça frágil de porcelana, e não estava olhando para ela. Estava se ajoelhando diante de Sophie e depois apanhando um de seus pés, segurando-o com a mão máscula para procurar por cacos de vidro.

Aquilo era ridículo! Mas a sensação de suas mãos sobre ela causou estragos a seus sentidos. Aquele toque era tão *sexy*. Alguma coisa parecida com um gemido emergiu de sua garganta e os olhos deles se encontraram. A compreensão se instalou entre ambos, tão alta e clara quanto o badalar dos sinos das igrejas em uma manhã de domingo.

Desejo. Alto, forte e elétrico e, com certeza, mútuo.

— Não podemos — foi o que Sophie se ouviu dizer, com a voz hesitante, quebrando o silêncio entre ambos. Ela nem mesmo se incomodou em fingir que não sabia o que estava acontecendo, não mais do que ele fingiu não reconhecer a hesitação naquele protesto esfarrapado e meio mentiroso.

— Por que não? — Matias tinha pensado em dormir com ela, tendo em mente seus propósitos, mas, naquele momento, não conseguia se lembrar de quais eram, porque o autocontrole frio tinha sido substituído com uma urgência furiosa de levá-la para cama a qualquer custo.

— Porque essa não é uma situação normal.

— Defina normal.

— Duas pessoas que desejam ter um relacionamento.

— Não vou negar que não entro em relacionamentos, mas sexo nem sempre

tem que levar a um relacionamento para a vida inteira.

— Não para você — frisou Sophie, mas sua determinação desaparecia à medida que ele continuava a encará-la com aqueles olhos escuros, sensuais, pecaminosos. — Mas para mim... — Ela se virou e engoliu a dor que sentia.

Matias se juntou a ela na cama e, com cuidado, inclinou a cabeça dela para si.

— Para você...?

— Minha mãe não era cuidadosa quando se tratava de homens — retrucou Sophie, sem rodeios. — Ela era muito atraente... Tinha aquela *coisa* que os homens parecem achar irresistível.

— Você fala como se essa *coisa* fosse algo que você não tem.

— Não tenho — mencionou ela, sem hesitar, erguendo o olhar e fixando os olhos nos dele, com uma sinceridade inabalável. — Os homens nunca viram o pescoço quando passo, nunca imploram por uma chance comigo, ou aparecem com imensos buquês de rosas na esperança de que eu vá para a cama com eles.

— E eles faziam todas essas coisas para sua mãe?

— Ah, sim, minha mãe tinha esse efeito sobre eles.

— Então por que ela e seu pai não se casaram?

Sophie abriu a boca para contá-lo que James Carney era pai de mais de uma criança, mas se conteve. Por quê? Porque protegia Eric ferozmente. Uma necessidade, nascida do hábito, de salvá-lo da curiosidade das outras pessoas, mesmo ele não dando a mínima importância para isso.

Ou era uma defesa pelo modo como Alan tinha reagido ao irmão? Sophie disse a si mesma que não se importava, repetiu para si que, se Matias de fato desejasse fazer negócios com o pai, não se importaria com a existência do irmão. Apesar disso, se afastou e engoliu a breve tentação de lhe contar tudo.

— James sempre pensou que era bom demais para a minha mãe. — Sophie escondeu a dor por trás daquela afirmação. — Ele era rico, elegante e não pensava que minha mãe fosse a mulher certa para ele.

Matias retesou o queixo, aquilo não o surpreendia de forma alguma, e Sophie viu sua reação instintiva com uma pontada de preocupação quando se lembrou do quanto era importante que ele investisse na empresa quase falida do pai.

— Acontece. — Ela deu de ombros e continuou a falar sem parar. — De qualquer forma, não cresci no mesmo círculo social que você.

— Você não sabe que tipo de círculo social frequentei quando criança — comentou Matias, sentindo-se muito estranho. Desde quando tinha se tornado do tipo sensível que perde tempo conversando quando havia uma cama muito boa por perto?

— Posso adivinhar. Não sou estúpida.

— Você é qualquer coisa, menos estúpida. Embora *tenha sido* bem estúpido

da sua parte sair por aí dirigindo sem seguro.

— Por favor, não me lembre disso.

— Meus pais não tinham dinheiro — confidenciou Matias sem rodeios. — Deveriam, mas não tinham. Apreendi muito cedo que só sobreviveria trabalhando muito.

Sophie estava surpresa. Não apenas por ser uma revelação inesperada, mas também por ele ter confiado nela.

Ela sentiu uma pontada de emoção e o coração deu um pulo, porque a confiança indicava que havia alguma coisa a mais entre eles, mais que *luxúria*. Você não confiaria assim em alguém que quisesse apenas levar para cama e dispensar depois.

Sophie não elaborou aquela percepção de modo coerente ou analítico. Era mais uma *sensação* que tomava conta dela. *Era assim que as barreiras eram destruídas e as defesas, superadas.*

Só que não estava pensando em nada disso agora, estava apenas atraída pelo desejo de saber mais sobre ele.

— Chega de conversa — anunciou Matias, de repente, e falando sério. — Eu sou rico e poderoso e isso não significa que não goste de você pelos motivos certos.

— E quais são eles? — indagou Sophie em voz baixa e Matias lhe deu um sorriso incrível, que deixou cada nervo de seu corpo tremendo de excitação.

— Você tem um corpo que me faria andar sobre vidro quebrado só para tocá-lo — retorquiu ele, sem tocá-la, mas desejando isso com cada célula de seu corpo.

— Não seja tolo. — Ela riu trêmula, tentando levar toda aquela situação maluca para um lugar prosaico, comum, porque não conseguia acreditar que era impressionante o bastante atrair a atenção de um homem como ele. — Eu sou baixinha e... bem comum. O mundo está cheio de mulheres baixas e gorduchas feito eu.

— Você está fazendo isso de novo, se diminuindo. Não deveria, o que você tem é mais do que apenas um corpo que eu poderia encontrar em qualquer lugar. — Matias riu. — Você pode pensar que sua mãe falhou em lhe passar essa *coisa* especial, mas está errada, porque, com certeza, você tem isso.

Não fale assim, era o que Sophie queria gritar, mas o desejo incontrolável que sentia por ele a tomava, assim como a voz macia e o olhar implacável. Aquele era a situação sobre a qual sempre advertira a si mesma, mas ali estava ela, abrindo-se como uma flor sob um raio de sol e desejando aquele homem impossível mais que poderia desejar alguém.

De súbito, Sophie percebeu que suas roupas ainda estavam repuxadas, revelando o corpo e as palavras desapareceram, substituídas por um delicioso frisson de desejo.

Matias se endireitou. O luar banhava o quarto com sua luz prateada. Sophie era tão bonita que ele mal conseguia se conter.

E, *mesmo assim*, não tinha certeza do que ela faria se ele a tocasse. Ou o que *ele* faria se a tocasse e ela o rejeitasse. Um banho frio nem começaria a dar um jeito na situação.

Não teve que pensar muito sobre esse problema, porque Sophie tirou a decisão de suas mãos. Ela estendeu a mão e acariciou o rosto dele, com os olhos arregalados e os lábios carnudos entreabertos.

Matias pegou a mão dela e levou um dedo à boca. Com o olhar fixo no dela, sugava-lhe o dedo, de modo que ela soubesse o que ele estava prestes a fazer com seu mamilo. Sem nem mesmo se dar conta, Sophie respondeu à carícia, empinando os seios. Os mamilos formigavam. Com os olhos semicerrados, ofegou quando Matias colocou a mão sob sua camiseta e acariciou um dos seus seios.

Ele ainda estava com o dedo dela em sua boca e ainda o sugava enquanto acariciava o mamilo rígido. Isso foi o bastante para que o corpo dela gritasse em resposta, aquela era uma sensação maravilhosa.

Era eletrizante.

Sophie gemeu.

— Eu quero você.

Matias segurou sua mão e, brincando com a ponta de seu dedo, disse-lhe:

— Seu desejo é uma ordem para mim. Você me quer? Tenha certeza de que você me terá o quanto desejar.

Ela havia esperado que ele a guiasse sem mais conversa. Podia ver a fome em seus olhos escuros ecoando nos dela. Mas Matias não fez isso. Matias a ajeitou sobre a cama, sentou-se ao seu lado por alguns segundos e só depois, devagar, começou a tirar sua bermuda.

Ela era tão macia, como seda delicada, e a pele pálida brilhava sob a luz do luar. Ele precisava olhar, e mesmo enquanto olhava tentava controlar a respiração, mas estava tão excitado que precisava fazer um esforço para lembrar que respirar envolvia puxar e soltar o ar.

Em um único movimento rápido, Matias se levantou e se despiu.

Sophie nunca tinha visto uma coisa tão magnífica em toda a sua vida. Nenhum artista seria capaz de fazer justiça à perfeição absoluta do corpo dele. Um peito amplo, ao qual se seguia um abdômen trabalhado e mais embaixo uma ereção enorme, seu membro como se fosse um eixo de aço que a fazia querer desmaiar de tão excitada que estava.

Sophie tivera sim um namorado, mas seu nível de experiência era baixo e nada a tinha preparado para o impacto do desejo verdadeiro, desavergonhado e descarado. Desejo de tudo, sobretudo de uma necessidade de viver o momento e aceitar o que lhe estava sendo oferecido. Desejo que não procurava

nada, além dos próximos momentos de prazer.

Sophie nunca teria acreditado que seria capaz de deveras *estar ali e estar com aquela pessoa*, porque isso ia contra todos os seus princípios. Mas, agora que *estava ali*, sentia-se selvagem, perversa, muito má.

Nu, Matias, abriu caminho entre suas pernas e então se deitou sobre ela para fazer uma coisa que pareceu tão íntima que Sophie ficou paralisada por alguns segundos.

— Algum problema? — inquiriu ele.

— Nunca tive alguém que fizesse... isso...

— Então relaxe e aproveite. Confie em mim, você vai implorar por mais. — Com isso, ele abriu ainda mais as pernas dela, mantendo-as no lugar com as mãos e colocou a cabeça entre suas pernas. A língua fazia uma dança delicada em sua parte mais íntima e excitada e então, mergulhando mais fundo, ele encontrou e provocou seu clitóris, até senti-lo latejar. Os gemidos de Sophie se transformaram em gritos. Os dedos dela se afundaram no cabelo escuro de Matias. Um minuto depois, ela o impulsionava a não parar, a se esforçar mais e, em seguida, ela o estava puxando, contorcendo-se em uma vã tentativa de controlar sua reação.

Sophie nunca tinha sentido nada como aquilo. Não sabia nem que aquele nível de prazer sequer existia. Ela entreabriu os olhos e viu Matias movimentar a cabeça entre as pernas dela, o que a fez tremer e engasgar. Ela ofegou contra a boca dele, quando a onda de prazer começou a consumi-la, a tomar conta de todo o seu corpo. Estava próxima do orgasmo e não poderia mais deter a escalada de prazer, assim como não seria capaz de deter um trem em movimento.

Ela gritou e então ofegou, arqueou o corpo e gritou mais uma vez quando encontrou os lábios dele. Pareceu durar para sempre.

— Matias... — proferiu, quando por fim voltou ao planeta Terra — você não deveria ter...

— Não deveria ter o quê? — Ele tinha se deitado ao seu lado, pressionando-se contra ela, de modo que seus corpos estavam tão próximos um do outro que poderiam ter se fundido. — Não deveria ter lhe dado prazer? Eu quis fazer isso. Quis prová-la quando você teve o orgasmo.

— Isso não é só sobre mim.

— Beije-me e me abrace. Você é tão bonita. Quero sentir sua boca em mim, mas primeiro preciso provar seus seios. Estive fantasiando sobre eles por tanto tempo. Quero ver se eles são tão deliciosos quanto imaginei.

— Você esteve fantasiando sobre meus seios?

— Não é minha culpa se eles são tão gloriosos.

— São imensos.

Matias se apoiou no cotovelo e passou a examinar os seios dela. Acariciou

um mamilo com o dedo, observando-o endurecer e se arrepiar. Sophie tinha seios generosos e pesados e os mamilos eram círculos perfeitos e bem delineados. Ele se inclinou sobre eles e, com delicadeza, moveu a língua sobre um e então o sugou. Era melhor do que tinha imaginado em seus pensamentos mais selvagens. Doce como néctar, com uma pitada de sal. Latejou em sua boca, quando ele aprofundou a carícia e o toque da mão dela em sua nuca era o afrodisíaco mais poderoso que ele poderia imaginar.

Ela estava tão presente no momento e, mesmo assim, não parecia inclinada a fazer as acrobacias que muitas mulheres julgavam essenciais na cama para impressioná-lo.

Sophie era honesta em todas as suas reações e os pequenos gemidos de prazer carregavam uma nota de quase surpresa, como se cada toque fosse novo e muito delicioso.

Deus do céu, pensou ele, chegando ao limite, *um homem poderia ficar viciado nesse tipo de coisa*. Ele ainda estava consciente o suficiente para reconhecer isso. Guiou a boca de Sophie até o membro ereto e soube, pelo modo como ela hesitou a princípio, que talvez fosse aquilo que o excitou além do imaginável.

Sophie percorreu o membro dele com a língua e se divertiu com o modo que Matias estremeceu. Isso a fez se sentir mais confortável sobre gozar na boca dele, como tinha feito, em um abandono sem medidas. Então, ela levou seu membro à boca e começou a fazer movimentos ritmados que fizeram Matias gemer alto, enquanto entrelaçava os dedos ao cabelo louro dela. Sua experiência era bastante básica em relação a sexo. Suas tentativas inocentes com Alan, o sujeito com o qual tinha pensado que poderia acabar se casando, estavam havia anos-luz de distância *daquilo*. O corpo estava ansiando e dolorido, estremecendo outra vez. Ela o soltou e se deitou de novo, com a cabeça para trás, o cabelo se espalhando pelo travesseiro, com os olhos fechados. Ele a observava. Podia sentir os olhos de Matias sobre ela, e isso a excitava.

Quando deu uma espiada no rosto dele, corou com timidez e ficou tentada a cobrir os seios com as mãos, mas não fez isso.

— Eu a quero — admitiu Matias, em um gemido tão claro e ela suspirou e sorriu ao mesmo tempo, não acreditando no que eles estavam fazendo, mas querendo mais.

— Então venha me pegar — respondeu ela, em um sussurro.

Os segundos que ele levou para alcançar um preservativo e colocá-lo em seu membro pareceram horas, pois ela estava muito excitada esperando por ele. Sophie abriu as pernas e então a alegria e o prazer de senti-lo dentro dela fez o coração se dilatar e tocar cada canto de seu corpo. Ele se movimentava com precisão e cada vez mais fundo e com mais força, entrando em um ritmo que

começou lento e foi ficando mais firme e mais forte, até que seus corpos pareciam se mover como um só.

Ele a excitava tanto... Parecia que tinham sido amantes desde sempre. Soube que ele estava prestes a gozar, assim como soube que também estava e, quando Matias gemeu e arqueou as costas, seu corpo grande e poderoso estremecendo, ela também sentiu o próprio corpo chegar ao clímax junto com ele, movendo-se do mesmo modo primitivo.

Consumida, Sophie se acomodou em seus braços. Ele ainda respirava de maneira entrecortada e ela podia sentir o suor que ligava seus corpos, deixando-os quentes e escorregadios. Parecia tão bom, e ela se contorceu e se encaixou nele, gostando do modo como seus braços a envolviam.

Acabou caindo no sono? Deve ter caído, mas quando abriu os olhos sonolentos, ainda estava presa em seu abraço, com sua coxa entre as pernas dele, os seios contra seu peito.

Meio adormecida, esticou a mão e o acariciou, sentindo de imediato ele se mexer, como se seu corpo ganhasse vida nas mãos dela. Matias não estava mais acordado que ela. Estava quente e meio adormecido, assim como ela, e a fusão de seus corpos foi tão natural e instintiva como o nascer e o pôr do sol ou a mudança das marés.

Quando ela acordou, na manhã seguinte, a luz do sol inundava o quarto esmaecido e cinzento. Caía uma fina garoa. Onde estaria Matias? Não estava deitado ao seu lado.

Sophie bocejou e se espreguiçou, virando-se de lado e o encontrou trabalhando em uma mesa próxima da janela.

Matias ouviu o som dela se espreguiçando e, no mesmo instante, ficou tenso, porque toda aquela situação o deixava desconfortável. O sexo tinha sido incrível, mas depois...

Diabo, eles tinham caído no sono juntos, envolvidos um no outro, como ramos de uma videira. Dormir era uma coisa que ele fazia sozinho. As mulheres deitavam em sua cama para o sexo, mas iam para outra cama dormir ou, melhor ainda, iam embora. Ainda assim, ele não pensou sobre dormir com ela em seus braços e então, no meio da noite, tinham feito amor mais uma vez e sem proteção. Ele mal acordara e aquela fora a experiência mais louca de sua vida, quase que um sonho e, apesar disso, deliciosamente *real*. Seus corpos tinham se juntado e se fundido e ele gozou como nunca.

E agora...

— Não usamos contraceptivo. — Ele se virou para encará-la, seu corpo já respondia ao rosto quente e corado dela e aos seios macios e fartos. Ele a desejava de novo e agora, e isso o incomodava também.

— Como?

— Ontem à noite. Você me acordou e fizemos amor sem proteção.

Sophie se sentou e puxou os joelhos para si.

— Eu... eu não pensei... — declarou ela. Não ficaria grávida. *Não poderia* ficar. A preocupação e consternação ficaram visíveis em seu rosto. — Não há como haver um acidente — argumentou ela, com os olhos arregalados. — Não é a época certa do mês para mim...

Era isso? Ela estava muito tensa para fazer as contas.

— E não poderia ser tão azarada *assim*.

Desconcertado, Matias franziu a testa.

— Azarada?

Sophie se levantou da cama, lembrando-se tarde demais de que estava nua, e puxou um edredom para se cobrir. Fazer sexo sem proteção o tinha catapultado de volta à lembrança da namorada calculista que quase o arrastara ao altar sob uma alegação falsa de gravidez, mas o horror exposto de modo tão expressivo no rosto de Sophie estava contando uma história diferente, e quando ela se afastou dele, seu instinto não foi dar ênfase às suas acusações. Seu instinto foi colocá-la de volta na cama.

— Você pensa mesmo que eu ia *querer engravidá-la*?

Matias se levantou, ágil e gracioso feito uma pantera, mas muito mais perigoso.

— Por que você está se incomodando e tentando se cobrir? Eu a vi nua, toda nua e, além disso, seus seios estão à mostra.

Sophie olhou para baixo e foi confrontada pela visão de seu mamilo rosado desafiando suas tentativas de encobri-lo. Quando ela ergueu o olhar outra vez, encontrou Matias bem próximo. Ele tinha colocado a cueca, mas nada além disso, e ela quase desmaiou, varrida por uma onda de desejo que a atingiu como um tsunami.

— Você não fala sério que seria azarada se ficasse grávida de mim — comentou ele e Sophie o encarou.

— Você é *tão* arrogante.

— Você gosta.

— Você não é *nem um pouco* o meu tipo.

— Você também gosta disso. É entediante ficar com alguém que não desperte sua fúria, confesse. Onde está a excitação nisso?

— Não quero excitação. *Nunca* quis excitação. Minha mãe gastou a maior parte de sua vida *desejando excitação*.

— Você não é sua mãe — alertou Matias, sem hesitar, colocando as mãos sobre os ombros macios dela e massageando-os com gentileza. — E você pode não desejar *excitação*, mas isso não significa que seu objetivo na vida deva ser se acomodar em um *aborrecimento mortal*. Estou entendendo — continuou ele, o tom baixo e rasgado de sua voz deixando-a arrepiada —, que você está me colocando na categoria *excitante*.

— Isso não é engraçado, Matias!

— Não é — retrucou ele, concordando com ela. — Principalmente se levarmos em conta que acabo de escapar de uma mulher que afirmou estar grávida de mim para me obrigar a casar com ela.

— O quê? — Sophie tentou se sentir indignada, mas os dedos dele estavam fazendo coisas com seu corpo, e ela estava relaxando e se transformando em uma boneca de pano ao toque dele.

Também estava, descobriu, voltando para cama, um fato que ela só percebeu quando caiu no colchão, com o edredom enrolado em seus pés. Apesar de todos os protestos dela, Sophie estava, decerto, excitada. As pontas dos mamilos estavam duras e o roçar da umidade entre as pernas dela era praticamente audível.

Matias não lhe deu tempo para pensar. Ele nunca se consideraria o tipo de sujeito que poderia ser vítima das demandas insensatas de seu corpo, mas estava descobrindo que era esse mesmo tipo de homem que a excitava. Aquilo não iria durar, então por que, ele pensou, não deveria se render e aproveitar aquela experiência única?

Ele a empurrou para se deitar ao lado dela e, antes que ela pudesse começar a protestar, colocou a mão entre suas pernas e a penetrou com um dedo, sentindo sua umidade com um gemido de satisfação.

— Pare de fazer isso — exigiu Sophie, em protesto, torcendo-se sem muita vontade de se distanciar dos dedos exploradores de Matias. — Não consigo pensar quando você faz isso. Você é arrogante e deixou implícito que eu era o tipo de garota que armaria uma gravidez para conseguir levá-lo para o altar!

— Deixei isso implícito?

— Sim, deixou! Que namorada foi essa?

Matias se recostou e olhou para o teto.

— Eu era jovem, arrogante e estava subindo na vida. Pensei que sabia de tudo e poderia ter qualquer coisa. Acontece que aquela não era uma mulher que queria começar do zero comigo. Ela havia visto meu potencial. Eu já ganhava bem e andava por aí feito um touro bravo em uma Ferrari vermelha.

— Em outras palavras, detestável — declarou Sophie, sem humor, mas, em segredo, encantada pelo modo como ele ria de si mesmo.

— Muito — confirmou Matias sem rodeios. — Ela me assegurou que estava grávida. Mas não estava, o que foi uma coisa que descobri por acidente.

— Você avisou que eu não sou minha mãe — disse Sophie, querendo-o com tanto desejo que chegava a doer —, e não sou sua ex-namorada. — Ela não iria se aconchegar a ele, que era o que desejava fazer, mas também não estava se afastando. Não conseguia.

— E agora que deixamos isso claro... — Ele afastou a mão da umidade entre as pernas dela e foi em direção a seus seios e ao mamilo rosado e provocante

que implorava para ser acariciado —, por que não pulamos o café da manhã e continuamos com nossa viagem misteriosa um com o outro?

— Preciso voltar para Londres — comunicou Sophie sem muita convicção. Seu corpo tremia, receptivo à carícia.

— Não, não precisa. Você se esqueceu de que tem uma dívida a pagar?

— Não desse jeito!

— Não — contestou Matias, sério —, não assim, mas *adoraria* lhe pagar para que preparasse o café da manhã para mim, e não estou com fome ainda, pelo menos não de comida.

— Matias...

— Eu a quero em minha cama, Sophie, e depois, quando tivermos feito amor e eu tiver proporcionado prazer de todas as formas possíveis, gostaria de contratá-la para fazer meu café da manhã, porque ainda há muito daquela dívida a ser paga. Você fará isso?

— Farei — replicou ela. — Mas quando sairmos daqui...

Matias arqueou as sobrancelhas e brincou com a penugem entre as pernas dela, até conseguir ver seus pensamentos emaranhados na cabeça loira.

— Oi...?

— Quando sairmos daqui — mencionou ela, ofegante, desistindo, como ele sabia que ela faria —, nada disso aconteceu. Tudo bem? Voltarei a ser a cozinheira que você contratou para pagar uma dívida. Voltamos a ter apenas negócios entre nós.

— Claro — retorquiu ele, tranquilo, desejando-a ainda mais agora que ela estava deixando claro o tipo de regras e regulamentos que deveriam, em teoria, atraí-lo, porque era bem o que ele próprio faria. — Mas chega de conversa...

CAPÍTULO 6

PELA PRIMEIRA vez, desde que chegara, Sophie pôde apreciar a enorme mansão de Matias com calma, porque ficou para lhe preparar o café da manhã no dia seguinte e no outro.

— Mas pensei que todos os convidados tinham ido embora — disse Julie, em uma voz que deixava claro o quanto estava confusa, quando Sophie lhe telefonou e lhe contou que ficaria mais alguns dias.

Ela murmurou alguma coisa vaga sobre nem todos os convidados terem ido embora ainda, e que escolha tinha ela, considerando que estava em dívida com o homem? Tinha que fazer o que ele mandasse, caso contrário, o negócio delas seria desmantelado como uma casa feita de brinquedo nas mãos de uma criancinha mimada.

Sophie poderia soar bastante verdadeira porque o fundo de verdade contido naquelas palavras atenuava sua culpa por fazer aqueles dias de gazeta.

Estava preparando o café da manhã para Matias, mas aquilo era apenas uma desculpa sem sentido para o que vinha fazendo de fato. Era sua amante e estava aproveitando cada segundo disso. Tendo se fechado depois de sua experiência com Alan, Sophie experimentava agora uma liberdade que nunca imaginara sentir. Estava, sentia, em uma jornada de autodescoberta, e tinha parado de se questionar como isso era possível, já que Matias não era o homem com quem sonhara. O que sabia era que ele tinha inserido uma nota nova e divertida à sua vida, algo que a fez esquecer todos os princípios que passara a vida inteira nutrindo.

Sophie estava sendo irresponsável pela primeira vez em sua vida, e estava gostando.

Você não é sua mãe, Matias lhe advertira e ela ouviu aquilo com efeito e se permitiu ceder e viver um pouco sem se culpar por isso.

Certo, então Matias não ficaria por perto para sempre, mas isso não significava que ela, de repente, estava desenvolvendo um gosto por homens inapropriados. Não, Matias era sua loucura, e por que ela não podia se divertir com ele se tinha a chance de fazer isso?

Ele era rico, poderoso, arrogante e confiante ao ponto de parecer ridículo, mas também era, Sophie descobriu, um amante extremamente delicado, bem-humorado, que adivinhava seus pensamentos de um jeito até estranho e era tão, mas tão esperto, que era quase inacreditável.

Espreitando à margem do prazer, contudo, estava a certeza de que ele não ficaria muito mais tempo por perto, ainda que ela soubesse que eles se veriam mais vezes, que teria que pagar o que lhe devia e que, talvez, por isso, eles se encontrassem de novo em situações parecidas com aquelas.

Quando ela acabou de guardar a louça do café, com o cheiro do pão quente ainda no ar, ele a fez sentar-se com ele à mesa, dando um tapinha no colo.

— Sente-se — exigiu ele, em tom de ordem, mas sorrindo, observando-a se aproximar, tão fresca quanto uma flor, sem maquiagem e muito sexy, usando uma calça jeans desgastada e uma camiseta larga.

Sophie não estava usando sutiã. Ele gostava dela assim. Gostava de ser capaz de estender o braço e tocá-la, sem ter que se incomodar em desabotoar fechos irritantes.

Estavam ali havia dois dias, como adolescentes, e Matias ainda não tinha ficado satisfeito. Não tinha tentado falar sobre o pai dela, nem tinha pensado sobre isso. A única coisa que ocupava sua mente era o corpo fabuloso dela e o efeito que tinha sobre ele.

— Ótimo café da manhã — pronunciou Matias, quando ela, obediente, sentou no seu colo. Colocou a mão sob a camiseta dela, encontrando a curva generosa de seu seio e a ponta arrepiada de seu mamilo. Ergueu a camiseta e a reposicionou, para que, assim, ela se sentasse de frente para ele. Em seguida, começou a beijar-lhe o seio.

Não tinha ideia de que Sophie o faria agir feito um adolescente com tesão, mas isso acontecia. Em seus momentos de sanidade, Matias lembrava quem ela era e qual tinha sido seu plano original ao colocá-la para trabalhar para ele, pagando assim sua dívida. Infelizmente, aqueles instantes de sanidade estavam cada vez mais raros.

Observá-la se mover pela cozinha, em uma paródia de domesticidade que deveria tê-lo feito correr para as montanhas, tinha dado início a uma pequena e gostosa ereção e agora, beijando seus seios, ela estava se intensificando a ponto de ficar dolorosa.

Se moveu sob ela e sentiu seu sorriso quando ela estendeu o braço e encontrou seu membro rígido, tocando-o com firmeza, acima da calça jeans.

Matias queria mais contato. Ajustou seu corpo forte, preparando-o e respondendo por instinto, e Sophie desceu do seu colo, tirou a camiseta e baixou sua calça jeans.

Ele era tão bonito que tirava seu fôlego. Ela não conseguia acreditar que, em um espaço de poucos dias, tinha saído de um estado de noviça para ser uma

pessoa lasciva, que tinha florescido sobre seu toque, como uma planta regada e nutrida. Matias a tinha encorajado a tocar, experimentar, deleitar-se com a adoração franca que ele tinha pelo corpo dela. Tinha sido um professor dedicado. Dava atenção para cada centímetro de seu corpo e a ensinou a tocá-lo, nos lugares certos e da forma mais deliciosa.

Agora, com a calça e a cueca dele no chão, Sophie pegou o membro ereto entre as mãos e brincou com ele, divertindo-se com a maneira como Matias estremecia, adorando o gemido gutural que escapava de seus lábios. Ele acariciou a cabeça dela e Sophie levou seu membro à boca, enquanto os dedos dele brincavam com seu cabelo.

Estavam em seu paraíso particular, uma bolha deliciosa onde poderiam satisfazer seus apetites um pelo outro, sem interrupção, uma bolha na qual os pensamentos, conjecturas e a *realidade*, ao menos *para ela*, não eram permitidos.

Sophie se levantou, notando que os olhos dele estavam fechados, narinas, dilatadas. Ele sabia o que ela estava prestes a fazer e estava esperando para ser agradado.

Sophie não conseguia tirar a calça jeans e a calcinha depressa o bastante. Ele fez isso por ela, fazendo seu corpo inteiro se agitar na pressa de ser satisfeito. Sophie estava pronta, doendo com o desejo senti-lo dentro dela.

Sophie sabia onde Matias mantinha os preservativos e, rápida, pegou um da carteira, que estava na calça ao lado deles, no chão. Tinham feito amor sem proteção aquela única vez e nunca mais. Tirou o preservativo do pacote e, com o membro dele entre as mãos, colocou-o ali.

Os olhos de Matias estavam sobre ela, o ardor do desejo aumentando sua excitação. Sophie gemeu alto quando se posicionou de forma que ele pudesse entrar dentro dela, cada terminação nervosa de seu corpo formigando quando ele a abraçou pela cintura, envolvendo-a com as mãos enormes. Em seguida, estava se movendo sobre ele, pressionando-se contra ele, para senti-lo mais fundo dentro dela, enlouquecendo-a de forma que só ele poderia.

Ele ergueu o rosto e a beijou enquanto ela se movia sobre ele, um beijo urgente e faminto que a fez gemer, e Sophie estava chegando ao clímax, indo em direção àquele pico de satisfação. O corpo se movia em um ritmo perfeito até que o mundo explodiu e tudo que ela conseguia sentir era o prazer intenso do seu orgasmo que se espalhava, em pequenas ondas eróticas que a deixavam trêmula.

Ela caiu contra ele, pousando a cabeça em seu peito, ouvindo sua respiração lenta e irregular que, aos poucos, voltava ao normal. Ambos estavam quase escorregando da cadeira e ela, hesitante, saiu de cima dele e começou a procurar suas roupas.

Matias parecia tão em paz ali, o corpo todo relaxado, os olhos semicerrados,

enquanto a observava se atrapalhando para colocar a camiseta e depois a calcinha.

Matias não tinha vergonha de seu corpo. Mas Sophie, mesmo depois de terem feito amor pelo que parecia ser a milésima vez, ainda precisava colocar suas roupas.

Ele se levantou, flexionou os músculos e a olhou de lado, com um sorriso de satisfação.

— O trabalho está começando a exigir minha atenção. Ele é um amante exigente.

— Sim, também preciso voltar. — Sophie sentiu o coração apertar, mas sorriu sem deixar isso transparecer. — Julie está começando a arrancar o cabelo, porque acabamos de receber um pedido grande e é difícil planejar um cardápio juntas por mensagem de texto ou telefone.

— Você ainda me deve pelo meu carro... — Ele foi para detrás dela e passou seus braços ao redor de sua cintura, inclinando-se, falando contra seu cabelo, que abafava sua voz.

Sophie ficou excitada mais uma vez. Não conseguiu se impedir de sorrir de orelha a orelha. Sabia que aquela situação não iria durar e que talvez aquela fosse a coisa menos sensata que poderia fazer, mas a atração era irresistível.

— Mas — declarou Matias, sério —, está pagando o débito com rapidez. Dito isso... Eu ainda posso precisar que você faça algum trabalho de bufê para mim e prefiro desfrutar o serviço particular que você estava me fornecendo. Eu me refiro, claro, àquelas excelentes opções de café da manhã que me apresentou.

Sophie se virou, para que assim ficassem cara a cara e o encarou.

— Gosto de preparar seu café da manhã — confidenciou a ele. — Vamos marcar um dia? Como isso funciona? — Ela suspirou e estendeu os braços, unindo os dedos atrás do pescoço dele. — Quero dizer, Matias, como isso funciona *de verdade*? Existe um período? E se eu escolher interromper nossos *encontros*, o que acontece? Sinto-me vulnerável pensando que entramos em um novo território, entende?

— Você acha que irei penalizá-la, caso você decida que quer deixar de ser minha amante? Não farei isso. Não sou esse tipo de sujeito. Você é livre para fazer suas escolhas. Ainda quero você, Sophie, mas não desejo que se sinta de algum modo comprometida a me dar prazer temendo o que eu possa fazer caso você mude de ideia.

A bolha estava começando a estourar. Eles não iriam mais passar o dia todo na companhia um do outro fazendo amor, conversando e então fazendo amor outra vez.

Viver o momento tinha sido fácil. Ela conseguiu fechar os olhos para a vida real que ficava em Londres. Bem, voltariam para Londres em breve e ainda que

Sophie tivesse dito a Matias que, uma vez que partissem, o que tinham compartilhado chegaria ao fim, não queria que aquilo terminasse.

Eles não tinham falado de quanto dinheiro ela ainda lhe devia. Ela não se importou com isso porque tinha descoberto que Matias era justo e honrado.

Mas se preocupava com o negócio dele com o pai. Tinha falado de James Carney como alguém com quem Matias *deveria* fazer negócios, para que o pai continuasse a pagar pela instituição onde o irmão vivia.

De repente, pareceu de vital importância que ela contasse a Matias sobre Eric. Matias faria as contas e entenderia o motivo de ela ter feito o que fez, a razão de não o aconselhar a evitar negócios com James.

— Bom — proferiu ela sem entusiasmo, perguntando-se como direcionar a conversa para onde ela queria e, afinal, decidindo apenas falar francamente — E sobre meu pai...

— Sim? — Matias estava atento. Ele ficou maravilhado por essa ter sido a primeira vez que Carney tinha sido mencionado em todo o tempo que ficaram juntos, quando o propósito original de ela estar ali era fornecer informação que ele pudesse usar.

— Você ainda... está interessado em investir dinheiro na empresa dele? — interrogou Sophie, com toda a história sobre Eric preparada para Matias. Ficou um pouco surpresa com o repentino silêncio que se seguiu à sua indagação. — Qual é o problema?

— O que a faz pensar que há algum problema, Sophie?

— Não sei. O que eu disse? Só pensei que vamos embora daqui e eu e quis conversar sobre o que acontece a seguir. Fiz mal?

— Por que isso levaria a uma discussão dos meus planos de negócios com seu pai? Mas agora que entramos no assunto... Você sabe dos problemas financeiros de seu pai?

Sim, ela sabia. Estava tudo ali, evidente em seu rosto. Tinha bancado a ignorante, mas sabia o tempo todo que o velho estava quebrado. Ela nem estava tentando negar isso.

— E é claro que se algum negócio for resolvido, haverá certas verificações de antecedentes...

— Verificação de antecedentes? — inquiriu ela.

— A comunidade de negócios é um mundo pequeno. Tem havido certos rumores sobre negociações obscuras...

Sophie empalideceu. As pernas ficaram trêmulas. O cérebro derreteu, quando ela pensou o que seria revelado nas *verificações de antecedentes*. Ela não tinha certeza de nada, mas suspeitava...

— Sem dúvida, isso não seria necessário — afirmou ela, em voz baixa.

— Ah, meu Deus. — Usado. Ele tinha sido usado. Ela havia dormido com ele para facilitar um acordo com seu pai, que ela sabia estar quebrado e ser um

corrupto. Era claro que ela estava com medo das verificações de antecedentes, que sabia que poderiam deixar vir à tona toda a sujeira. Depois de tudo, ele conseguiu a informação que desejava, mas a fúria em que se encontrava de novo parecia vulcânica. — Você parece apreensiva. Pensou que poderia me *distrair* e me levar a colocar dinheiro em sua conta bancária, sem que eu faça minha lição de casa antes?

Mais uma vez, Sophie empalideceu, enquanto tentava entender o que ele estava dizendo, mas os pontos não se ligavam. O que Matias estava insinuando?

— Eu não sei sobre o que você está falando — argumentou ela.

— Não sabe? — Nem mesmo sua ex-namorada tinha sido capaz de fazê-lo sentir tamanha raiva. Não tinha aprendido *coisa alguma*, pois fora enganado outra vez. Se tivesse dado um murro na parede, com certeza chegaria até os tijolos, de tão poderosa que era a torrente de emoção que se espalhava por seu corpo. — Não sei por que não parei para questionar sua virada repentina, de moça recatada, envergonhada e tímida para alguém ansiosa e pronta para o sexo.

— Isso é uma coisa horrível de se dizer!

— Se eu bem me lembro, você mostrou suas garras quando nos conhecemos...

— Porque você foi horrível comigo! Ameaçou acabar com meu negócio para que eu pagasse minha dívida!

— Quando você decidiu me atacar? Foi quando viu que havia alguma chance de que eu fizesse negócios com seu pai? Você achou que seu corpo sexy me levaria a fazer negócios com ele sem me preocupar com quem ele era?

Sophie o encarou com os olhos arregalados. Ela estava olhando para um estranho. O homem provocante e sedutor que conseguia excitá-la num piscar de olhos tinha sumido.

— Não! Eu nunca faria uma coisa dessas! A única razão de eu ter mencionado meu pai e... bem... é porque eu queria lhe contar uma coisa que...

Matias ergueu a mão, interrompendo-a.

— Não tenho interesse em saber. — Ele ignorou o peso que se instalara em seu coração. Sexo era sexo, mas negócios eram negócios e ele tinha sido um tolo por ter se deixado distrair pelo corpo maravilhoso dela e seu rosto enganador. — O fato é que o único interesse que tenho em seu pai é não deixar que nenhum acordo lucrativo possa resultar em mais dinheiro nos bolsos dele.

— Você não entende — comentou ela, em uma tentativa fraca de protesto, mas tudo parecia estar se movendo com tanta velocidade que seu cérebro não conseguia acompanhar.

— Na verdade, acho que entendo muito bem. Mas é *você* que não entende o que está se passando aqui. Não só eu *não* colocarei dinheiro na empresa de seu

pai, como minha intenção não poderia ser mais diferente. Não vou apenas provocar a falência de seu pai desonesto e desprezível. Serei a ruína dele. Você pode não se lembrar, mas mencionei que não cresci em meio ao luxo.

— Eu me lembro... quis perguntar a você sobre isso, mas...

— Permita-me lhe contar. Seu pai roubou a invenção do *meu* pai e a usou para enriquecer. Vi a prova disso ao ler algumas cartas escritas há muito tempo. Nunca ocorreu aos meus pais que poderiam levar James a julgamento e conseguir o que mereciam.

Sophie acreditava em cada palavra que estava sendo dita, porque era o tipo de coisa que o pai teria feito.

— Meu pai nunca se recuperou da traição e morreu muito cedo, vítima de um câncer raro. E você quer ouvir o pior de tudo isso? Há pouco tempo encontrei mais cartas, escondidas entre as coisas da minha mãe, que ela escreveu ao seu pai, implorando por algum dinheiro para mandar meu pai para os Estados Unidos, onde um trabalho inovador estava sendo feito nessa área, estudos clínicos importantes, pelos quais minha família não poderia pagar.

— Eu sinto muito — sussurrou Sophie, devastada.

— Então, minha intenção sempre foi fazer seu pai pagar pelo que ele fez.

— Do que você está falando?

— Eu acho que você sabe. Sabia sobre o estado de penúria de Carney. Queria mais informações e consegui. Um período na prisão parece apropriado, considerando o que ele fez, não concorda? Então, obrigado por corroborar o que eu já suspeitava. Agora sei com exatidão o que usar quando tiver a empresa de seu pai em minhas mãos.

Uma onda de náusea se abateu sobre ela. Sophie tinha aceitado que o caso deles era temporário e tinha justificado a extraordinária resposta de seu corpo a ele com todos os tipos luxúria e desejo, mas agora que a extensão da decepção dele estava se revelando diante dela, Sophie soube que havia sentido mais do que desejo por ele.

Matias tinha conseguido mostrar um lado dela que Sophie não sabia que existia. Ele a fez rir, esquecer-se de todos os problemas que a assombravam. Com ele, tinha deixado de ser a mulher magoada pelo ex-namorado, que precisava rastejar para sustentar o irmão que protegia com ferocidade, a pessoa cuja carreira poderia não mais existir a qualquer instante. Com Matias, por mais improvável que fosse, era apenas despreocupada, *sexy* e *jovem*.

Mas tudo aquilo tinha sido uma ilusão. Matias a usara para conseguir informações sobre o pai. A profundidade de sua mágoa era sufocante.

— Você ao menos gostou de mim, Matias? — As lágrimas pesavam em seus olhos.

Matias corou. Doía-lhe ver a ferida aberta nos olhos dela, mas isso não iria

enganá-lo. Dessa vez seguiria o roteiro. Sem chance de permitir que Sophie virasse a mesa e o colocasse no papel de criminoso. Ela estava atrás de dinheiro, pronto, fim da história.

— Estava certa em me indagar por qual motivo um homem feito você teria se interessado por mim — anunciou Sophie, amarga.

— Você vai negar que desejava que eu colocasse dinheiro na empresa de seu pai porque sabia que, se eu fizesse isso, seria beneficiada? — interrogou Matias com frieza.

Sophie fechou os olhos.

Ela morreria antes de explicar a Matias por que precisava tanto daquele dinheiro. Tinha somente que aceitar que ele a usara em sua busca por vingança. Eles não tinham se aproximado. Aquilo tinha sido sua imaginação. Matias a odiava por um crime que ela não havia cometido.

Matias notou que ela nem mesmo conseguia olhá-lo nos olhos e cerrou os punhos, lutando contra o desejo de esmurrar alguma coisa. Estava desconfortável em sua própria pele e isso o enraivecía. Foi até a porta e a encarou.

— Nosso retorno para Londres marcará o fim de qualquer relacionamento entre nós.

— Mas e o dinheiro que eu ainda lhe devo?

— Você acha mesmo que eu iria querer vê-la de novo, Sophie? Considere a dívida toda paga — comunicou ele. — Não irei atrás de seu negócio, fique tranquila. Vou passar por essa porta e tudo que há entre nós, conforme eu já avisei, chegará ao fim. Instruirei minha secretária a lhe enviar um e-mail confirmando que você não me deve mais nada pelo dano ao meu carro e você deveria se considerar afortunada, porque não tenho limites quando se trata de buscar justiça pela memória de meu pai, e não me importo com danos colaterais.

Ser chamada de *dano colateral* foi o que, por fim, terminou com o que pudesse haver entre eles, pensou Sophie, devastada. Graças a Deus, não tinha contado a ele sobre Eric. Graças a Deus, não tinha permitido que ele entrasse mais em seu coração.

— Vou subir e fazer minha mala e acho que pegarei um táxi até a estação e o primeiro trem de volta para Londres.

— Meu motorista vai deixá-la em sua casa. Preciso voltar ao trabalho que negligenciei nos últimos dias.

Sophie assentiu e permaneceu onde estava, Matias se virou e saiu da cozinha.

Só então, o corpo todo dela desmoronou, como se fosse uma marionete, cujas cordas tinham sido cortadas de súbito.

Durante alguns minutos, apenas respirou fundo e fez seu melhor para

encontrar alguma luz no fim do túnel. Era isso que tinha passado a vida inteira fazendo. Fazia isso todas as vezes em que visitava o irmão, lembrando a si mesma que a vida com Eric, por mais problemas que ele tivesse, era muito melhor que a vida sem ele. Fazia isso todas as vezes que precisara ir até o pai pedir dinheiro para manter Eric seguro e feliz, e tinha ido embora sem nada.

E faria isso mais uma vez agora, agradecendo sua boa estrela, sua sorte, por não ter tido a oportunidade de investir ainda mais em um sujeito que só queria usá-la. Também agradeceu por não dever mais coisa alguma a Matias.

Mas, enquanto se preparava para ir embora, jogando suas coisas na mala que trouxera, o coração ainda lhe dizia que sua vida nunca mais seria a mesma.

CAPÍTULO 7

SOPHIE OLHOU para o pequeno cartão branco com duas linhas em azul brilhante nele e sentiu uma onda de náusea invadi-la outra vez.

Aquele era o terceiro teste de gravidez que fazia e, mesmo assim, sua mente se recusava a entender a dimensão do que estava bem diante dela. Ficou muito tentada a usar o último da caixa, mas sabia que precisava aceitar a terrível e apavorante verdade: estava grávida. Um erro imprudente tinha resultado em um bebê crescendo dentro dela. Poderia fazer uma centena de testes e nada mudaria esse fato.

Ela estava esperando um filho de Matias.

Um homem que tinha brincado com ela, usando-a para depois descartá-la sem olhar para trás. Fazia um pouco mais de cinco semanas desde a última vez que o tinha visto, quando ele desapareceu pela porta da cozinha de sua casa deslumbrante. Desde então, recebera um e-mail formal de sua secretária, informando-a que toda a dívida que tinha com ele havia sido cancelada. Desde então, a empresa do pai entrou em falência e agora estava no processo de ser englobada pelo império de Matias. Sophie sabia disso porque estava no noticiário. Não era preciso dizer que o pai não queria mais nada com ela, devido à situação em que se encontrava. Ele não tinha mais dinheiro e, da última vez que ela o viu, a acusou, com raiva, de ajudar a torná-lo pobre. Como lhe era conveniente, ignorou o fato de que o fracasso de seus negócios tinha sido resultado de sua própria incompetência. Em vez de lembrá-lo disso, Sophie tinha escolhido se afastar e lidar com os problemas que a falência traria para o futuro de seu irmão.

Matias tinha colocado o prego final no caixão e mandado a polícia atrás de seu pai também? Ela não sabia. Em caso positivo, havia uma humilhação pública no horizonte.

Não precisavam mais se esconder para não chocar os amigos do pai. Eric e ela estavam por conta própria e Sophie tinha passado todas as noites dos últimos quinze dias tentando encontrar uma solução para o problema de como manter o irmão no lugar seguro com o qual ele tinha se acostumado. Ela estava

muito estressada com aquilo.

— Você terá que contar a ele — foi a primeira coisa que Julie alertou, mais tarde naquela manhã, quando ela apareceu em casa.

Sophie olhou para a amiga, sentia-se derrotada por completo e sem qualquer esperança.

— Como posso fazer isso? — perguntou, lembrando de como eles tinham se separado e uma pontada de orgulho a atingiu como uma pedra. — Você sabe o que aconteceu, você sabe... — sua voz falhou e ela respirou fundo e continuou, em um fôlego só — quais foram os motivos para ele se envolver comigo.

— Mas isso não se trata mais de seu pai, Sophie, ou de alguma vingança que Matias Rivero tivesse em mente. Isso se trata de uma nova vida crescendo dentro de você, uma vida que não carrega culpa alguma consigo.

Sophie, no fundo, sabia disso. Como ela poderia privar o bebê de compartilhar a vida com seu próprio pai? Matias tinha que saber, mas só porque ela não via outra saída. Tinha que se certificar de que ele soubesse que *não queria nada dele*. Não se importava com quanto dinheiro ele tinha. Faria a coisa certa e contaria a ele sobre o bebê, mas, depois disso, se afastaria.

E ele talvez suspirasse de alívio, porque, decerto, a última pessoa que Matias queria ver em seu escritório era Sophie.

Na primeira vez, ela apareceu por ter danificado seu carro. Agora, apareceria com uma bomba em forma de bebê, apontada em cheio para a vida dele.

Um dia depois, Sophie entrou no prédio envidraçado demonstrando muito mais confiança do que realmente sentia e pediu para falar com Matias.

— É um assunto pessoal — explicou para uma jovem recepcionista. — Acredito que Matias, bem, que o *sr. Rivero*, ficaria bem chateado se não for informado de que estou aqui. Sophie Watts. Ele saberá quem sou e que é urgente.

Ele concordaria em vê-la? Tinha dito que esperava nunca mais se encontrar com ela.

PRESTES A ir a uma reunião de acionistas para fechar um acordo multimilionário, Matias foi interrompido por sua secretária que lhe informou que Sophie estava no saguão e queria falar com ele.

Por aproximadamente dois segundos, pensou em passar uma mensagem dizendo que estava indisponível.

Não fez isso. Sophie tinha se colado à sua pele como um carrapicho, e havia um traço de culpa que pesava em seu coração quando pensava nela e assombrava seus sonhos com uma regularidade que o enfurecia.

Todas as vezes que tentava sentir-se satisfeito por ter desmantelado a empresa do pai dela, a imagem do rosto em forma de coração de Sophie aparecia em sua mente.

A vingança foi um prato servido frio, mas não parecia tão doce agora, pensou Matias.

E não ajudava que a mãe tivesse lido sobre a tomada da empresa nos jornais e que o tivesse convocado no hospital onde estava se recuperando muito bem. A mãe jamais concordara com sua sede por vingança e não mudara a esse respeito.

— Deixe-a entrar — avisou à sua secretária, decidindo, no mesmo instante, adiar a reunião, não se importando com o valor do acordo. — E avise que Bill Hodgson vai lidar com os estágios iniciais da negociação. — Ignorou o espanto no rosto dela. Matias jamais se permitia desmarcar uma reunião.

Mas a mente dele já estava a todo vapor, pensando no que Sophie poderia querer.

Dinheiro foi a primeira e única coisa em que ele pensou. Ela havia encorajado um acordo com o pai, para que assim pudesse se beneficiar financeiramente. Sem acordo, sem dinheiro, o que significava que ainda precisava disso.

Será que ela tentaria seduzi-lo com um de seus sorrisos doces, inocentes e de derreter o coração? O tipo de sorriso que de imediato se refletia em sua virilha e o induzia a pensar em todo o tipo de coisa sexy que fosse capaz.

Uma única batida na porta o encontrou com uma expressão de leve curiosidade.

— Sim. — A porta foi aberta e lá estava ela, tentadora, entrando em sua sala, corando de um modo que faria a pressão de um homem subir até o teto. Matias lembrava com exatidão demais como eram aqueles seios e qual era o sabor deles. Ah, Deus. — O que você quer?

— Posso me sentar?

Matias assentiu, mas assegurou:

— Não ficaria tão à vontade se fosse você — advertiu ele. — Afinal de contas, tempo é dinheiro. Essa não é uma visita social, é?

— Não. — Sua voz estava firme e Sophie estava orgulhosa disso, embora fosse, na verdade, a única parte dela que se sentia um pouco controlada. Ela não o via havia semanas, mas não parou de pensar nele e encontrá-lo em carne e osso fez com que se sentisse tola: tinha subestimado o impacto que a presença física de Matias teria sobre ela.

O rosto sombrio e anguloso, ainda mais bonito do que ela lembrava, a boca mais cruel, mais sensual, o corpo...

Sophie não queria pensar sobre o corpo dele. Lembrou a si mesma que aquele homem revelou ser vingativo e implacável.

— Não achei que fosse. Espero que você tenha lido tudo sobre a falência do seu pai nas páginas de finanças dos jornais.

— Você deve ter ficado muito satisfeito consigo mesmo.

Matias ficou vermelho, incomodado com o desdém gelado no tom de voz dela.

— Seu pai teve o que mereceu. Uma grande quantidade de transações financeiras muito suspeitas ainda está sendo descoberta, mas isso não será nenhuma surpresa para você. Bem, sou um homem ocupado, então por que não vamos direto ao assunto, Sophie? Sem um novo negócio, a empresa suja de seu pai vai falir e não haverá mais dinheiro para você. Então, suponho que esteja aqui para ver se há outro modo de arrancar dinheiro de mim.

— Não aceitaria um centavo de você nem que minha vida dependesse disso.
— Retrucou ela.

— Estamos andando em círculos aqui, *querida*. Em apenas uma frase, diga-me que diabo você quer.

— Fizemos sexo sem proteção, Matias. Você se lembra disso?

Matias conseguia sentir o cérebro embaralhar, derrapando até chegar ao que ela havia dito e não dito.

— Eu me lembro... — refutou ele, ganhando tempo. Era estranho, mas aquele doce momento de amor e sexo, envolto em silêncio e calma surreais, entre dormir e acordar, tinha ficado ali, entre os lençóis, preso em um lapso no tempo. Teria ele, de modo inconsciente, empurrado o fato para o fundo de sua mente, em vez de encarar a possibilidade de que o sexo sem proteção poderia ter consequências? Ou o ato em si tinha parecido irreal à luz do dia e, portanto, tinha sido esquecido com facilidade?

Matias estava se lembrando agora do modo como seus corpos se fundiram, mornos, preguiçosos e quase adormecidos.

— Estou grávida, Matias — confessou Sophie sem hesitar.

Ela não imaginou que tipo de reação ele teria ao saber. Em sua cabeça, quando imaginava a cena, contava a ele o que ele precisava saber e depois, se retirava. Agora, enquanto observava o tom moreno e vibrante de seu rosto empalidecer de leve, ela se viu presa à cadeira que não tinha afundado.

— Você não pode estar — disse ele, com a voz grave, tentando negar a possibilidade do fato.

— Fiz três testes. Eu nem tinha pensado sobre isso, até começar a me sentir enjoada todos os dias pela manhã, e minha menstruação atrasar.

— É impossível. — Matias passou os dedos pelo cabelo e percebeu que a mão tremia. Grávida. Ela estava esperando um filho dele. No mesmo instante, os olhos encararam a barriga dela, ainda reta, depois os seios, que, de repente, pareciam maiores do que ele se lembrava. — E se essa é sua tentativa para tentar arrancar dinheiro de mim, está fazendo errado. Você parece ter se esquecido que tenho uma vasta experiência em ser usado por mulheres sem escrúpulos, uma em especial que tentou se valer de uma gravidez inventada para tentar me prender.

Sophie se levantou, as pernas tremiam.

— Vou embora agora, Matias. Sei que você teve uma péssima experiência no passado e sinto muito por ter vindo aqui lhe contar isso, mas não sou sua ex-namorada. Não estou mentindo e, sem dúvida, não quero um centavo seu. Depois do que fez comigo, você de fato pensa que eu iria querer alguma coisa de você? *Algum dia*? Estou aqui porque achei que você deveria saber sobre seu filho.

Matias a observou caminhar até a porta de seu escritório. Tudo parecia estar acontecendo em câmera lenta, ou talvez fosse apenas seu cérebro, agora em desvantagem, que não estava conseguindo lidar com uma situação para a qual não tinha de modo algum se preparado. Ele não se moveu quando ela abriu a porta do escritório, mas quando deu por si e entendeu aquilo tudo, pulou, rápido como um gato.

E, de súbito, entrou em ação.

Ele a segurou pelo braço quando ela estava se apressando em direção aos elevadores, forçando-a a parar.

Quem se importava se seu comportamento bizarro estava sendo observado?

— Aonde você pensa que está indo, Sophie? — indagou, áspero.

Os olhos dela faiscaram.

— Estou indo para a minha casa! Para onde você acha que eu vou? Não posso acreditar que você teve coragem de me acusar de estar inventando uma gravidez para tentar extorqui-lo. Que tipo de pessoa acha que sou? Não. Não se incomode em responder! Eu já sei! — Ela puxou o braço e apertou o botão de um dos elevadores, que abriu ao seu comando. Sophie entrou, sem olhar para Matias, mas estava bem ciente de que ele entrou no elevador com ela. Assim que o elevador começou a se mover, Matias bateu a mão no painel de botões, o que fez o elevador parar entre os andares.

— O que você está fazendo? — inquiriu Sophie, alarmada, olhando-o nos olhos e então piscando e fazendo um grande esforço para desviar o olhar, porque mesmo fervendo de ódio, não conseguia se impedir de achá-lo atraente. Isso não era justo!

— Precisamos conversar sobre isso e se esse for o único jeito de eu conseguir que você converse comigo, então tudo bem.

— Você não pode simplesmente *fazer isso*.

Sophie estava em choque, aquilo não era ilegal? Pessoas normais não *paravam um elevador para terem uma conversa*! Mas desde quando Matias Rivero era um *ser humano normal*?

— Por que não?

— Porque... porque...

— Você vai conversar comigo sobre esse assunto ou pretende sair correndo assim que sairmos desse elevador? Sophie, você não pode jogar uma bomba

assim no meu colo e depois tentar se desviar da explosão.

— Não quero coisa alguma que venha de você — afirmou Sophie, de novo, com ferocidade. — Eu o odeio!

— O que foi entendido muito bem.

— E não planejei ficar grávida para tirar dinheiro de você! Isso é uma coisa vil a se dizer, mesmo vindo de você. Mas por que eu estaria surpresa?

— Não vamos perder tempo com isso. Não vai resolver nada.

— E não tenho intenção de abortar esse bebê, se é o que você está pensando!

— Você acha mesmo que era isso que eu queria? — Matias passou os dedos pelo cabelo, frustrado. Ela estava toda corada, os olhos brilhavam como pedras preciosas e ela era a essência da fúria feminina em toda a sua glória. Matias colocou o elevador em funcionamento. — Vamos para um pequeno bar a cinco minutos daqui. Podemos ir andando. Conheço o dono. Eu me certificarei de que conseguiremos um bom lugar nos fundos, assim podemos ter uma conversa civilizada sobre essa questão. De acordo?

Sophie franziu a testa.

— Você só me usou para atingir meu pai. — Ela o olhou com hostilidade. — Podemos conversar sobre isso se você quiser, mas não quero que você esqueça o quanto eu o detesto por ter agido como agiu.

Matias tratou de tentar se acalmar. Não tinha dúvida de que ela estava falando a verdade e, com a poeira abaixando, a triste realidade do que tinha acontecido estava começando a tomar forma. Ele iria ser pai. Quando se tratava da sua lista de desejos, ter um filho nunca constou entre eles e, ainda assim, lá estava ele, com poucos meses sobrando de solteirice e doce independência, tudo por causa de um gesto irresponsável.

A vida como ele a conhecia estava prestes a sofrer um abalo sísmico e se envolver em discussão sobre quem era o culpado não alteraria os fatos.

O bar estava quase vazio e eles tinham, na verdade, total privacidade nos fundos, onde ficaram isolados das outras mesas. Matias pediu um café para eles e a encarou.

— Quando você descobriu? — interrogou em voz baixa, evitando qualquer coisa que pudesse levá-los a outra explosão emocional.

— Ontem — retorquiu Sophie, encarando-o com amargura e brincando com a alça de sua xícara, antes de tomar um gole de seu café e fazer uma careta, pois seu paladar já não era o mesmo. — E não pense que isso não foi um grande choque para mim também! Não ache que eu não pensei sobre como o destino poderia ser tão cruel!

— Seja lá o que tenha acontecido no passado, Sophie, precisamos deixar para trás, caso contrário, ficaremos presos nessa situação, nunca iremos avançar. Acho que o único modo de lidar com esse problema é prosseguirmos, encontrando juntos uma solução com a qual ambos concordemos.

Sophie o encarou com frieza, porque cada palavra que ele tinha dito, ainda que fizesse perfeito sentido, deixava-a com raiva e na defensiva. Problema? Solução com a qual ambos concordem? Ela colocou a mão de maneira protetora sobre a barriga, um gesto que Matias notou e entendeu que pisar em ovos resumia bem o que estavam vivendo naquele momento. Sophie apareceu cheia de raiva em seu escritório e não estava inclinada a dar a ele o benefício da dúvida. Com certeza, ela não era a santa que pensava ser, Matias ponderou. Falou muito sobre ele tê-la usado, mas ela não estava atrás de seu dinheiro? Não, ela não receberia um tostão tão cedo, mas, gostando disso ou não, ele tinha que escutar seu próprio conselho e abordar a situação com imparcialidade.

— É mais fácil falar do que fazer — comentou Sophie, sem expressão, e Matias soltou um suspiro de impaciência.

— Você queria que eu fizesse um acordo com seu pai porque pensou que ele seria capaz de ajudá-la com dinheiro se não estivesse prestes a falir. Estou certo? — O tom de voz estava equilibrado e frio. — Então, antes de recomeçar com o sermão sobre o canalha que eu sou, dê uma boa olhada em si mesma e tente colocar as coisas em perspectiva.

Matias não queria falar sobre esse assunto espinhoso. Não via motivos para isso, considerando que não contribuiria para acharem qualquer solução para o problema que precisavam resolver, mas ao falar ficou desconcertado com a absoluta falta de remorso na expressão dela. Estava claro para ele que a culpa não fazia parte do repertório de Sophie.

E apesar disso parecia em total desacordo com a pessoa que ela aparentava ser. Decerto, o julgamento dele não poderia estar tão distorcido, poderia?

— Você é um canalha. E, acredite, não sou a interesseira desagradável que pensa que sou. Não tocaria em uma moeda vinda de você, nem que minha vida dependesse disso!

— Você está me dizendo que não estava atrás de dinheiro ao tentar me encorajar a fazer negócios com seu pai? Mesmo sabendo que a empresa dele estava à beira de um colapso? Ainda que ele talvez estivesse envolvido em negociações ilegais. Diga-me, então, qual sua definição de interesseira, Sophie.

— Não me importo com o que você pensa sobre mim — replicou ela, com firmeza. Ela estivera prestes a abrir o jogo sobre Eric porque tinha sido seduzida por Matias e se envolvera emocionalmente com ele, mas descobrira a tempo que ele não era merecedor de sua confiança. Tinha escapado por pouco, então por que contar *agora*?

Sem chance, decidiu com amargura. Ele ainda estava atrás de seu pai e não havia meios de ela permitir que a privacidade de Eric fosse invadida pela imprensa, o que poderia acontecer caso Matias escolhesse tornar pública a existência do irmão. Seu querido e frágil irmão não seria parte da vingança de

Matias, nem mesmo um *efeito colateral* não intencional.

No mesmo instante, Matias percebeu que aquela afirmação simples trazia em si a possibilidade de outro atoleiro, então optou por ficar em silêncio.

— Então, qual é a explicação para seu comportamento? — questionou, pois estava curioso, o que era estranho, para descobrir o que ela seria capaz de inventar que não começasse e terminasse com sua necessidade de receber dinheiro.

— Não lhe devo nenhuma espécie de explicação, Matias — respondeu ela com rapidez, encolhendo-se ante a visão dos repórteres batendo na janela do quarto de seu irmão, aterrorizando-o e deixando-o confuso e em pânico.

— Só preciso aceitar o que você diz e acreditar em você. É isso?

— Você não tem que fazer nada que não queira. Não vim aqui porque quero alguma coisa de você e não há *nós* nesta situação. Vim porque senti que era a coisa certa a ser feita, mas isso não é um problema que eu o estou forçando a encarar. Não confio em você, Matias, mas você merecia saber sobre minha gravidez, sobre seu filho. Por isso estou aqui.

— Bem, voltamos a isso. Vamos avançar desse ponto e dar atenção ao presente e ao futuro. E, apenas para que você saiba, *há sim um nós* nessa situação, porque metade dos meus cromossomos, goste você ou não, está dentro de você agora, na forma de um bebê que nenhum de nós esperava, mas com o qual precisamos lidar. — Seu instinto era começar dizendo a Sophie que toda aquela situação dependia de ela estar falando a verdade, mas Matias decidiu ficar em silêncio sobre isso. O melhor para eles, naquele momento, era seguir o caminho diplomático. — Você está esperando um filho meu. — Por alguns segundos, ficou espantado mais uma vez pelo impacto que isso tinha nele. Matias Rivero, pai. Ele ainda não conseguia entender a dimensão daquilo, não o bastante. — Se você pensou que poderia apenas me informar sobre a gravidez e depois se afastar, ponto final, então você está muito enganada. Não pretendo fugir à minha responsabilidade, Sophie.

— Não quero ser sua responsabilidade.

— E você não é, mas meu filho que vai nascer é, goste você disso ou não. Não queria um filho agora, mas aconteceu e temos que lidar com o fato. Você tem um histórico familiar infeliz, então talvez isso a tenha levado a pensar que estabilidade é superestimada, mas eu acredito na importância da presença dos pais na vida de uma criança. De ambos os pais.

— Acontece que acredito fortemente na estabilidade — alegou Sophie, corrigindo-o com firmeza —, até porque tive um histórico familiar infeliz. Não sabia como você reagiria quando viesse vê-lo, tendo em mente o modo como nos separamos, mas pode ter certeza de que não o impedirei de ver seu filho. — Odiava o modo como Matias a fazia se sentir. Não queria estar ali e, ainda assim, na presença dele, se sentia tão *diferente*, era como se estivesse vivendo

em um plano onde as sensações se intensificavam. Sophie se sentia *viva*. Quis ir embora, mas sentiu-se compelida a ficar. Quis ignorar o impacto desconcertante e indesejado que Matias exercia sobre ela, mas era atraída em sua direção por cordas invisíveis que não conseguia cortar. Odiava o que ele tinha feito e detestava a si mesma por, mesmo sabendo disso, ainda permitir que em algum lugar dentro dela ele acendesse uma luzinha de ternura, em um lugar que, de algum modo, só ele conseguia alcançar.

— Isso não é bom o bastante, *querida*. — Matias nunca tinha pensado na ideia de casamento e agora lá estava ele, encarando o casamento como a fronteira final. E não era um simples casamento, mas um com a mulher que era filha de seu inimigo jurado. Mas, bem, que outra escolha ele tinha? Não pretendia ser um pai ausente na vida de seu filho, pagando pensão de longe, enquanto tinha seus direitos a visitas restringidos e cerceados por uma mãe vingativa. Sophie não se esqueceria das circunstâncias que o haviam colocado em sua vida e agora tinha a oportunidade perfeita, se quisesse, de ser seu próprio anjo de vingança, ditando quanta influência ele teria sobre a vida do próprio filho.

Então Matias pensou em sua mãe, que se recuperava do derrame em um hospital particular em Londres. Ela ficaria chateada se acabasse como uma avó afastada, que desfrutava apenas de instantes ocasionais com o neto, entrincheirada no meio de um cabo de guerra entre os pais da criança. Matias tinha se afastado de laços emocionais, sim, graças às lições aprendidas com sua ex-namorada calculista e com o próprio pai, mas agora precisava reavaliar a vida. Não mentiu quando relatou a Sophie que sua infância tinha sido passada no seio de uma família forte, unida e compassiva e em face daquele inesperado desenlace, aquela ligação familiar permaneceu estável e se sobrepôs a tudo.

— Vinte minutos atrás, você estava me dizendo que tempo era dinheiro, então é melhor eu ir embora agora.

— As coisas mudam. Há vinte minutos, não sabia que você estava esperando um filho meu. — Os olhos intensos estavam fixos no rosto dela, enquanto ele programava o cérebro para aceitar as notícias que ela havia trazido, para começar a abrir sua mente. — Agora você está prestes a ser uma figura permanente em minha vida. Quero estar presente para meu filho o dia todo, sete dias da semana e o único modo de eu conseguir fazer isso é me casando com você.

Um silêncio mortal se instalou entre eles depois que Matias fez a proposta. Momentos depois, uma Sophie chocada, estarrecida, conseguiu falar.

— Você só pode estar brincando.

— Você pode ter aparecido aqui por obrigação, mas não tenho a intenção de me afastar, como se fosse um estranho, porque você se recusa a aceitar que o passado ficou para trás.

— Nunca me esquecerei de como você me usou em sua vingança. Você me usou uma vez e quem poderá dizer que não me usará de novo? — Ela pensou em Eric e no que aconteceria com o irmão se Matias descobrisse sobre ele. E se o seu desejo de vingança não tivesse sido saciado? Ela o encarou, piscou e estremeceu. Ele era tão bonito, tão poderoso, e tão implacável.

— Sophie, essa história acabou. Estamos seguindo um caminho diferente agora. — Mas Matias ficou confuso de verdade com o que ela havia dito.

Para que mais ele poderia usá-la? Para o bem ou para o mal tinha descoberto tudo que havia para ser revelado sobre o pai dela.

Matias continuou a observá-la e notou como seu rosto corava devagar, acentuando o tremor de seus lábios. O ar entre eles de repente encheu-se com uma energia que ele já conhecia muito bem, uma energia sexual que fez com que tivesse uma ereção no mesmo instante. Relembrava muito bem o modo como ela avidamente recebia seus dedos exploradores e a boca exigente, e isso fez com que trincasse os dentes.

Matias pediu a conta sem desviar os olhos de Sophie e se perguntou se ela estava ciente dos sinais que enviava sob toda aquela hostilidade e desconfiança que emanava, sinais tão poderosos quanto uma onda profunda nascida no meio do oceano, que deixavam claro a conexão entre ambos, que era fundamentada na coisa mais antiga do mundo... atração sexual.

— Pense sobre isso, Sophie, e eu telefonarei para você amanhã para que continuemos essa conversa. — Ele deu um sorriso gentil e observou atento, enquanto um leve arrepio a percorria. — Acho que nós dois precisamos pensar um pouco sozinhos, não acha?

CAPÍTULO 8

SOPHIE TINHA recusado seu extraordinário pedido de casamento e fizera a coisa certa.

Claro que havia os prós e os contras. Cada decisão sempre trazia coisas boas e ruins. Mas tinha feito a coisa certa. Tinha visitado Eric, deixou-se ficar ali, sentada em sua presença tranquilizadora, observando seu contentamento com o pequeno mundo que o cercava. Ela iria, de alguma forma, encontrar o dinheiro para que ele pudesse continuar vivendo ali. Jamais permitiria que fosse exposto ao olhar cruel e crítico do público.

Ela estava sendo egoísta? Estava falhando em considerar que uma criança sempre ficaria melhor com os dois pais do que com apenas um? Isso deveria anular todas as outras preocupações?

Não. Como poderia se casar com alguém em quem não confiava? Um homem que poderia traí-la de novo? E, de qualquer modo, deixando os problemas de confiança de lado, a união dos pais só funcionava se a cola que os juntasse não fosse uma criança, mas amor. Matias não a amava e nunca fingiu que amava. Sentia-se responsável por ela, pela criança que haviam feito e era admirável sua vontade de cumprir com seu dever, mas dever estava muito longe de amor.

O dever desgastaria a ponte estreita que tinham estabelecido, conforme os anos passassem. O dever seria uma coisa que traria ressentimento quando ele se visse atrelado a uma mulher com a qual nunca desejou de verdade passar o resto da vida.

Mas três semanas tinham passado e Matias parecia *estar sempre por perto*.

Ele não tinha dito isso em muitas palavras, embora não houvesse necessidade, porque cada olhar que ele lhe dirigia e cada palavra que passava por seus lábios dizia *não brigue comigo*.

Ela o tinha recusado, mas, como um predador esperando o momento certo para atacar, ele estava à espreita.

Matias não se deu conta, pensou ela, que nunca atravessaria as barreiras dela, porque havia mais em jogo do que apenas ela e o bebê. Em jogo estava a

vida de seu irmão, sobre quem Matias nada sabia e nunca saberia, e que reforçava toda a determinação dela, mesmo com a presença *esmagadora* dele.

Nada que ele pudesse dizer, nenhuma lógica que pudesse usar, a faria enveredar por um caminho que pudesse colocar em perigo a felicidade e a privacidade do irmão.

Estava se parabenizando por ser forte, quando se acomodou no restaurante caro onde Matias tinha marcado de almoçarem. Tinha chegado antes dele. Ele ficou longe por três dias e ela sentia o corpo todo se contrair de nervosismo enquanto passava os braços ao redor de si mesma, ansiosa para vê-lo. Por um lado, tinha ficado aliviada com a distância. Ainda que ele tivesse mantido contato por telefone, não tinha imposto sua presença. Por outro lado, Sophie se indagou se conseguiria ser mais indiferente à sua presença caso ele se tornasse uma constante em sua vida, como prometera. Não gostava do jeito que ele ainda a fazia se sentir e odiava as lembranças do toque dele, lembranças que se recusavam a sumir. As coisas tinham mudado entre eles e nunca mais voltariam para o que eram antes.

Perdida em pensamentos, ela enfim o viu. E Matias não estava sozinho.

Art estava com ele. Ela não o via desde o fim de semana em Lake District, e se levantou, sorrindo, quando ele veio em sua direção. Atrás dele, Matias elevava-se, muito sensual em suas roupas de trabalho, com uma das mãos no bolso da calça e a outra segurando o casaco, que estava sobre um de seus ombros.

Vendo aquele sorriso caloroso e genuíno no rosto dela ao olhar para Art, Matias pensou, com amargura, que aquela era uma coisa que *ele* não tinha visto havia algum tempo. Ela sempre recusava suas propostas de casamento e ele era astuto o bastante para perceber que, quanto mais a pressionasse, mais rápido ela se afastaria.

Não havia como deixá-la sair de sua vida. O orgulho não permitia que esquecesse que Sophie tinha dormido com ele para fazer com que investisse na empresa do pai, mas o bom senso lhe advertia para mantê-la por perto. Jamais se permitiria ser um pai de fim de semana.

Ele observou, de cara feia, enquanto ela conversava com Art como se fossem velhos amigos — o que não eram —, e alguma coisa o acertou com força, algo inesperado como um soco.

Ciúme e possessividade se abateram sobre ele com a força de uma marretada e ele interrompeu a conversa de ambos para informá-la, com frieza, que Art não almoçaria com eles.

— Que pena — replicou Sophie e soltou um suspiro de desapontamento legítimo, o que deixou Matias ainda mais irritado.

Entendendo a deixa, Art sorriu e se levantou, dando um beijo em Sophie antes de ir embora.

— Isso foi *tão* rude — declarou ela. — Foi tão bom ver Art mais uma vez. Não tinha ideia de que vocês dois eram tão próximos. Você nunca comentou. Não consigo acreditar que vocês *cresceram juntos*! — Eles eram como irmãos e ela havia acabado de descobrir que Art adorava Matias. Havia um lado de Matias que não era canalha, um lado que poderia provocar uma profunda afeição em um amigo leal que, estava claro, era um ser humano maravilhoso. De súbito, foi difícil admitir que ele era um homem complexo, com muitas camadas, nas quais ela poderia se perder.

— Não fazia ideia de que tinha o dever de lhe contar cada detalhe da minha vida só porque você está carregando meu filho — retrucou Matias.

— Você nunca mencionou que ia visitar sua mãe.

— Não poderia deixar que ela descobrisse sobre nós através de fofocas.

— Ela deve ter ficado desapontada — argumentou Sophie. — Mãe nenhuma gosta de pensar que o filho vai ter uma família de modo tão inesperado...

Matias permitiu que ela se perdesse em suas palavras. Ver a mãe tinha reforçado a crença de que a única solução era se casar com a mulher que corava diante dele.

— Naturalmente ela teria preferido que a gravidez se desse dentro de um casamento.

— Mas você contou a ela o que decidimos?

Matias não respondeu porque não tinha discutido a questão com a mãe.

— A gravidez tomou conta de você, Sophie — alertou ele, relaxando em sua cadeira e a encarando até que seu rosto ficou ainda mais vermelho e ele viu a latente *percepção* que Sophie tinha dele e que sempre tentava, tão cuidadosamente, esconder. — Seu corpo está mudando. Você está usando roupas mais largas. Seus seios estão maiores?

— Matias! — Sophie ficou chocada porque ele nunca tinha sido tão direto assim.

A pergunta dele a fez arder. Os seios doeram e ela sentiu o formigamento que a presença dele provocava instalar-se entre suas pernas. *Isso* era o que aquelas palavras casuais estavam fazendo com ela!

— Isso não é mais íntimo do que ter meu filho... — ele deu de ombros, sem tirar os olhos fabulosos dela —, então por que você está tão surpresa por eu estar curioso sobre as mudanças físicas que estão acontecendo com você? É natural. Também sou responsável por essas mudanças.

— Essa conversa é inapropriada. Não temos mais esse tipo de relacionamento!

— E *que* tipo de relacionamento você acha que temos?

— Bem, somos *amigos*. Conversamos sobre isso e nós dois concordamos que seria o melhor para nosso filho permanecermos amigos. Aconteceu muita coisa entre nós.

— Não vou negar isso. Mas estou curioso. O que você sugere que façamos com esse desejo inconveniente que continua aparecendo entre nós?

— Não sei do que você está falando.

— Mentirosa — contestou Matias, sem se alterar. — Posso estender meu braço para tocá-la agora e você pegaria fogo.

— Você não poderia estar mais enganado — garantiu Sophie, em uma patética tentativa de negação. — Eu jamais poderia me sentir atraída por alguém que me usou como você fez. Nunca.

— *Nunca* é uma palavra que não consta de meu vocabulário.

— Matias... — Ela pensou em Eric e na importância de manter sua decisão, mas ver Matias com Art tinha enfraquecido sua determinação. A amizade dele por Art a fazia lembrar que ele podia ser cuidadoso e gentil.

— Estou ouvindo.

— Sei que você acha divertido me deixar desconfortável.

— Penso em você o tempo todo. Fico me questionando como seu corpo, nesse processo de mudança, deve estar sob essas roupas.

— Não fale coisas assim! Não temos um relacionamento! Já conversamos sobre isso.

— Não gosto de seguir o roteiro. Isso torna a vida entediante. Na verdade — comunicou ele —, tirei a tarde de folga.

— Por quê?

— Preciso de um motivo? E pare de olhar assim para mim. Você deveria estar entusiasmada com a ideia de passar um tempo comigo. E me faça um favor e evite me dizer que *não temos um relacionamento*.

— Não posso deixar Julie sozinha com todo o trabalho que temos.

— Ela terá que se acostumar em não ter você por perto quando afinal decidir me escutar e parar de trabalhar. Ela é adulta. Conseguirá lidar com isso.

— Não posso *deixar de trabalhar*, Matias.

— Não vamos começar com isso. Você não precisa do dinheiro.

Sophie pensou em Eric e cerrou os lábios. A ironia era que Matias queria dar dinheiro para ela. Um dia, não fazia muito tempo, ele tinha lhe dado as costas, jogando-a para escanteio, mas, agora que estava grávida, tudo tinha mudado. Ainda não tinham na prática discutido sobre dinheiro, mas Matias já tinha deixado claro que o filho e ela, por extensão, não precisariam se preocupar com nada.

E, apesar disso, como ela poderia se convencer a depender financeiramente dele? Seu orgulho nunca permitiria isso. E se ela comesse a confiar nele de novo e acabasse, outra vez, descobrindo que tinha cometido um erro? E se, quando chegasse esse momento, estivesse bastante dependente do dinheiro dele? Não, sem chance. Licença-maternidade era uma coisa. Ficar

desempregada para sempre era outra.

Outro obstáculo, pensou Matias frustrado. Impaciente, ele se indagava por que ela não reconhecia que a solução proposta por ele era o melhor jeito de seguirem em frente. Que mulher não iria querer uma vida luxuosa? Que mulher não iria querer conseguir o que desejasse com um estalar de dedos? Não era como se não existisse uma conexão ainda vibrando entre eles, como uma energia viva. Quais outras vantagens poderia oferecer para que ela aceitasse o pedido de casamento? *Por que Sophie precisava ser tão teimosa?*, pensou.

— Tirei a tarde de folga, *querida*, porque tenho uma surpresa para você.

— Odeio surpresas — anunciou ela.

— Eu sei. Não sou um grande fã delas também, mas espero que você goste dessa. É uma casa.

— Uma casa?

— Para você — refutou ele sem rodeios e ela arregalou os olhos, surpresa.

— Você se decidiu e comprou uma casa para *mim*? — inquiriu, enfurecida.

— Por que você faria uma coisa dessas?

Matias se recostou na cadeira, ganhando tempo, sem tirar os olhos dela.

— Porque — retorquiu, calmo —, você não vai criar nosso filho naquela sua casinha minúscula, que mais parece uma caixa, com aquela cozinha industrial.

— Não há nada de errado com *aquela caixa* — argumentou Sophie fervendo, enquanto o orgulho quicava dentro dela.

— Não discuta comigo sobre isso. — A voz de Matias deixou claro que não aceitaria discussão. — Você respondeu não à minha proposta de casamento, desafiando o bom senso. Teima em não aceitar qualquer ajuda financeira que eu tenha oferecido, como se dinheiro fosse desnecessário. Insistiu em permanecer trabalhando, mesmo sabendo que não há necessidade, colocando nosso filho em risco. Você *não* vai começar uma guerra comigo sobre isso.

— Como é que tenho colocado o bebê em risco? — interrogou Sophie, furiosa.

— Você não tem que ficar trabalhando até meia-noite, assando bolos para o aniversário de alguém.

— *Uma vez*. Fiz isso uma *única vez*!

— Ou — continuou Matias, sem remorso —, gastar três horas no trânsito para fazer uma entrega para um jantar de quatro pratos.

— Esse é meu trabalho.

— Você se expõe demais. Precisa pegar mais leve.

Sophie soltou um suspiro longo, mas... *Alguma vez, alguém tinha cuidado dela de verdade? Alguém tinha na realidade se importado por ela estar carregando muito peso?* Claro que isso não era sobre *ela*, mas sim sobre a preciosidade que ela trazia na barriga, e seria perigoso começar a pensar de

outra maneira, *mas mesmo assim...*

— Eu sei que você não é interesseira, Sophie. Você não precisa continuar tentando provar isso para mim sempre.

— Não é isso que estou fazendo.

— Não? Então o que é?

— Não vou ficar dependente de você em relação a dinheiro. Não posso. Preciso ter minha própria independência financeira. — De repente, Sophie se sentiu pequena e sem esperanças. Desejou ser capaz de encostar a cabeça no ombro de Matias e apenas aceitar o que lhe era oferecido. Ele fazia aquilo parecer tão fácil. Romper com o que havia acontecido no passado e seguir adiante, com o futuro que ele queria que ela e o filho tivessem. Mas havia muito mais naquela história do que ela poderia lhe contar.

— Bem, você terá que se comprometer com isso, quer você goste ou não, *querida*. — A voz soou fria e inflexível.

Os olhares de ambos se fixaram um no outro. Ele estendeu a mão e limpou uma sujeirinha no canto de sua boca, então deixou que o dedo, por poucos segundos, tocasse os lábios dela.

— Uma migalha de pão — proferiu, com a voz rouca, sentindo o corpo pegar fogo no mesmo momento que a tocou, porque aquela era a primeira vez que encostava nela em semanas.

Sophie arregalou os olhos. Por um minuto, se inclinou na direção dele e o corpo todo ardeu, como se tivesse lava derretida correndo nas veias. *O modo como ele a estava olhando, aqueles olhos escuros e sensuais...*

O desejo a enfraqueceu e foi uma luta se afastar, tomada pela atração que ele exercia sobre ela.

— Não me entenda mal, Matias. — O tom de voz estava contido, mas o corpo tinha sido acordado pelo toque dele, ela *queria mais*. — Você tem uma casa adorável em Lake District, mas não conseguiria me imaginar vivendo em uma estufa maciça como aquela. Não sei como é seu apartamento, mas acredito que siga a mesma linha...

— Uma ofensa em forma de elogio — disse Matias em voz baixa, desejando-a mais do que já tinha desejado qualquer coisa ou outra pessoa em sua vida. Estava determinado a tê-la, porque conseguia *sentir* o mesmo desejo irradiando dela como ondas.

— O que estou dizendo é que você e eu, é óbvio, não temos o mesmo gosto em se tratando de casa, então é improvável que eu vá gostar de qualquer uma que você tenha comprado.

— Eu ainda não a comprei — avisou ele. — Posso ser arrogante, mas pensei que você pudesse, na verdade, dar opinião na casa que quer morar. — Com os olhos fixos nela, ele pediu a conta e depois se levantou.

Matias dominava o espaço ao seu redor e, impotente, ela foi atraída em sua

direção, como uma mariposa é atraída por uma luz brilhante. Sophie não conseguia entender como ele poderia continuar exercendo esse efeito poderoso sobre ela depois do que tinha feito, ou como o bom senso e a razão não prevaleciam quando se tratava dele. Se questionou se os hormônios da gravidez tinham tomado conta dela e estavam controlando as respostas de seu corpo, deixando-a mais emotiva e mais vulnerável a ele quando deveria estar tão desapegada dele quanto ele dela, preocupada apenas em fortalecer os laços de amizade entre eles, pelo bem da criança que estava esperando.

Do lado de fora, o motorista dele os aguardava, mas em vez de acompanhá-los, os levou de volta para o escritório, onde trocaram de carro e Matias assumiu o volante.

— Onde fica essa casa? — perguntou Sophie, pois estava esperando alguma coisa em Chelsea ou Mayfair, ou em algum daqueles lugares caros, onde ficava o apartamento de Matias.

— Vou desapontá-la... — ele a olhou de lado e sorriu — mantendo a surpresa. Agora, converse comigo, *querida*. Não discuta comigo. Conte-me sobre sua cliente...

— Qual cliente?

— A vegana com uma verruga no rosto.

— Não acho que eu tenha falado sobre ela com você.

— Quando não estamos brigando — declarou Matias, com uma voz gentil —, nós nos damos muito melhor do que você acredita. Há tanto que poderíamos estar fazendo, *querida*, em vez de guerrear...

Sophie só percebeu que eles estavam dirigindo quando as ruas lotadas e as casas deram lugar a espaços abertos e parques e eles estacionaram em frente a uma casa perfeita, em forma de caixa de chocolate, com uma extensão em uma das laterais. Glicínias subiam pelo muro da frente e, dando para a rua, o jardim da frente estava dilapidado e crescia sem qualquer cuidado.

— Precisa de reparos — afirmou Matias, pegando alguma coisa no bolso do casaco que havia jogado no banco de trás do carro. Era um chaveiro, que ele girou em um dedo, enquanto abria sua porta do carro. — Está vazia há vários meses, por isso esse monte de ervas daninhas.

— Não esperava nada parecido com isso. — Sophie o seguiu até a porta de entrada, balançando a cabeça enquanto olhava os arredores. A casa tinha seu próprio terreno, pequeno e cercado em três lados. Ele abriu a porta, abriu caminho e ela passou por ele, parando de repente para ver melhor a casa.

Havia cômodos de ambos os lados do corredor. Cômodos quadrados e muito bem divididos. Uma sala de estar, uma sala de visitas mais formal, um escritório, uma salinha aconchegante e depois uma cozinha e um jardim de inverno, que dava acesso ao jardim dos fundos, cheio de árvores, arbustos e plantas que tinham se aproveitado da ausência de pessoas para crescerem à

vontade.

A pintura estava gasta. Na sala de estar, o papel de parede, em um motivo floral delicado, parecia levá-la de volta a uma época distante.

— A casa era de uma senhora idosa que passou a maior parte de sua vida aqui, ao que parece — alegou Matias, enquanto a levava de cômodo em cômodo. — Ela não teve filhos, ou talvez eles a tenham convencido de que essa casa era muito grande, mas parece que era muito apegada ao lugar para simplesmente vender e ir embora e, em consequência disso, passou a parte final de sua vida usando apenas alguns cômodos. O restante deles foi deixado sem qualquer cuidado. Quando ela morreu, há pouco mais de um ano, a casa foi herdada por um parente distante, que mora fora do país e o inventário demorou algum tempo. Só agora a casa foi posta à venda.

Sophie andava de cômodo em cômodo. O silêncio gritava. Ela não estava tendo arrepios, não estava reclamando. Em se tratando de casa, ficou claro que ele tinha ganhado.

Matias pretendia ganhar em todas as outras áreas, também.

A esperava no corredor, encostado na parede, quando ela completou seu terceiro passeio pela casa. Ele não se moveu, enquanto ela caminhava em sua direção, com os olhos ainda arregalados.

— Certo — concordou Sophie, persuadida. — Você venceu.

— Eu sei.

— Não seja arrogante, Matias. — Mas ela ainda estava sorrindo e não estava tentando se distanciar mais dele. O silêncio se estendeu, até que ela umedeceu os lábios, nervosa.

Mas ela não fugiu.

— Não quero apenas ganhar quando se trata de achar uma casa para você — anunciou ele, zangado.

— Matias, não. — Mas a voz dela estava instável e alta e, contra sua vontade, seu corpo já ansiava por ele com desespero. Estava muito excitada, as pontas dos mamilos estavam intumescidas.

— Por que você insiste em brigar com essa coisa que ainda há entre nós?

— Porque não podemos ceder à luxúria.

— Então você admite, por fim.

— Isso não significa coisa alguma. Não significa que irei fazer qualquer coisa a respeito. — Ela o olhou e não conseguiu mais desviar o olhar. Os olhos escuros a mantinham presa no lugar com uma eficiência implacável. Sophie não conseguia se mover, pensar, mal conseguia respirar.

A cabeça gritava que aquilo *não ia acontecer*. Não podia se dar ao luxo de perder de vista o que era sensato, mas o corpo estava cantando uma música diferente e, quando ele inclinou a cabeça na direção dela, Sophie estendeu as mãos. Para empurrá-lo? Talvez. Ainda assim, não fez isso. As mãos agarraram

a camisa dele e ela se rendeu, impotente, enquanto ele a beijava, com suavidade e provocação no começo, depois com um enorme desejo que coincidia com o dela.

A língua encontrou a dela. As mãos, que seguravam os ombros de Sophie, desceram pelos braços dela e agarraram seus seios.

Ele brincou com os mamilos por cima do tecido da camisa que ela estava usando, mas então, frustrado, abriu os botões e gemeu, quando sentiu a pele nua de seu peito, e então, passando pelo sutiã de renda, ele chegou à maciez plena de seus seios e a protuberância firme de um mamilo.

— Sem dúvida eles estão maiores. — A voz dele estava trêmula.

— Matias...

— Toque-me. — Ele guiou a mão dela até sua ereção, que estava completa e visível contra o zíper de sua calça.

— Não podemos fazer amor aqui!

Voltando para a realidade do que ela estava falando, Matias lutou para não gozar em sua calça. Respirou fundo, segurou-a pela nuca e a trouxe para perto, de modo que as testas se tocassem.

O hálito cheirava à menta fresca, a pele era macia como cetim e ele a desejava.

— Vamos conversar, Sophie — propôs ele. — Não me diga que não pensamos um no outro o tempo todo. E que não desejamos um ao outro.

Sophie sabia do que ele estava falando e ansiava por capitular, mas sabia que só estavam ali, juntos, porque ela estava grávida. Se não estivesse, seriam inimigos, um de cada lado da cerca. Talvez ela pudesse lidar com o que tinha acontecido entre eles, quem sabe, mas não confiava nele a respeito de Eric. Como poderia?

A confusão a tomou por completo.

— Venha para minha casa — O tom dele era de súplica.

— Não vou me casar com você — assegurou ela, sem firmeza.

Matias quase gemeu de frustração, mas não o fez. Em vez disso, colocou as mãos sobre os ombros dela e a beijou de forma carinhosa e a sentiu ir da hesitação para a entrega. Continuou a beijá-la. Beijou-a até que Sophie ficasse sem fôlego. Beijou-a até saber com certeza que não havia nada e nem ninguém em sua cabeça, além dele, então, deu um passo para trás e pronunciou em uma voz quase incontinida:

— Vamos.

CAPÍTULO 9

A CASA dela.

Em sua cabeça, ir para a casa de Matias seria uma declaração completa de derrota. Dentro do confinamento de suas próprias quatro paredes, entretanto, Sophie podia se enganar, convencendo a si mesma de que ainda estava no controle, mesmo que já estivesse perdida nos braços dele e até mesmo pensando que *desejava continuar se perdendo*.

Se dormisse com ele, pensou, seria *uma decisão consciente*. Não significaria que teria que perder o controle e isso, decerto, não significava que se casaria com Matias. Nunca mais confiaria nele. Como poderia? Nunca colocaria em perigo a privacidade de Eric por causa de outro erro, mas...

Ela desejava tanto Matias. Ele estava em seu organismo como se fosse um vírus e Sophie queria ficar livre dele, porque ele estava fazendo com que ela cedesse. Ele estendeu a mão para entrelaçar os dedos aos dela no carro. Mal conversaram, mas a eletricidade entre eles poderia incendiar uma floresta. O celular dele tocou várias vezes. Ele o ignorou. Olhando para seu perfil forte, anguloso, para os contornos marcados de seu lindo rosto, Sophie se indagou o que Matias estava pensando. Ele não a amava, mesmo assim a mimava. Tinha dito a ela que não havia a necessidade de continuar tentando provar para ele que ela não era uma interesseira, mas, bem lá no fundo, sabia que ele sempre acreditaria que tentara fazer com que investisse dinheiro na empresa moribunda do pai. Matias não fazia ideia da existência de Eric, por isso jamais entenderia sua atitude, e ela nunca poderia contá-lo sobre o irmão porque a lealdade à família era mais poderosa que qualquer outra coisa.

Mas qualquer que fosse a situação, ele estava certo. Um fogo queimava entre eles. O que fariam a respeito disso?

Passava das 16h30 quando eles chegaram à casa dela. Sophie pensou que era uma sorte Julie estar fora a serviço, ensinando uma assistente que tinham contratado para um jantar luxuoso em Dulwich.

Comparada à casa gloriosa que tinham acabado de ver, seu sobrado, espremido em uma fileira de casas com terraços parecidos, era chocante.

Tinha defendido com tenacidade sua casinha, mas agora conseguia ver através dos olhos de Matias. Insignificante, apertada, insatisfatória.

Se virou e o encontrou a encarando com uma expressão velada, enquanto ele fechava, com calma, a porta atrás dele. Arrepios de antecipação subiam e desciam pelo corpo de Sophie.

— Não tem ninguém aqui? — inquiriu ele, caminhando bem devagar em sua direção, e Sophie assentiu.

— Julie está atendendo um cliente. Só vai voltar amanhã de tarde. Matias, estou feliz com a casa. Esse lugar na prática não seria adequado a um bebê. Quero dizer, claro que teria servido se não houvesse outra opção, mas...

— Shh. — Ele colocou um dedo sobre os lábios dela e o coração dela se acelerou. — Não fale nada. — Ele estava bem diante dela agora, inclinou a cabeça e a beijou. Um beijo longo, carinhoso, que fez seus joelhos fraquejarem. — Por mais que eu goste de escutá-la dizendo que estou certo, há mais, muito mais que quero fazer agora. — Ele a segurou pela nuca e continuou a beijá-la de maneira lenta e demorada, sentindo uma pontada de satisfação quando o corpo dela cedeu ao seu, moldando-se centímetro a centímetro à sua ereção até que eles estivessem completamente fundidos, entrelaçados.

Sem aviso, ele a ergueu do chão e Sophie perdeu o fôlego e se prendeu a ele, enquanto subiam pela escada estreita.

Matias conhecia o suficiente da casa de Sophie para encontrar o quarto sem problemas. O lugar era minúsculo.

Ele a colocou na cama e ela apoiou-se nos cotovelos a fim de olhá-lo, enquanto Matias fechava as cortinas.

— Já faz muito tempo — comentou ele, com um sorriso sexy e possessivo que aumentou a excitação que Sophie sentia.

Ele estava em pé, de costas para a janela e permaneceu ali por alguns segundos, apenas a olhando, antes de ir para a cama, livrando-se de suas roupas no caminho.

Matias era uma declaração de beleza masculina em movimento e a deixava sem fôlego.

Sophie estava de fato maravilhada por ter sido capaz de resistir à sua potente sensualidade por todo aquele tempo. Mas agora tinha, enfim, arrancado aquele monstro do armário e se forçado a confrontá-lo.

Ela semicerrou os olhos, siderada por sua ereção, até Matias se deitar ao seu lado e fixar o olhar nela.

Tentada, Sophie esticou as mãos e tocou o abdômen definido.

Ele estava excitado por ela. Sua ereção estava visível sob a cueca, que não permaneceu onde estava por mais tempo do que o necessário.

— Não preciso lhe dizer o quanto quero isso — mencionou Matias, quase rude. — A evidência está diante de você.

Sophie deu um gemido baixinho e se endireitou, ajustando o corpo de modo a conseguir saborear toda a extensão de sua ereção impressionante.

Ela o provou como se estivesse saboreando uma sobremesa requintada. A língua se movimentava e o tocava, a boca se fechou ao redor de seu membro e ela o saboreou por completo, enquanto a mão se divertia com a familiaridade daquele momento. O gosto dele era afrodisíaco.

Sophie sentiu como se tivesse guardado a lembrança dos gemidos de Matias em algum lugar no fundo da sua mente, aqueles gemidos profundos e guturais. Os dedos dele entrelaçados ao seu cabelo eram familiares. Ela o queria tanto que estava se derretendo, e queria desesperadamente livrar-se de suas roupas, para que ele pudesse tomá-la.

Lendo os pensamentos dela e sabendo que se não tomasse cuidado, iria gozar ali, naquele instante, Matias, com relutância, afastou-a. Quando olhou para baixo, viu que seu membro estava molhado e teve que cerrar os punhos para conter o desejo de possuí-la naquele ápice, deixá-la levá-lo ao clímax com as mãos e a boca.

Não. Ele vinha fantasiando sobre aquele reencontro havia muito tempo para agir feito um adolescente apressado.

Mas que inferno, ele estava pegando fogo quando se ajeitou para despi-la. Ela estava usando muitas roupas, e ele estava excitado demais para se permitir um vagaroso show de strip-tease. Precisava escavar camadas de tecido tão rápido quanto conseguisse para poder sentir sua pele.

As roupas dela caíram no chão em tempo recorde e ela ajudou, contorcendo-se para tirar o sutiã e a calcinha de renda, que, Matias notou com breve satisfação, eram muito sensuais, uma escolha de lingerie que ele sabia que a encorajara a fazer.

Era quase constrangedor, pensou, que estivesse com tanto tesão e tão pronto para ela. Teria gostado de passar um tempo provocando-a com a língua sob a renda da calcinha.

— Matias... — Sophie caiu de costas contra o travesseiro e arqueou um pouco o corpo, assim os seios fartos se evidenciaram como um convite a ele.

Matias estava ajoelhado sobre ela e, no mesmo momento, pegou os seios entre as mãos enormes e os massageou com carinho, até que os dedos estivessem brincando com os mamilos, fazendo com que ela se arrepiasse de prazer, arrepios que, claro, corriam por todo o seu corpo, deixando-a mais molhada.

Sophie passou as mãos ao redor do membro dele, e brincou com rapidez e firmeza, sabendo o ritmo perfeito que ele gostava.

— Matias...

— O quê? — interrogou ele, encorajando-a com um sorriso pervertido e ela o encarou com compreensão, porque sabia o que ele desejava.

— Você sabe — ela ficou bem vermelha — do que eu gosto...

— Ah, eu sei, sim... — Ele se inclinou e colocou um de seus mamilos na boca, dedicando-se a excitá-la até o ponto de a pele delicada ficar dolorida e Sophie se contorcer debaixo dele.

Ele a conhecia tão bem. Parecia que tinham feito amor desde sempre. Sabia que ela gostava que ele fosse só um pouco agressivo, que brincasse com seus mamilos até que ficasse excitada e inquieta. Sabia o que ela mais amava, e explorou a parte debaixo de seu corpo glorioso, admirando por um tempo as pequenas mudanças que tinha encontrado nele.

Os seios estavam pelo menos dois números maiores, e os mamilos mais pronunciados e não mais rosados, em vez disso, exibiam um tom mais intenso. A barriga estava só um pouquinho arredondada. Nunca tendo pensado em bebês ou em ser pai, pelo menos desde o incidente infeliz, havia muitos anos, com a ex-namorada que tentou enganá-lo, Matias não prestava atenção a mulheres grávidas. Mas essa mulher, com seu bebê dentro dela, era terrivelmente sensual.

As curvas de seu corpo o excitavam e faziam com que sua ereção ficasse mais impressionante do que já estava.

Dedicando-se à parte mais íntima do corpo dela, Matias colocou uma das mãos entre suas pernas e brincou com a maciez que ela escondia ali. Então, colocou um dedo dentro dela, que gemeu baixinho e se contorceu, até que o dedo dele estivesse mais fundo, encontrando sua carne macia, a caminho daquele pequeno botão que implorava por sua atenção.

Ele sabia que, se demorasse muito tempo ali, ela chegaria ao orgasmo. Sophie era a mulher mais receptiva que tinha conhecido em sua vida. Então, brincou com aquela parte de seu corpo, parou, depois brincou mais uma vez, até que ela estivesse implorando para que a possuísse.

— Ainda não — proferiu ele, baixinho. Com as mãos na cintura dela, colocou a cabeça entre suas pernas e a aninhou ali, respirando o cheiro doce que ela exalava.

Com a língua, Matias delicadamente acariciou sua parte mais feminina, então começou a explorá-la. Seu dedo já tinha provocado Sophie, agora era a língua que fazia esse trabalho, até que ela começou a gemer, contorcendo-se, empurrando-o para baixo em um instante e no outro, trazendo-o para cima, com os dedos emaranhados ao cabelo dele.

Sophie estremeceu contra sua boca, arqueando todo o corpo com movimentos bruscos, e ele agarrou suas nádegas, mantendo-a no lugar e torturando-a com os movimentos insistentes de sua língua dentro dela.

— Estou chegando lá — alertou ela, quando seu corpo começou a se mover mais rápido, para capturar cada sensação que ele provocava entre suas pernas.

— Não quero gozar assim, Matias... Quero sentir *você dentro de mim*.

Matias se levantou. Com um movimento automático, procurou sua carteira, mas então se lembrou de que não havia mais necessidade de proteção e sorriu para ela.

— Não precisamos mais nos preocupar com isso — argumentou ele, sorrindo.

Sophie retribuiu o sorriso, aérea. O corpo estava quente, excitado e ondas de prazer, que quase a tinha inundado momentos antes, estavam ali, à espreita, fazendo-a desejar se contorcer e tocar em si mesma.

— Você está tão pronta para mim, *querida*...

— Não consigo evitar — respondeu ela, em meio a um gemido. — É uma coisa física.

— Ah, não, não, não fale. Quero possuí-la e levá-la até as fronteiras do universo. — Ele a provocou com a cabeça de seu membro e ela abriu as pernas, incapaz de conter sua ânsia em tê-lo dentro de seu corpo.

Matias a penetrou e a sensação foi além do que as palavras conseguiriam descrever. Ela estava pronta para recebê-lo e sua maciez o aceitou de modos que ele não conseguiria definir, mas que o fez sentir incrivelmente bem. Ele a desejava tanto. Aquilo teria que ser rápido. Matias não conseguiria aguentar por muito mais tempo, não conseguiria dedicar mais tempo a preliminares ou correria um risco impensável.

Mergulhou nela bem fundo e Sophie passou as pernas ao redor de sua cintura e então, sim, ele se movimentou até que ela estivesse se debatendo e gritando de prazer, até que o fôlego ficou preso em sua garganta. Até que, com uma onda crescente, Sophie e ele chegaram juntos ao clímax, agarrados um ao outro, com uma onda de sensações que se abateu sobre eles como um tsunami.

Sophie arqueou o corpo e ficou tensa, enquanto o corpo incansável dele estremecia contra o dela e ela arquejava, bastante esgotada.

Matias saiu de cima dela. Era um milagre incrível estar ali, naquele momento, com sua Sophie. A quantidade de *e se* entre o que poderia ter acontecido daria para encher uma biblioteca.

E se Sophie não tivesse batido em seu carro?

E se ele não tivesse passado a vida dedicado cegamente à sua vingança?

E se ele não tivesse pensado em incluí-la nos seus planos de vingança?

E se Sophie não tivesse passado um tempo sob seu teto na casa em Lake District?

E se, e se, e se...?

Mas ali estavam eles, fazendo amor do modo mais delicioso que alguém poderia imaginar. De jeito nenhum ele estava se cansando dela. Pelo contrário, Matias a desejava com uma urgência que nenhum de seus outros relacionamentos despertou. Sentia uma possessividade em relação à Sophie que desafiava a razão.

Aceitara o choque que a paternidade imprevista e iminente tinha causado nele.

Tinha feito um pacto consigo mesmo para que superassem o desafio de culparem um ao outro, que não os levaria a lugar algum.

Mas tinha acreditado de verdade que essa paixão inacreditável e o desejo *insaciável* por Sophie fariam parte de sua vida? Será que a evidência de sua própria virilidade e o fato de que ela estava gerando seu filho tornavam os sentimentos por ela tão *ferozes*?

Sophie se mantinha firme em relação a não se casar com ele, frustrando o desejo natural de Matias de conseguir o que queria. Sua necessidade imperativa *nunca* recuava, e a determinação de Sophie era um obstáculo muito irritante para ele. Se recusava a imaginar uma vida em que perdesse, de qualquer maneira que fosse, o controle sobre o filho e, por extensão, disse a si mesmo, *sobre ela*.

Visitar a mãe enquanto ela se recuperava no hospital, como ele tinha feito várias vezes, tinha apenas reforçado sua determinação em fazer de Sophie sua esposa.

Até aquele instante, o inevitável encontro entre a mãe e Sophie tinha sido evitado, todavia, mais cedo ou mais tarde, a mãe ia querer conhecer a mulher que estava carregando seu neto e, quando essa hora chegasse, Matias estava determinado a ter a questão do casamento acertada. Não queria que a mãe fosse forçada a se conformar em ver o neto com que tanto sonhara apenas eventualmente.

— Foi tão bom para você quanto foi para mim, *querida*? — Ele se virou de lado e a ajeitou, de modo que ficassem de frente um para o outro. Afastou uma mecha de cabelo do rosto dela, então a beijou com muito carinho, roçando a língua nos lábios dela.

Sophie lutou para pensar de forma coerente. Acabara de ceder, perdendo-se de suas determinações. Cederia ao desejo, indo para a cama com Matias. Todo o conceito de distância e *amizade* em que ela estivera trabalhando tanto, desde a recusa do pedido de casamento dele, tinha acabado de voar pela janela, não tinha?

E o mais alarmante naquilo tudo é que o que fizeram há pouco parecia ser muito, muito *certo*.

Porque...

Porque ela o amava. Porque ele se enfiara na vida dela, aquele homem enervante e absurdamente arrogante, e então, roubara seu coração. E ainda que ele a tivesse usado e não fosse de confiança — só Deus para saber quando ele a usaria de novo —, Sophie não conseguia impedir a si mesma de amá-lo. Fizeram amor e foi maravilhoso, íntimo, terno, como entrar pela porta da frente na casa que você adora, sentindo-se seguro e em paz entre suas paredes.

O que não deixava de ser uma piada, assim como a certeza sobre controlar os sentimentos quando se tratava de amor. Sophie não podia controlar o que sentia por Matias, assim como não era capaz de controlar o trajeto de um furacão.

— Bem...? — quis saber Matias, passando a mão de forma possessiva pela cintura dela, como que desafiando Sophie a negar o que era mais do que óbvio.

— Foi muito agradável — refutou Sophie.

— Agradável? *Agradável?* — Matias, apesar de indignado, acabou dando uma gargalhada. — Você sem dúvida sabe como elogiar um homem, minha querida.

— Tudo bem. — Ela corou. — Foi muito bom.

— Ora, isso é bem melhor — comentou ele —, mas preferia ouvir que foi *incrível*.

— Bem, foi incrível.

— Quando você apareceu no meu escritório e me contou a novidade, Sophie — pronunciou Matias —, foi um choque, mas saiba que eu de fato quero esse bebê, *querida*. Você me diz que não quer se casar comigo, que as peças para um casamento bem-sucedido não estão no lugar, mas nós conversamos, não é? Sim, nós brigamos, mas também *falamos um com o outro*. E ainda temos essa química entre nós. Ainda desejamos um ao outro apaixonadamente. Não é o suficiente? Você diz que não está preparada para fazer sacrifícios, mas *eu* estou, porque sinto que qualquer sacrifício que eu faça pelo bem de nosso filho valerá a pena. Nós não queremos o melhor para o nosso bebê? Você pode negar isso? Não podemos mudar o passado, mas podemos seguir em frente, garantindo que nossos erros não alterem o futuro.

Sophie podia sentir cada batida de seu coração, o coração que pertencia a ele, a um homem que nunca, *nunca* poderia retribuir o sentimento.

Matias tinha falado sobre sacrifícios, e *decerto* ele não a usaria outra vez, não é? Não agora que teriam um bebê. Podia confiar em Matias ou o passado tinha arruinado o relacionamento deles de forma irreparável?

— Talvez você esteja certo — avisou ela, encontrando os olhos dele com firmeza. — Claro que desejo o que é melhor para o nosso bebê. Sei o que é melhor para ele, quero que o criemos juntos, como uma família. — E talvez Sophie ousasse esperar que, com o tempo, pudesse confiar nele o suficiente para contar sobre o irmão, apesar do que havia acontecido entre eles. Alan tinha se afastado por considerar Eric um desafio e, depois disso, Sophie tinha se isolado. Alan não merecia a fé que ela depositara nele. Em comparação ao que sentia por Matias, os sentimentos por Alan eram uma sombra pálida da realidade. Mas, por mais forte que fosse seu amor, não podia assegurar que Matias, um homem movido pela vingança ao decidir conquistá-la, corresponderia às suas expectativas.

Mas teriam um bebê juntos e ela *queria e precisava* dele.

Matias desejou seriamente poder saber no que ela estava pensando. Nunca desejara tanto de verdade conhecer alguém.

— E então...? — começou Matias.

— Então não precisamos nos casar — Sophie respirou fundo e rezou para estar fazendo a coisa certa —, mas podemos morar juntos. — Ela lhe daria a chance de provar que podia ser confiável, antes de revelar a Matias a parte de sua vida que ele não conhecia.

Morar juntos? Não era a solução que Matias desejava, mas por ora teria que ceder.

MATIAS RECEBEU o telefonema quando estava prestes a sair do trabalho.

— Sinto muito, Matias. — Sophie estava obviamente se movendo com pressa. A voz estava tensa e ele ouviu ali uma nota de pânico. — Acontece que preciso cancelar nosso jantar de hoje. Tem alguma coisa errada e estou com muito medo.

— O que aconteceu? — questionou ele enquanto apanhava o casaco. Depois, voltou até sua mesa para apanhar a caixinha com o bracelete de diamantes encomendado três dias antes, que era uma surpresa para ela.

Matias tinha criado o hábito de surpreender Sophie com pequenos presentes que demonstravam seu afeto, objetos aleatórios que faziam com que lembrasse dela.

Um livro antigo sobre culinária vitoriana, um conjunto de caçarolas feito especialmente para o fogão da casa nova, qualquer coisa que pudesse fazê-la sorrir.

Aquele bracelete era, até agora, a surpresa mais cara que ele já tinha comprado e Matias desejava que ela não o recusasse. Sophie às vezes era teimosa de uma forma que ele não conseguia entender.

— Onde você está, *querida*? — perguntou ele, fazendo o melhor que podia para manter qualquer traço de preocupação longe de sua voz.

— Matias, preciso mesmo desligar, meu táxi está chegando e eu ainda tenho que arrumar minhas coisas e... Na verdade, meu táxi acaba de chegar.

— Táxi? Não ouse me deixar falando sozinho, Sophie! Que táxi? Por que você está indo de táxi para aonde quer que seja? O que há de errado com seu carro? E aonde você está indo, afinal de contas?

— Está tudo bem com meu carro. Só pensei que, no caso de... — A voz dela falhou e Sophie colocou o telefone sobre a mesa advertindo a si mesma que precisava fazer alguma coisa.

O quê?

Matias estava achando impossível manter o autocontrole. Ela soava como se estivesse à beira das lágrimas e Sophie nunca chorava. Ela lhe confessara em

certa ocasião que já enfrentara muitas situações difíceis na vida e que chorar não ajudava.

Essa tinha sido apenas mais uma informação sobre Sophie que Matias tinha guardado em sua mente, mais uma peça naquele complexo quebra-cabeça.

E agora ela estava à beira das lágrimas por razões que ele desconhecia e sobre as quais não queria falar. Matias tinha feito o possível para provar que era digno de confiança. Não tinha discutido com ela sobre a decoração da casa nova, deixando que decorasse seu ninho da forma que achasse melhor. Tinha feito o melhor para parar de perseguir o pai dela, desistindo inclusive de reunir as provas que o mandariam para a cadeia num piscar de olhos.

Matias vinha até evitando uma visita em conjunto para sua mãe, ainda que ela estivesse se recuperando muito bem, e sentindo-se feliz com a notícia do neto a caminho, pois queria poupar Sophie das inevitáveis indagações sobre casamento. A última coisa que Matias queria era que Sophie se espantasse com o apego de sua mãe pela tradição.

Mas, mesmo com tudo isso, agora estava perfeitamente claro que havia partes dela que guardavam ainda um ressentimento duradouro pela forma como o relacionamento deles tinha começado.

Por que mais Sophie estaria à beira das lágrimas sem qualquer vontade de lhe contar o motivo?

— Sophie, o que você quer dizer com “no caso de...” — quis saber Matias enquanto corria na direção da porta e, de lá, direto para o estacionamento.

— Matias, desculpe-me, preciso mesmo desligar.

— Conte-me pelo menos para aonde você está indo! É segredo?

— Meu Deus do céu, Matias! — Depois de alguma hesitação, Sophie admitiu: — Tudo bem, estou indo ao hospital Charing Cross.

Matias congelou por um momento, inquirendo-se se havia alguma coisa errada com o bebê.

— Tudo bem, encontro com você lá.

— Não!

Ele hesitou por um instante, sem vontade de lidar com a dor que a resposta dela lhe causara.

— Certo...

— Matias, nós nos veremos em casa. Não sei a que horas estarei de volta, você sabe como são as coisas nos hospitais.

— O bebê também é meu, Sophie. Quero estar ao seu lado se houver algum tipo de problema.

— Não vamos ter problemas. Não se preocupe.

É claro que Matias não acreditava nela. Sua voz contava uma história diferente. Ela parecia muito preocupada.

Ele sabia que Sophie apareceria na manhã seguinte com explicações vagas,

minimizaria sua preocupação e ambos, então, fingiriam não perceber a perturbadora verdade: em um momento de crise e Sophie não se permitiria pedir qualquer tipo de ajuda.

Matias resolveu ir ao hospital mesmo assim. Não ia admitir que Sophie enfrentasse sozinha uma situação angustiante, e não faria aquilo somente por estar pensando no filho *deles*.

Assim, não pensou duas vezes. Seu motorista estava de prontidão. Chegaria ao hospital antes dela. A forma como vinham conduzindo aquela relação estava prestes a mudar. Gostasse Sophie ou não, haveria uma mudança fundamental em seu relacionamento e, se ele precisasse forçar a situação, que assim fosse.

Apressando-se para entrar no hospital depois de muitos percalços e engarrafamentos, Sophie correu pelas portas giratórias e lá estava ele, bem na frente dela.

Matias se destacava, uma presença sombria e melancólica andando para lá e para cá sem parar com as mãos enfiadas nos bolsos. Um bilionário fora de sua zona de conforto e, ainda assim, conseguindo dominar o entorno de uma forma que a fez congelar. A expressão no belo rosto dele era uma advertência. As pessoas tomavam cuidado para não se aproximarem demais porque ele emanava todos aqueles sinais de alerta que a deixavam tensa.

— Matias...

Ora, tinha desviado os olhos da entrada do hospital por cinco segundos, e ali estava ela, sua voz fazendo com que ele se virasse para encará-la.

— Vou ficar com você, não importa o que esteja acontecendo — afirmou ele com severidade. — Você não vai me expulsar de sua vida desta vez.

— Não tenho tempo para isso agora — declarou ela, mas o coração batia descontroladamente quando começou a andar com rapidez em direção aos elevadores, abrindo caminho por entre a multidão.

— Sophie! — Ele a fez parar, a mão no braço dela, e Sophie se virou para encará-lo. — *Fale comigo*.

Seus olhos se encontraram e ela suspirou e proferiu baixinho:

— Tudo bem. É hora de conversarmos. É hora de você saber...

CAPÍTULO 10

MATIAS ESPERAVA que ela fosse direto para a ala obstétrica do hospital. No entanto, Sophie movia-se depressa em direção ao elevador, apertando um número de andar, enquanto ele se mantinha bem junto dela, desejando que ela falasse e, apesar disso, sendo mantido a distância por sua indiferença. Sophie mal parecia ciente de sua presença enquanto caminhava com pressa até uma das enfermeiras e murmurava algo urgente para ela, antes de, por fim, virar-se e registrar que ele ainda estava lá.

Matias a olhou com cuidado, os olhos arregalados. Ainda não tinham trocado mais que uma frase. Ele era um homem que precisava ter o controle, saber o que estava acontecendo ao seu redor, porque acreditava que, se pudesse conhecer o que o cercava, nunca teria surpresas desagradáveis. Naquele instante, porém, não tinha ideia do que estava acontecendo, e detestava sentir-se dessa maneira, assim como detestava a distância entre eles.

Seria esse o ponto em que tudo começaria a desmoronar? Uma nota gelada correu por suas veias parecendo veneno.

— O que está acontecendo? — interrogou com firmeza e Sophie suspirou.

— Você vai descobrir em breve e, então, nós precisaremos conversar.

Ela se virou e ele a seguiu na direção de um dos quartos. Ela abriu a porta com cuidado.

Matias não tinha ideia do que o aguardava e a última coisa que esperava era ver um jovem na cama. Estava obviamente sedado, seus movimentos eram lentos quando se virou na direção da porta. Assim que viu Sophie, o rapaz sorriu com amor e ternura muito verdadeiros.

Matias sentiu-se confuso. E também um intruso. Ele não foi apresentado ao sujeito na cama, que mal o notou. Estava lá para assistir, entendeu, e foi o que fez durante os dez minutos seguintes, durante os quais Sophie falou gentilmente com o paciente, segurando a mão dele, apertando-a e sussurrando com voz suave, quase inaudível.

Ela acariciou sua testa e depois o beijou antes de se levantar e observá-lo. O paciente fechou os olhos, respirando tranquilamente, já caindo no sono.

Ela olhou para Matias, assentiu enquanto levava um dedo aos lábios, e só quando estavam do lado de fora do quarto ela se virou para ele.

— Você deve ter uma porção de perguntas — disse Sophie, sem se abalar. Matias era tão bonito e ela o amava tanto, mas sentiu como se tivessem chegado a um ponto do qual não haveria volta. Ela não tinha pensado em qual seria a hora *certa* para que Matias conhecesse Eric, seu irmão. O medo de uma reação negativa por parte dele a detivera, mas o destino acabara por tomar as rédeas da situação e ali estavam eles.

— E quem não teria? — replicou Matias, passando os dedos pelo cabelo, tenso com todas as indagações não respondidas que tinha.

— Precisamos conversar, mas não acho que o hospital seja o lugar certo para isso, Matias.

Matias foi mais uma vez tomado por um arrepio de apreensão, porque havia uma nota muito séria na voz dela.

— Na minha casa, então. Vai ser mais rápido que tentar voltar para nossa casa nova.

Dez minutos depois, estavam sentados no banco de trás do carro dele, dirigindo-se para o apartamento de Matias, onde Sophie estivera umas poucas vezes.

O silêncio entre eles o incomodava, mas ele sabia que, se o corredor de um hospital não era o lugar para uma conversa séria, o banco de trás de um carro também não era.

Sophie parecia estar mentalmente a quilômetros de distância, o que Matias achou incrivelmente frustrante. Queria estender a mão e puxá-la para junto do peito, porque não suportava aquele afastamento.

Imaginando como iria abordar o assunto que tinha conseguido evitar até agora, Sophie mal se deu conta do trajeto, até que enfim chegaram ao prédio de Matias.

Assim que entraram no apartamento decorado de maneira bela, ela se acomodou no sofá creme de couro.

— Então, você vai me contar quem era aquele sujeito? Um ex-namorado, por acaso?

— Como é?

— Ele é um ex-namorado, Sophie? O amor da sua vida que talvez tenha sofrido um acidente? Eu observei vocês juntos. Você ama o sujeito. Há quanto tempo ele está incapacitado? Acidente de moto? — Cada uma dessas palavras parecia ter sido arrancada de seu peito, mas Matias precisava saber a verdade.

— Sim, eu o amo — admitiu Sophie. — Sempre o amei.

Matias trincou os dentes. Não ia perder a calma, mas seria bom poder bater em alguma coisa.

— E, não, ele não se envolveu em um acidente. Eric nasceu assim.

Matias ficou quieto, olhos atentos, contando as batidas de seu coração enquanto tentava lidar com o que ela dizia.

— Eric é meu irmão, Matias — confidenciou Sophie em voz baixa.

— Seu irmão...

— Ele mora em uma instituição nos arredores de Londres, mas alguma coisa o assustou e ele teve um ataque de pânico. Por isso está no hospital, se machucou enquanto se debatia. Nada sério, mas é difícil lidar com isso sem as acomodações adequadas.

— Você tem um irmão e nunca me contou?

— Não sabia por onde começar, Matias. Se você puder apenas me ouvir, vou tentar explicar. Meu pai só manteve contato com nossa família porque não teve escolha. Quando Eric nasceu, minha mãe sabia que precisaria da ajuda financeira para cuidar dele. Ela não era perfeita, mas de fato se preocupava com Eric. Fez com que James pagasse pelo lugar onde Eric vive, que é muito caro, e, quando ela morreu, passei a cuidar disso.

— Você queria que eu investisse nos negócios de seu pai porque queria ter certeza de que ele poderia continuar pagando pelos cuidados de que seu irmão precisa.

Sophie assentiu, aliviada, mas não tão surpresa por ver que Matias tinha entendido tudo tão rapidamente. Era um alívio poder explicar aquela situação incômoda para ele. Se Matias escolhesse se afastar, tudo bem. Ela seria capaz de lidar com as consequências, mesmo sabendo que sua vida nunca mais seria a mesma sem ele.

— Eu tinha algum dinheiro guardado que usei para bancar as despesas de Eric desde que os negócios de James afundaram, mas sim, o encorajei a pensar que investir na empresa seria uma boa ideia, não porque eu quisesse o dinheiro para mim, mas porque teria feito qualquer coisa para ter certeza de que meu irmão está seguro e feliz.

— Por que você não me contou?

— Como eu poderia, Matias? Você me usou para confirmar suas suspeitas sobre James e, mesmo quando voltou para minha vida, fez isso porque sentiu que não tinha escolha.

— Sophie...

— Não, deixe-me terminar! Não lhe contei sobre Eric porque não queria que você pensasse que poderia usar isso contra meu pai, contando ao mundo que ele tinha um filho deficiente que não conhecia e que só sustentava porque tinha sido obrigado a fazer isso.

Matias se deu conta do quão profundos eram os sentimentos de desconfiança dela. Sophie jamais confiaria nele.

— Queria que você tivesse me contado.

— Como eu poderia, Matias? Como eu poderia correr o risco de vê-lo

envolvendo Eric em seu esquema de vingança, destruindo tanto a privacidade quanto a dignidade dele? E também...

Matias estava processando tudo o que ela dizia, sabendo que não tinha ninguém a não ser ele mesmo e seu desejo cego de vingança para culpar por toda aquela situação.

— Também...? — perguntou ele.

— Eric é frágil. Quando Alan, meu ex-namorado, saiu da minha vida depois de conhecê-lo, Eric ficou de coração partido e se sentiu responsável. Alan achou que Eric era uma responsabilidade pesada demais.

— Um homem que faz uma coisa dessas não serve para você. Sorte sua não ter continuado com ele.

— Você está certo. O que eu senti por Alan não era amor. E sim, tive sorte por não acabar presa a um homem igual a ele.

— Eu me deixei levar pela vingança. — Matias suspirou. — Sempre fui ambicioso, acho. Sempre me dediquei a ganhar dinheiro porque sabia o que era viver na pobreza. Culpei seu pai por tudo o que saiu errado em minha vida e isso se tornou o mantra que guiou muitas das minhas decisões. Por certo tempo, a busca por segurança financeira tornou-se um objetivo em si, mas, como lhe contei, minha mãe adoeceu e descobri aquelas cartas. No momento em que você entrou na minha vida, meu desejo de me vingar do seu pai estava no auge e você acabou sendo envolvida em meus planos. Você não merecia isso.

Sophie olhou para Matias como que insistindo para que ele continuasse e, ao mesmo tempo, parecendo aliviada com sua reação sobre a descoberta da existência de Eric.

— Pensei que você tinha me pressionado para investir em seu pai que estava à beira da falência porque queria continuar recebendo uma mesada dele.

— Eu entendo — assegurou Sophie —, afinal, você não sabia sobre Eric. Não conhecia meus motivos.

— Fiquei tão furioso que vi tudo vermelho, Sophie — assumiu. — Senti que tinha sido usado e reagi para me defender, ao mesmo tempo em que sabia, lá no fundo, que você não era esse tipo de pessoa. *Querida*, você não confiou em mim o suficiente para me contar sobre seu irmão e não posso explicar como isso me magoa, mesmo sabendo que a culpa é toda minha. Esperava que você agisse como se o passado nunca tivesse existido, sem fazer qualquer esforço para entender que a machuquei demais para que isso pudesse acontecer. Vejo isso agora.

Aquela era a primeira vez que Matias se abria e Sophie sabia que não era nada fácil para ele, o que a fazia amá-lo ainda mais. Ele estava pedindo perdão e era preciso ser uma pessoa muito nobre para agir assim.

— Nunca mais quero magoá-la, meu amor. E vou providenciar para que seu

irmão seja sempre protegido e cuidado da maneira que merece. Permita que eu prove o quanto a amo e que estou bastante arrependido por fazê-la acreditar que você não poderia confiar em mim para ajudá-la com o segredo mais importante de sua vida.

Os olhos de Sophie se arregalaram e o coração parou por um momento.

— Acabo de ouvir você dizer...?

— Eu amo você — anunciou Matias. — Nunca pensei que me apaixonaria. Nunca me interessei por isso, mas você apareceu e se tornou parte de mim. Antes que eu percebesse, você tinha se tornado indispensável em minha vida. Quando seguimos nossos caminhos separados, foi estranho, senti como se parte de meu corpo tivesse sido arrancada. Não entendi o que estava acontecendo, mas agora percebo que você já estava começando a ocupar uma posição importante em minha vida.

— Você nunca me disse isso — pronunciou Sophie, emocionada. — Por que não me contou?

— Como eu poderia lhe contar? — Matias sorriu e foi se sentar no sofá ao lado dela. Ele não a puxou para si, mas sua mão procurou a dela. Enlaçando os dedos aos de Sophie, continuou: — Eu mal sabia que nome dar a esse sentimento. O amor me pegou de surpresa.

— Como aconteceu comigo — confessou Sophie, sentindo-se tão feliz que poderia rir e chorar ao mesmo tempo. — Quando o conheci, o odiei.

As sobrancelhas de Matias se ergueram e ele sorriu para ela, mau como um lobo.

— E, ainda assim, me achou diabolicamente sexy.

— Não seja bobo — retorquiu Sophie, sorrindo de volta para ele. — Pensei que ia ver Art e em vez disso fui levada para a toca do leão.

— Que bom que você *não viu* Art — argumentou Matias. — Você teria feito gato e sapato dele. Ele talvez acabasse *lhe* dando um carro novo, esquecendo-se de tudo o que você aprontou com o meu. Você o enfeitiçou.

Sophie corou.

— Mas nunca teríamos nos conhecido se não fosse o acidente.

— Sim, teríamos — afirmou Matias. — Nossos caminhos estavam destinados a se cruzar, ainda que você *tenha* me odiado à primeira vista.

— Bem, você estava ameaçando acabar com meu negócio só porque esbarrei no seu carro!

Assentindo com seriedade, Matias reconheceu que ela estava certa.

— E o resto você já sabe. Mas — continuou — eu *deveria* ter suspeitado de que a facilidade com que me acostumei à ideia de ser pai era uma indicação de como me sentia em relação a você. Se não estivesse tão louco por você, nunca teria concordado com toda essa história de casamento de maneira tão tranquila.

— E eu o recusei.

— Sim, foi o que você fez. Mais de uma vez. Você não tem ideia do quanto eu quis provar para você que merecia uma chance.

— E você não tem ideia do quanto eu queria lhe dar essa chance, mas estava com muito medo. Acho que, no começo, tive medo do que você faria quando soubesse sobre Eric. Meus instintos me diziam que poderia confiar em você, apesar de tudo o que tínhamos passado, mas meus instintos já tinham me enganado, por isso me recusei a ouvi-los uma segunda vez. E depois, mais tarde, fiquei com medo de pensar em como você reagiria a Eric. O que Alan fez me magoou demais e Eric também ficou chateado.

— Fico feliz por ter conhecido seu irmão — garantiu Matias. — Agora podemos parar de falar? Se bem que... Eu ainda tenho uma coisa a dizer.

— Ah, é? O quê? — murmurou Sophie.

— Você vai parar de me enrolar e por fim aceitar meu pedido de casamento?

— Hum... — Sophie riu e puxou Matias em sua direção, beijando-o, para depois roçar o nariz no dele e sorrir. — Tudo bem. E com isso quero dizer... Sim, sim, sim!

ALGUNS MESES depois, outra viagem foi feita ao hospital. O trabalho de parto de Sophie começara por volta das 3h da madrugada e as coisas progrediram bem rápido, porque quando chegaram à maternidade, Luciana estava prestes a cumprimentar seus apaixonados pais.

Ela nasceu sem maiores problemas pouco depois das 9h da manhã seguinte.

— Ela tem seu cabelo. — Sophie sorriu sonolenta para Matias, que estava sentado ao lado dela, embalando a filhinha gorducha e de cabelo preto.

— E meus olhos. — Ele sorriu e olhou carinhosamente para a mulher sem a qual a vida não significava nada. Sua vida tinha passado do cinza para o multicolorido. Não muito tempo antes, Matias acreditava que o acúmulo de riqueza e poder justificava sua existência. Achava que as lições aprendidas sobre o amor e como ele o tornava vulnerável, eram o que bastava para afastar qualquer pessoa sensata da fantasia do “felizes para sempre”. Tinha jurado que uma vida controlada era a única digna de ser vivida. Estava errado. A única vida que valeria a pena era a que pudesse ter ao lado da mulher que adorava.

— E vamos torcer para que as semelhanças acabem por aí — provocou Sophie, ainda sorrindo. — Não preciso de outra pessoa na minha vida que não dê conta sequer de ferver um ovo.

E AGORA, com seu amado bebê quase chegando aos seis meses de idade, eles afinal se casariam.

Sophie olhou para seu reflexo no espelho do hotel campestre onde ela e seus

muitos amigos, assim como a mãe de Matias, optaram por passar a noite.

Rose Rivero tinha se recuperado muito bem do AVC e, como dissera a futura nora, com tanto para viver, não havia dúvida de que não ficaria doente de novo.

— Você está deslumbrante — declarou Julie, e a mãe de Matias assentiu. Elas estavam dando os toques finais na roupa de Sophie, certificando-se de que cada pequeno botão de rosa em seu arranjo de cabeça estivesse perfeito. — Vai ter o casamento de conto de fadas que sempre desejou.

Sophie riu e pensou na jornada que a trouxera até aquele ponto.

— Não foi mesmo fácil — sussurrou com sinceridade.

— Eu poderia ter dito a você que meu filho é tudo menos fácil — brincou Rose. — Mas você o fez sossegar de maneiras que nunca imaginaria possível.

— Você não diria isso se pudesse vê-lo invadindo a casa procurando as chaves do carro que ele parece perder a cada dois dias. — Sophie riu e se dirigiu à porta, enquanto as outras duas a seguiam para se encontrarem com os demais acompanhantes da noiva na recepção no andar de baixo, onde os carros esperavam para levá-los a uma igreja adorável, encravada em uma encosta, e com uma vista espetacular para o mar.

Nunca, nem em seus sonhos mais delirantes, Sophie tinha imaginado uma vida tão perfeita quanto essa.

Apesar de ainda ajudar no bufê quando era necessário, era Julie e seus três ajudantes que agora administravam o negócio.

James Carney tinha sido poupado da punição que Matias planejava para ele, mas sua vida mudara. Agora levava uma vida calma e anônima na Cornualha. Às vezes, enviava um e-mail para Sophie, e ela respondia, mas não tinha afeição pelo homem que transformara a vida de sua mãe em um pesadelo.

Matias tinha a posse plena da empresa da qual o pai deveria ter sido sócio, e o negócio prosperava, mais um negócio bem-sucedido em seu vasto império empresarial.

Mas era a situação de Eric que mais trazia felicidade a Sophie, pois o irmão tinha sido muito bem recebido por Matias e vinha desenvolvendo habilidades que ainda a surpreendiam. Eric não vivia mais preso a seu mundo. Agora ele se relacionava com o mundo exterior quase sem pânico e, para Sophie, a paciência de Matias e a doçura de Luciana desempenhavam parte importante no processo. E talvez, ela não podia deixar de considerar, ele fosse sensível o bastante para notar que a irmã vinha visitá-lo sem carregar consigo nervosismo e estresse. Ele estava seguro para sempre. Tinha começado um curso de informática e não parava de demonstrar novos interesses.

Sophie pensou em sua filha quando foi levada para a igreja. Luciana estaria lá, com a babá, e mesmo que ainda não entendesse a cerimônia, gostaria de ver as fotos quando ficasse mais velha.

Sophie inspirou profundamente enquanto deixava o Bentley que a levaria à igreja e, no instante seguinte, caminhava pela nave na direção do homem que significava tudo para ela.

Matias e os convidados se viraram assim que a música começou a tocar. Aquela era a peça final do quebra-cabeça. Estava se casando com a mulher que amava e não poderia se sentir mais orgulhoso.

A respiração pareceu morrer em sua garganta quando a viu caminhando lentamente em sua direção. O vestido creme envolvia seu corpo de forma graciosa e sensual. Sophie tinha voltado ao peso anterior e todas as suas curvas sensuais estavam ali, provocando-o. Ela carregava um buquê modesto de flores rosa pastel e o véu estava adornado por uma tiara de botões de rosa que imitava as flores em suas mãos.

Ela estava radiante. E pertencia a ele. Uma familiar sensação de posse aquecia seu peito.

Matias nunca tinha pensado em se casar, mas agora sabia que não estaria completo sem isso, sem Sophie carregando uma aliança em seu dedo. E o casamento não poderia ter sido mais do seu gosto. Sim, ele era um bilionário, mas nesse caso a simplicidade era tudo o que poderia desejar.

— Você está maravilhosa, *querida* — murmurou Matias, quando Sophie enfim o alcançou e ambos se viraram para o padre.

— Você também. — Sophie o encarou. Ele a deixava daquele jeito, ainda que o visse todos os dias, ainda que ele fizesse parte de sua vida tanto quanto o ar que respirava. Matias a fazia ofegar, fazia seu coração disparar.

A mulher mais especial da minha vida, pensou Matias, varrido por uma onda de amor. Bem... uma delas.

Ele espiou por cima do ombro e lá nos fundos da igreja estava a garota, num sono profundo.

Matias sorriu e teve certeza de que tudo estava onde deveria.

MUITO MAIS tarde, quando a festa acabou e o último dos convidados partiu, foi outra vez tomado pela sensação de posse enquanto olhava a mulher que agora era sua esposa.

Na manhã seguinte, saíram em lua de mel. Luciana iria junto, assim como sua babá e a mãe dele.

— Por que você está sorrindo? — indagou Sophie, estendendo a mão para abrir os botões de pérola do vestido cor de lavanda que tinha vestido depois da cerimônia de casamento.

Passariam a noite em um hotel antes de voar em um jatinho particular para uma das casas de campo dele, na Itália. Deitado na cama de dossel, Matias era uma visão que transbordava masculinidade. Os botões de sua camisa estavam abertos, expondo o peito musculoso e bronzeado.

— Estou sorrindo — confidenciou ele —, porque não são muitos os recém-casados que levam a mãe do noivo em sua lua de mel. — Matias fez um gesto sexy, chamando-a para que Sophie se juntasse a ele e a observou, muito excitado, enquanto ela vinha em sua direção de forma insinuante, livrando-se de suas roupas no trajeto.

Já bem próxima à cama, Sophie usava apenas um sutiã rendado, que mal conseguia conter os seios generosos, e uma calcinha cor de pêssego.

Qualquer coisa que Matias tivesse para dizer a ela sumiu, porque não resistiu a se ajeitar de lado para, em seguida, deslizar o dedo sob a calcinha rendada, aproximando-se de sua umidade almiscarada, deixando que a língua a explorasse e apreciasse por alguns instantes, enquanto Sophie entreabria as pernas para lhe dar mais acesso.

Então ele se deitou e suspirou de puro prazer quando, nua, ela se deitou ao seu lado e enfiou a mão sob a camisa dele.

— Você e Luciana significam tudo para ela — anunciou Matias. — Quero agradecer por isso, por você afastar a tristeza da vida de minha mãe e... — ele acariciou o cabelo dela e beijou-a com ternura. — Quero agradecê-la por ser minha esposa. Você enche meu mundo de cores, de luz e de música. Eu não seria nada sem você.

Sophie empurrou a camisa dele para o lado e lambeu seu mamilo até que Matias estivesse gemendo e empurrando gentilmente a cabeça dela para baixo enquanto abria o zíper da calça.

— Eu o amo — sussurrou ela. — Agora fique quieto, querido marido, porque é nossa lua de mel e há muitas coisas que quero fazer com você antes que a noite termine...

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: Legacy of His Revenge

Copyright © 2017 by Cathy Williams

Originalmente publicado em 2017

Diretora editorial:

Raquel Cozer

Gerente editorial:

Alice Mello

Editor:

Ulisses Teixeira

Copidesque:

Andrea Sales

Arte-final de capa:

William Rabello

Produção do eBook:

Ranna Studio

Editora HR Ltda.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro — 20091-005

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W689L

Williams, Cathy

Legado da vingança [recurso eletrônico] / Cathy Williams; tradução Fabia Vitiello. – 1. ed. –
Rio de Janeiro: Harlequin, 2019.
Recurso digital (Jessica; 300)

Tradução de: Legacy of his revenge

Formato: ebook

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788539826988 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Vitiello, Fabia. II. Título. III. Série.

19-56495

CDD: 823

CDU: 82-31(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

Capa

Texto de capa

Rosto

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Créditos